

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM LETRAS

ALINE ARAÚJO ROCHA

**OS CONCEITOS DE AMOR E NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA EM *O ATENEU***

SÃO LUÍS – MA

2023

**ALINE ARAÚJO ROCHA**

**OS CONCEITOS DE AMOR E NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA EM *O ATENEU***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador Prof.º Dr. Douglas de Sousa

SÃO LUÍS - MA

2023

**ALINE ARAÚJO ROCHA**

**OS CONCEITOS DE AMOR E NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA EM *O ATENEU***

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.º Dr. Douglas de Sousa

Aprovada em: 21 /06 / 2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.º Dr. Douglas de Sousa (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jurema da Silva Araujo (Examinador externo)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Solange Morais (Examinador interno)

Universidade Estadual do Maranhão

Rocha, Aline Araújo.

Os conceitos de amor e neurose de transferência em o Ateneu / Aline Araújo Rocha. – São Luís, 2023.

100f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientador: Prof. Dr. Douglas Rodrigues de Sousa.

1. O Ateneu. 2. Literatura e Psicanálise. 3. Amor de Transferência. Neurose de Transferência. I. Título.

CDU: 82-31.09:159.964.2

**Elaborado por Francisca Elany Régia Sousa Lopes - CRB 13/754**

Dedico este trabalho a Deus, o maior orientador da minha vida e a minha família.

## AGRADECIMENTOS

É nesse espaço que agradecerei a todos aqueles que de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho. Primeiramente, agradeço a Deus, orientador maior, por sua fidelidade, graça e sustentação dos meus passos nos momentos mais difíceis dessa trajetória. Ao meu orientador, Dr. Douglas Sousa, por sempre se fazer presente em todo o processo, pelo apoio, acolhimento e afetuosa orientação. Obrigada, por ter-me acolhido como orientanda. Aos meus pais, Antônio Rocha e Rosa Gusmão, que desde sempre me estimularam a prosseguir, com determinação e perseverança, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. Obrigada por acreditarem nos meus sonhos! A Nizete e ao Alan, irmãos queridos, pelo amor e incentivo nessa jornada. A meu esposo e conselheiro, Marcus Antonio, por seu amor, paciência, pela compreensão e por desempenhar tão bem o papel de pai durante todo o percurso durante as “ausências” desta mãe. A minha amada filha, Ághata Beatrice, por simplesmente existir, pela alegria e amor que me alimenta e me sustenta diariamente. A todos os amigos de todas as horas, que compartilharam comigo angústias e as alegrias desta caminhada.

Aos professores e colegas do programa de Pós-graduação em Letras da UEMA, pelas valiosas contribuições de suas aulas e pelas proveitosas discussões que trouxeram conhecimento para a realização deste trabalho. Aos professores, que aceitaram compor a banca de qualificação e defesa, que contribuíram com importantes sugestões para a versão final desse trabalho.

Posso significar o quanto esta dissertação concretiza um dos meus sonhos de vida, são muitas memórias e muitos afetos e seria impossível listar todos nesse espaço. Os tempos de mestrado foram tempos de demasiado aprendizado, não só de conhecimentos relacionados a esse estudo, mas, sobretudo, de conhecimentos relacionados à vida. Meus eternos agradecimentos a todos que de uma forma ou de outra tornaram esse sonho possível.

## **EPIGRAFE**

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Martin Luther King

## RESUMO

Este estudo investiga as ligações existentes entre psicanálise e literatura, mais especificamente a conceituação do amor e da neurose de transferência presente no discurso literário, tendo como objeto de estudo a obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Inicialmente, a proposta do trabalho é apontar as reconstruções dos principais aspectos sociais, culturais e políticos do século XIX, que marcam a narrativa em seu contexto-histórico e também literário. Principalmente, mediante as lembranças subjetivas do personagem ao longo da trama. Demonstraremos no objetivo central que é o de compreender as implicações psicológicas do romance, destacando na pesquisa os conceitos de amor e neurose, evidenciados nas relações entre Ema e Sérgio. Nesse ponto, apresenta-se a neurose de transferência apontada em um dado momento como um amor maternal que é vinculado a Ema, mas que apresenta um aspecto de desejo. Estudaremos o problema do fenômeno amoroso que, segundo a forma de estruturação do campo freudiano, permite uma polissemia do conceito nas diferentes versões e discursos culturais. Com base nos estudos de Freud e Lacan que apontam o valor do amor e sua forma de conceito, pois se marca como diferente de paixão ou de enamoramento. Por fim, dialoga-se com os conceitos de amor e neurose de transferência na perspectiva da psicanálise presente na narrativa literária de *O Ateneu*.

**Palavras-chave:** *O Ateneu*. Literatura e Psicanálise. Amor de Transferência. Neurose de Transferência.

## ABSTRACT

This study investigates the links between psychoanalysis and literature, more specifically the conceptualization of love and transference neurosis present in literary discourse, having as object of study the work *O Ateneu*, by Raul Pompéia. Initially, the proposal of the work is to point out the reconstructions of the main social, cultural and political aspects of the 19th century, which mark the narrative in its historical and also literary context. Mainly, through the subjective memories of the character throughout the plot. We will demonstrate the central objective which is to understand the psychological implications of the novel, highlighting in the research the concepts of love and neurosis, evidenced in the relationships between Ema and Sérgio. At this point, the transference neurosis is presented, identified at a given moment as a maternal love that is linked to Ema, but that presents an aspect of desire. We will study the problem of the love phenomenon that, according to the structuring of the Freudian field, allows a polysemy of the concept in different versions and cultural discourses. Based on the studies of Freud and Lacan that point out the value of love and its form of concept, as it is marked as different from passion or falling in love. Finally, it dialogues with the concepts of love and transference neurosis from the perspective of psychoanalysis present in the literary narrative of the *Athenaeum*.

**Keywords:** The *Athenaeum*. Literature and Psychoanalysis. Transfer Love. Transference Neurosis.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	09
2. APORTES PSICANÁLITICOS PRESENTES EM O ATENEU .....	21
2.1 A transferência .....	25
2.2 A pulsão.....	37
3. O RITUAL AMOROSO DE SÉRGIO POR EMA .....	50
3.1 Os fundamentos do amor.....	60
3.2 O Ateneu: desejo e proteção .....	67
4. RAUL POMPÉIA: BIOGRAFIA.....	76
4.1 Classificação e características de O Ateneu.....	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	91
REFERÊNCIAS .....	95



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar as ligações existentes entre psicanálise e literatura, mais especificamente a conceituação do amor e da neurose de transferência presente no discurso literário, tendo como objeto de estudo a obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia. Serão apontados os conceitos do amor através da trajetória literária e das percepções de neurose que se construíram, a partir dos estudos de Sigmund Freud e dos ensinamentos de Jacques Lacan, apontando a partir daí, como o indivíduo ao entrar em contato com uma nova realidade que lhe é apresentada, composta pelo mundo simbólico da cultura, e com isso acaba sendo influenciado pelo meio em que foi inserido.

O romance *O Ateneu* é considerado a principal obra de Raul Pompéia, na literatura brasileira e faz parte da escola naturalista. Publicado em 1888, *O Ateneu* é uma narrativa que retrata uma série de acontecimentos através das memórias de Sérgio, o narrador-protagonista que traz as suas experiências como aluno de um colégio de regime interno, onde relata e narra as vivências por meio da sua visão subjetiva. Defende-se nesse estudo uma análise mais técnica do texto, onde as várias preposições existentes entre literatura e psicanálise vão surgindo. Assim destacando que a literatura é um *locus de* transgressão onde os limites mesmos da linguagem são postos em *xequê*, estabelecendo uma relação entre literatura e psicanálise. Com isso, algo que estava oculto e opaco na linguagem se revela, da mesma forma a psicanálise, em seu estudo do inconsciente têm existido no limite da palavra. Portanto, para André Green a literatura trabalha no campo da ilusão e é neste conjunto numeroso que está a multiplicidade de possibilidades da representação.

Portanto, ao analisar *O Ateneu*, ressalta-se as potências de subjetividade presentes na literatura como meio para interpretar e dialogar com diferentes áreas de conhecimento, busca-se pausar e entender o conceito de amor e da neurose de transferência, mediante análise da relação de Sérgio e Ema, além de analisar o lado psicológico dos personagens. Assim, fundamentando os arranjos narrativos e interpretativos como forma de articular a literatura com a psicanálise. Não obstante, a pertinência desta proposta pode ser observada inclusive, em uma profusão de trabalhos publicados nos últimos anos. Inclusive, segundo Maria Helena Martins (2002), literatura e psicanálise são campos que se iluminam mutuamente nos seus possíveis e imponderáveis. Nesse sentido, uma não se subordina à outra; ao contrário, elas podem se utilizar

entre si, como recurso para ampliação de seus conhecimentos, aclarando-se e enriquecendo seus campos de compreensão.

Para tanto, a escolha do tema está enraizada na necessidade de estudar e esclarecer pontos fundamentais da interdisciplinaridade entre a literatura e a psicanálise. Com intuito interpretativo da narrativa com o tema do amor transferencial, havendo uma breve contextualização da questão do amor em Freud, Lacan e demais estudiosos. Para Freud (1996), a psicanálise nos ensina que o amor não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade). Já para Lacan (1972/73/2008, p.89) a psicanálise não se faz outra coisa a não ser falar de amor. Os modos pelos quais se ama e se deseja, acabam por falar a estrutura psíquica e da posição que cada indivíduo adota diante da vida. Consideradas estas questões, a saber, merece destaque as evidenciadas pela produção especializada, da articulação entre psicanálise e literatura, a escolha de um romance como objeto específico de análise oferece razões particulares. Aos diversos recortes que essas questões permeiam, observaremos a trajetória do narrador-protagonista em *O Ateneu*, assim analisando suas relações com seus pares e especialmente com Ema, que nos permite abordar questões caras à formação das subjetividades, e também questões psicanalistas, como a transferência, amor e desejo. Diante disso, deve-se entender o conceito de transferência, que é uma das representações fundamentais para entender a pesquisa com a junção da literatura e da psicanálise. De acordo com isso, entende-se que é um amor de repetição, uma relação amorosa que irá desembocar no campo do desejo.

Nesse ponto, ao analisar *O Ateneu* é destaque a constituição de uma individualidade, a exposição de seus traumas, neuroses na sociabilidade e expressão dos afetos. Em *O Ateneu* são descritos os acontecimentos na perspectiva de Sérgio, assim nota-se a impressão de que o autor busca também compreender e resolver suas próprias histórias, sendo possivelmente uma espécie de acerto de contas com o passado. Sérgio narra sua experiência traumática no microcosmo da escola, traços de comportamentos e condutas que denunciam as relações de poder são apontados, como compreensão dos vínculos que se estabelecem entre escola e sociedade. Diante disso, serão analisados nessa pesquisa os conceitos de amor e da neurose de transferência na perspectiva da psicanálise. Sendo apresentadas as várias definições de amor presentes no texto e que movem esta questão. Para tanto, o amor não tem a mesma face, dependendo da época em que se constrói e do discurso que o ampara.

Ainda aproveitando-se das muitas facetas de *O Ateneu*, pretende-se ainda trazer algumas pistas no sentido de interpretá-lo, diferentemente da análise psicológica e estilística de

Araripe Jr (2003), mas também apontar em sua narratológica seus aspectos de crítica social e política, atrelados aos valores de seu tempo. Nessa apresentação, observa-se de modo político, o ano de publicação de *O Ateneu*, 1888, marcado pelas mudanças e desfechos significativos. A partir dessa sapiência, é notório destacar a importância de se localizar e entender o lugar de Raul Pompéia, enquanto autor, da corrente do naturalismo brasileiro, tendo em vista o pensamento de alguns autores como, José Veríssimo, Sílvio Romero e Alfredo Bosi, para esse intuito destaca-se o vislumbre da fortuna crítica de Pompéia e seu romance. Destacando também as referências de seu personagem-narrador Sérgio. Logo, se procura investigar as percepções subjetivistas do personagem através da narrativa, como é explanado o aspecto psicológico desse personagem na interface dos campos da psicanálise e da literatura, através dos campos de estudos dessas ciências interdisciplinares. Aproveita-se para contextualizar o aspecto literário, mitológico e histórico da obra de Pompéia.

Ao tomar o amor de transferência como ponto crucial de estudo, esse trabalho vai apontando as ligações existentes e possíveis da interdisciplinaridade. Logo, empenha-se de maneira exaustiva a esboçar o aspecto da neurose de transferência presente no texto, de forma a compreender o aspecto comportamental e psicológico do personagem Sérgio, e sua relação afetiva por Ema, já que esse personagem alimenta uma atração e desejo. Todavia, dialoga de maneira honrosa com o estudo sobre o amor transferencial, que se destaca no capítulo XII do livro. Isso tudo, é apresentado como um amor sublime e oculto, que se fantasia de erotismo em dado momento, porém revela-se como um amor de idealização. Mas que é apresentado de muitas maneiras, ora ou outra como um amor substancial com base na carência do afeto materno. Nesse ponto de vista, sabemos que Pompéia é um autor que abarca muitas leituras, tendências e preferências. Por isso, há necessidade de se explorar a sua bibliografia acerca da obra para referir-se as suas subjetividades que estão presentes em sua escrita e possivelmente em *O Ateneu*.

Avançando na leitura do texto, destaca-se também o caráter memorialístico da narração *d'O Ateneu*, enfatizando que a obra é construída a partir de uma série de acontecimentos que remontam as memórias de Sérgio. Neste viés, *O Ateneu* é um romance de suma importância no aspecto literário brasileiro, abordando a concepção do universo escolar, propiciando por meio de relatos as práticas através das lembranças do personagem. Sendo capaz, não apenas elucidar as ações, como também conceber críticas a valores e comportamentos subjetivos e intimistas que simbolizam toda a sociedade de uma época.

Consequentemente, baseando-se nos apontamentos e reflexões, a pesquisa aponta para a discussão dos problemas narrativos *d'O Ateneu*, que constitui algo fundamental não apenas para a explicação de seu próprio apagamento na fortuna crítica do romance, mas também para a revisão dos fundamentos e pressupostos da obra. Seja pela aparência interna da narrativa como expressão de um narrador subjetivamente caracterizado, ou pela análise específica do processo e funcionamento narrativo *d'O Ateneu*. Bem como, verifica através da menção e percepção de Araripe Junior (1963-2003), a exaltação da estética da obra, consolidando sua inserção como um clássico da literatura brasileira. Inclusive, segundo Ítalo Calvino (2007), um clássico é um livro que nunca terminou tudo o que tinha para dizer. No entanto, diante de tantos estudos que tenham sido realizados sobre a obra, ainda há muito para se desvendar sobre *O Ateneu*.

Primordialmente, as considerações a obra de Pompéia, não trata em suma, apenas de um romance de tese. Não ao gosto do naturalismo, em que a obra é inserida. Logo no início, alcança-se destaque o enunciando da fala premonitória do pai do menino Sérgio, a “tese” de que o mundo é uma luta, e que é preciso coragem para enfrentá-lo. Em vista disso, a fala paterna parece principiar, antecipar e até mesmo encerrar em si todo sentido humano do texto, visto que, temos o destaque da quebra de ambientes para o personagem entre sua percepção de ambiente doméstico, com os cuidados maternos e afetivos para a configuração do despertar para a jornada social, com a apresentação do ambiente da sociedade. Dentro dessa menção, é o que de fato Sérgio se depara com o microcosmo do internato, assim vai narrando em caráter memorialístico os traços de comportamentos e condutas sociais de maneira intimista e subjetiva, que apontam para proximidades e percepções psicanalistas.

Diante de tais fatos, que são trazidos os aspectos psicológicos da narrativa, e assim comprova-se os idílios de Sérgio dentro do texto, estudando as ligações existentes nas entrelinhas, incluindo a relação afetuosa que Sérgio mantém por Ema. Por isso, busca-se identificar com base na psicanálise, os fundamentos do amor e como tenta preencher a falta que no campo do desejo é impossível de ser preenchida. Desse modo, estudaremos e investigaremos possíveis articulações entre amor, pulsão e desejo. Com base nessa linha de estudo da pesquisa sobre o aspecto psicanalítico da obra, aponta-se os conceitos sobre o amor e também se menciona a presença da neurose de transferência, especificamente do amor transferencial dentro da narrativa. Considerando-se que, em dados momentos isso não apareça formalmente no texto, mas a pesquisa se interessa pelo autor, pelas circunstâncias da narrativa e de seu personagem principal, com o intuito não só de verificar os componentes da transferência, como principalmente o de analisar os vínculos afetivos de Ema e Sérgio em sua narração, de certo,

envolvidos na manifestação da neurose de transferência do anfitrião da obra. Além das características subjetivistas e socioculturais dando ênfase ao modo como foi escrito e também seu contexto histórico.

*O Ateneu*, de Raul Pompéia apresenta valor significativo de estudo na área da psicanálise podendo-se também utilizar-se, ao lado, da literatura e suas muitas vertentes. Pois, a linguagem constitui um roteiro para a compreensão do psíquico dos personagens no que tange as necessidades humanas reconhecidas e anunciadas no decorrer da trama. Sobre esse exemplo do texto literário *O Ateneu*, concebe a intenção de demonstrar os problemas psíquicos no contexto individual através do personagem. Tenciona-se desnudar o amor transferencial, presente nas linhas escritas por Pompéia, com intuito de ressaltar a notável influência da literatura no campo da psicanálise. É de sumo interesse observar que, esse estudo faz o apontamento de uma obra, que é tão necessária no que tange suas reconstruções dos principais aspectos sociais, culturais e políticos do século XIX. Principalmente, mediante as lembranças subjetivas do personagem Sérgio que ao longo da trama, essas são externadas e colocadas como memórias individuais interligadas aos aspectos coletivos, que se intercalam com o viés literário, atrelados assim aos aspectos da psicanálise. Nesse viés, a obra não só expõe sua crônica de saudades, mais aborda as concepções subjetivas das memórias do personagem Sérgio.

*O Ateneu*, de um modo geral, classificar-se no naturalismo, a obra é marcada por traços de análise e compreensão da sociedade. Logo, é abarcada por marcas do determinismo, onde os personagens são condicionados por sua raça, meio é momento histórico-cultural em que viviam. Assim, veremos na narrativa de *O Ateneu*, uma análise psicológica e realista, com prevalências das motivações biológicas. Nessa situação, são apontadas as concepções do crítico Alfredo Bosi (2003), em seu ensaio sobre *O Ateneu*, onde nessa passagem moderna do final do século XIV, e perante a influência de pensadores como Nietzsche e Freud, aponta o crescimento significativo, inclusive no Brasil da necessidade de se dar livre curso à subjetividade e às paixões, distante das determinações da lei. Essa tal passagem crucial da época moderna, orientava-se na direção do impressionismo, do expressionismo, também do simbolismo, não obstante tangenciando concomitantemente as diversas correntes, que foi certamente o que foi feito na escrita de Pompéia.

À vista disso, *O Ateneu* ainda é de fato inclassificável na visão de Bosi (2003), o crítico afirma que a obra não se filiou a nenhuma escola literária de fato, além disso, também escapou da escravidão dos muitos gêneros, pois a escrita de Pompéia vai transitando livremente entre a ficção, a poesia e o ensaio. Conseqüentemente, é extremamente significativo trazer para o

campo da pesquisa uma obra de tamanha grandeza literária como é vista em *O Ateneu*, que ensina as correspondências entre literatura e psicanálise expondo as muitas veredas comuns. Sobretudo, porque literatura sempre disponibilizou metáforas, imagens, arquétipos e conceitos ao saber psicanalítico. Sendo esses, aproveitado em várias instâncias (neuroses, narcisismo, bovarismo, entre tantos). Para Leyla Perrone-Moisés, “é pelo fato de lidar sempre com metáforas, que a literatura não precisou esperar a psicanálise para dizer o inconsciente e seu complexo funcionamento” (MOISÉS, 2002, p. 211). Possivelmente, existe uma relação de mão dupla entre ambas, mas indubitavelmente, a psicanálise aparenta ser mais devedora da literatura do que o contrário.

Assim, além do objetivo central desta pesquisa que é o de compreender as implicações psicológicas do romance. Analisar o objeto de pesquisa que é a neurose evidenciada no amor concebido a Ema por Sérgio, faz uma apresentação da neurose de transferência apontada em um dando momento como um amor materno que é vinculado a Ema, porém também ligada ao aspecto do desejo sexual, da pulsão. Por se tratar de um amor de transferência que se correlaciona de forma oculta, o sentimento do personagem Sérgio por Ema, que é visto em dado momento como um amor platônico. Na narrativa são lançadas ao leitor as lembranças de Sérgio, por intermédio delas que narrados seus traumas individuais, que é relatado por suas memórias. Justifica-se para Seligmann-Silva (Apud Ginzburg, 2008, p. 51) que esse trauma individual é “para a psicanálise, a experiência traumática que não pode ser assimilada de modo completo; por isso ocorre à repetição constante, alucinatória, por parte da vítima, da cena de impacto”. Portanto, a necessidade de se narrar o trauma se faz necessário tanto para Pompéia enquanto autor, como para Sérgio enquanto narrador-personagem.

Ao problematizar tais questões, mostra-se que *O Ateneu* é uma obra contemporânea e pode refletir sobre as práticas sociais e subjetivas. Para tanto, leva-se a considerar e trabalhar implicações oriundas de tais apontamentos, que mesmo após tantas décadas, ainda fazem parte do contexto atual. Por conseguinte, a relevância de um estudo dessa obra justifica-se, acima de tudo, por possibilitar uma reflexão e análise mais profunda das relações subjetivas do ser a partir de uma perspectiva do indivíduo mediante o ambiente social de uma determinada época, além de destacar as neuroses omitidas pelo caráter intimista e individualista do narrador. Servindo como base para um estudo mais aprofundado das expressões específicas através da literatura, apontando para uma problemática delimitada, tanto pela escolha do conceito psicanalítico a ser explorado quanto pela obra literária que nos servirá de objeto de estudo.

É de grande relevância um estudo entre essas duas ciências interdisciplinares como, psicanálise e literatura justificam-se, acima de tudo, por abrangerem uma reflexão e análise mais profunda das relações que abrangem aspectos do comportamento do indivíduo, dilemas, traumas e tudo aquilo que influencia em seu comportamento ou analisa seu lado psicanalítico. Desse modo, a interpretação psicanalítica se inclui entre as múltiplas interpretações que enriquecem o patrimônio cultural, demonstrando como a disponibilidade interpretativa da subjetividade submetida ao imperativo de produção no simbólico, consegue efeitos de sublimação tanto quanto a criatividade dos poetas que descrevem personagens que se situam, pela sua representatividade no cenário social, entre fato e ficção denunciando as repressões secundárias (BRASIL, 1992, p. 84-5)

O presente trabalho, portanto, será apresentado em três capítulos. No primeiro capítulo, pretende-se abordar *O Ateneu* em seus aspectos psicanalíticos. Dessa forma, será explanado neste capítulo inicial as percepções psicanalíticas, incluindo as temáticas sobre o amor, o desejo, a transferência que serão instrumentos basilares para esta pesquisa. Nessa visão, tanto a psicanálise quanto a literatura se configuram como práticas que experimentam a linguagem como material primário. Observando, a crítica psicanalítica em busca da profundidade e complexidade do texto literário. Assim, evidenciando, as implicações mais complexas e as multiplicidades e as contradições presentes.

Nessa situação, serão vistos o contexto da transferência com base nos contextos da psicanálise, assim como a influência de todo esse cenário na escrita e pensamento do autor. Portanto, essas breves considerações iniciais são necessárias, visto que, neste trabalho propõe-se a estudar a subjetividade e o inconsciente do personagem Sérgio, fazendo uma análise através do viés psicológico.

Neste capítulo inicial serão apontados os estudos e conceitos psicanalíticos mediante os estudos de Freud, o conceito da transferência, que é marco fundamental para o entendimento sobre o amor descrito na narrativa. Tudo isso, é visto e estudado através de experiências regressivas infantis, além disso a pesquisa traz as contribuições de Jacques Lacan, com o objetivo de explicitar também os conceitos da transferência em relação a trajetória amorosa apresentada em *O Ateneu*. Em resumo, essa pesquisa aponta como a transferência, a pulsão são temas interligados que requerem experiência viva necessária para que a transmissão da psicanálise seja analisada na literatura. Serão feitos apontamentos em relação a posição de *O Ateneu* e a união dos aspectos da psicanálise e suas influências mencionadas e vistas na narrativa.

No segundo capítulo, verifica-se uma análise relevante sobre o enamoramento de Sérgio por Ema, uma possível apresentação e entendimento aprofundado sobre essa relação, através das memórias individuais do personagem. É pretendido o entendimento da atração entre eles e para uma análise desse ritual amoroso a partir da perspectiva do desejo e da pulsão vistas em Sérgio, analisando o lado psicanalítico. Propõe-se uma análise da obra, trazendo aportes psicanalíticos do romance. Investiga-se o inconsciente do personagem na narrativa, buscando desvendar o estilo formal e psicológico. Assim deve-se estudar dentro deste capítulo as relações dos aspectos da psicanálise, que servirão de base para compreender os eixos da ligação do ritual de amor de Sérgio por Ema, dando-lhe questões sugestivas de um amor platônico, mas que muitas das vezes é representando como um amor que deseja o objeto amado, o idealizando também com apelo a aparência sexual.

Diante tal fato, somente a psicanálise pode apontar com clareza como definir tais atos e conceitua-los dentro do campo das possíveis neuroses e pulsões reprimidas de Sérgio. Para tanto ao analisar o texto literário com base nos fundamentos da psicanálise, isso será evidenciado a partir de três pontos cruciais que fortalecerão esse estudo: a diversidade de teorias psicanalíticas, conforme as teorias (freudianas, lacanianas, junguianas, kleinianas, etc.). inclusive para Terry Eagleton (2006), ao analisar a crítica psicanalítica, divide-a em quatro tipos, dependendo daquilo que ela toma por objeto de atenção. Mediante isso, a crítica literária psicanalítica pode se voltar para o autor da obra, para o conteúdo, para a construção formal, ou para o leitor. Para o teórico, a ênfase tem sido dada aos dois primeiros tipos.

Busca-se nesse segundo capítulo, diante de uma leitura atenta de *O Ateneu*, analisar também a partir da percepção da psicanálise o imaginário do personagem Sérgio, objetivando-se em entender a questão do amor e do desejo que gerou uma idealização deste personagem por Ema. Nota-se que toda a narrativa de Sérgio, juntamente com as demais cenas do romance destacam-se o quanto o narrador busca em suas memórias da infância uma sucessão de lembranças que acabam por fortificar suas possíveis neuroses, assim comprovando os acontecimentos durante o enredo. Por meio dos relatos de Sérgio, ao descrever seus pares nesta narração, principalmente, Ema, a esposa de Aristarco, percebemos que são muitos os relacionamentos e comportamentos que formam a escrita de *O Ateneu*. A seguir, faremos uma discussão acerca do amor transferencial que ganha uma notoriedade maior no capítulo XII da narrativa, a respeito do foco principal que é entender a partir de uma discussão teórica o surgimento e desenrolar desta neurose no personagem. Além de trazer a partir do contexto

psicanalítico as carências precoces: orfandades, afastamentos bruscos das figuras parentais na infância como foco para um estudo mais detalhado deste texto literário.

O enfoque principal serão as perspectivas psicanalíticas sobre o amor, o desejo e neurose de transferência a partir da perspectiva do ato amoroso e enlaçamento dos personagens Sérgio e Ema. Portanto, a intenção é focalizar uma particularidade da transferência, apontando para o manejo da transferência erótica, ou o amor transferencial, na convicção de Freud. Antes de mais nada, é pretendido entender a transferência como uma experiência humana universal, relacionada ao campo dos relacionamentos interpessoais, com base nessa visão, pretende-se dialogar com a percepção psicanalítica e a trama do personagem de *O Ateneu*. Para isso, a abordagem centraliza-se nas discussões de ordem psicanalíticas e literárias, assim permitindo uma maior compreensão do pensamento do personagem.

No terceiro capítulo, será feita uma análise com perfil biográfico sobre a vida do autor de *O Ateneu* e seu contexto histórico literário. Nessa visão, é perceptível que a literatura retrata os traços históricos sociais e culturais que fazem parte de seus contextos de produção. Logo, Pompéia traz na escrita de *O Ateneu* as circunstâncias socioculturais de sua época, em sua obra, foram apresentadas os estigmas vivenciados no ambiente do internato, desse jeito tais representações vivenciadas, são reflexos da sociedade, que são carregados pelo personagem em sua personalidade.

Por fim, ao se discutir como amor se articula às pulsões e transformações. Deseja-se estudar o amor de Sérgio por Ema, visto na perspectiva psicanalista como esse amor é abordado, como um sentimento da paixão, fundamentando-se nos estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Haja vista que, Freud elabora o conceito de pulsão (*Trieb*), com base para uma teoria sobre a sexualidade humana. Para ele, as pulsões, são dadas como representantes psíquicos “dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (*Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*). Para o autor esta junção se situa no limite entre o psíquico e o somático e são divididas em dois grupos: pulsões do ego (amor) e pulsões sexuais (desejo). Aproveitando-se desse conceito, deve-se mostrar como Lacan aborda as pulsões como, efeitos da relação do recém chegado ao mundo com o primeiro representante do *Outro*. A teoria pulsional concentra-se no eixo imaginário, narcísico, primeiro verificando a abertura que apresenta para só então estabelecer a teoria pulsional no eixo simbólico. Aqui, antecipa-se o que será visto na formação dos capítulos desta pesquisa.

## 2 APORTES PSICANÁLITICOS PRESENTES EM O ATENEU

Este capítulo tem como objetivo abordar os aportes psicanalíticos na narrativa de *O Ateneu*, com a intenção de enquadramento dos aspectos gerais dessa escrita, abarcando e fundamentando as alegorias intrínsecas a pesquisa. *O Ateneu* é um romance em que Sérgio, já adulto, conta-nos suas memórias de infância e adolescência em um colégio interno, que dá nome ao livro. Concordante com o exposto, *O Ateneu* é uma obra marcada por características sociais, políticas e culturais. A leitura do romance, é feita a partir de uma realidade específica, que é: *analisar o viés psicanalítico da narrativa*. O autor parte de reminiscências da infância e juventude para forjar o personagem-narrador *Sérgio* e por meio desse personagem vai, ao longo da trama, não só expor suas “saudades” traumatizantes de sua experiência passada em uma escola-internato como, também, descortinando suas concepções políticas e sociais a partir da escrita de Raul Pompéia.

Existe a necessidade de se estudar as percepções psicanalíticas, incluindo temáticas sobre amor, desejo e transferência que são instrumentos basilares para esta pesquisa. Assim despertando grande curiosidade, interesse e até mesmo encanto na maioria das pessoas. Desse modo, os temas citados acima foram trabalhados antes do surgimento da psicanálise e não são conceitos pertencentes apenas ao campo psicanalítico, porém se fazem importantes para a psicanálise, por ambos dizerem da relação do sujeito com sua falta. Em suma, a especificidade psicanalítica está, exatamente, neste atributo de beneficiar-se dos outros campos do conhecimento, para basear seus estudos e sem se confundir com os mesmos. Compactuado com essa visão, Cesarotto (1984) fala sobre isso:

“No final das contas, Freud insistia em dizer que os poetas e os artistas teriam um acesso mais fácil a verdade, talvez por não ficarem presos a esquemas e preconceitos enferrujados (CESAROTTO, SOUZA LEITE, 1984, p. 82).

Portanto, *O Ateneu* entre as obras brasileiras apresenta um estilo formal e psicológico, segundo Araripe Jr., crítico agudo e perspicaz, é notório que se identifica na escrita formal de Pompéia o ponto original e excelente do livro. Diante disso, para psicanálise, deve-se atentar para Sérgio, personagem central, que traz as representações de suas metáforas da psique (id, ego e superego) sendo todas relatadas a partir das experiências educacionais do narrador. Sendo de grandes relevâncias os conceitos da transferência na narrativa de Pompéia. Nisso, percebe-se que a transferência está presente em todas as nossas relações e, por esse aspecto, ela em nada

difere do que se passa no amor. Afinal, quando nos apaixonamos, resumimos nesse sentimento uma série de experiências anteriores. (Maurano, 2006, p 18)

A partir desse recorte, é necessário que possamos ampliar os aspectos de análise da obra para um maior entendimento dentro da percepção psicanalista, incluindo a visão da transferência com objetivo de um estudo mais crítico e apropriado da narrativa. Em *O Ateneu* destaca-se o desfecho da relação entre Sérgio e Ema afim de abordar tais proximidades entre os conceitos psicanalíticos que são apresentados no texto literário, propomos um cotejo entre estes, cujo percurso passará pelo amor transferencial. É possível verificar o conceito desse amor na teoria freudiana, logo caberia questionar em que medida o campo amoroso englobaria os conceitos de sexualidade, amor, libido, afeto e pulsão e, ainda, como poderia ser entendida a forma de sua relação. Desta forma, vale ressaltar que o nosso interesse no texto é fazer uma análise da obra que seja fundamentada com a teoria freudiana por um viés lacaniano, cujo objetivo engloba o estudo do tema – o amor transferencial – em sua amplitude e complexidade

Na narrativa de Pompéia é possível apontar a percepção do amor dentro do contexto psicanalítico. Assim, quando se fala em amor, destaca-se que amar coloca em cena dois lugares: o de sujeito (amante), aqui temos a representação de Sérgio e objeto (amado), a identificação de Ema, enquanto ser amado. Portanto, aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é, ocupa-se o lugar de amante. Para Ferreira (2004), aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. Desse modo, o que falta? O objeto do desejo, se ele existisse, aqueles que tivessem a sorte de achá-lo teriam encontrado o verdadeiro amor. Inclusive dialogando com isso, vemos no amor de Sérgio por Ema a presença marcante de Camões<sup>1</sup> com a beleza e ideal da mulher amada. Camões em sua narrativa irá representar, da mesma forma idealizada, a mulher através de características físicas e psicológicas que se realizam esteticamente através do entendimento que o eu-lírico tem do Amor em suas vicissitudes.

Nessa vertente, percebe-se na escrita de *O Ateneu* um cenário de idealização de Sérgio, onde seu objeto de desejo, Ema, é colocado como algo sublime e que povoa seus sonhos inconsciente. Aqui têm-se uma ligação aparente com a escrita Camoniana, quando se descreve a perfeição de uma mulher em sua visão idealizadora:

---

<sup>1</sup> CAMÕES, Luís de. Luís de Camões- lírica completa. (Pref. e notas Maria de Lourdes Saraiva). Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1980. p. 85. v. 1.22

Erigindo, porém o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também cor de jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me. [...] O poemeto de amor materno deliciou-me como uma divina música (POMPEIA, 2015, p. 41-42).

Nesse sentido, temos presente na escrita de Pompéia de forma bem autêntica fundamentados no amor cortês, essa representação das características da mulher derivada dos modelos tradicionais que eram desenvolvidas com as temáticas dos cancioneiros, como poderá ser percebido em um vilancete ao mote: "Descalça vai pera fonte..."; onde tais características foram aproveitadas em termos psicológicos e representam algo mais em relação ao amor e a experiência do eu-lírico. Assim ao descrever Ema em alguns trechos do texto de *O Ateneu*, Sérgio traz em sua narrativa o estereótipo convencional que vem se reforçado na mulher camoniana, principalmente nos olhos, tidos como janelas da alma pelos quais entram os reflexos do mundo visível e por onde sai a luz do invisível; apresentação de seus tons, com seu matiz moreno rosa que faz referência ao tom do jambo, do fruto proibido. Também metaforizando a raridade da beleza da mulher; e nos gestos e maneiras delicadas, sugerindo a elevação espiritual da mulher. Nesse apelo detalhista de Sérgio, percebe-se as expressões e as características plásticas realmente significativas para a descrição da psique e do amor do eu-lírico que desperta em seu inconsciente por sua amada Ema, nota-se aqui o amor transferência sendo estabelecido nessa relação feita em uma comunhão de significados.

Preliminarmente, quando estudamos a psicanálise, ela nos ensina que o amor não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade), nem o desconforto do homem no mundo, segundo Ferreira (2004). Dessa forma, para Freud, em seu texto *Mal-estar na civilização* (1930), são indicadas as fontes principais desse desconforto: são elencadas com as exigências imperativas do social, a degradação do corpo, a morte e os conflitos inerentes aos laços sociais (amor, relações familiares, de trabalho e de amizade). Por fim, sem dúvida, o amor, a religião e os ideais de revolução social são estabelecidos como fatores de transformação para o mundo, sendo aplicados como parte das grandes ilusões humanas: fraternidade, eternidade, felicidade e liberdade. Com base nesses apontamentos e reflexões, podemos concluir provisoriamente que a discussão em relação as

percepções psicanalíticas d'*O Ateneu* serão avaliadas a partir da busca de entendimento da relação estabelecida entre os personagens Sérgio e Emma.

No romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia são apresentados também os aspectos relacionados a historicidade política e literária da obra, a partir de uma realidade específica. Diante desse contexto, aponta-se na escrita de Pompéia características bem específicas que servem de base para um estudo psicanalítico da obra. Onde mediante a visão do autor com suas reminiscências da infância e juventude é forjado o personagem-narrador Sérgio, assim ao longo da trama da narrativa vai sendo retratado e não só exposto as suas experiências passadas em torno de microcosmo de *O Ateneu*, que era visto como, a representação da sociedade da época. Incluindo, sua relação afetiva com a personagem Ema, marcada por uma possível neurose de transferência estabelecida dentro da análise psicanalítica da narrativa. Desta maneira, a partir desse estudo, nota-se que a literatura é terra fértil para as muitas análises e interpretações, abrangendo-se das muitas ciências. Segundo Alfredo Bosi (Idem, p.206-7, grifo do autor), temos a representação perfeita dos aspectos sociais, culturais e políticos de uma sociedade.

Nesse viés, é de grande importância destacar análise de Bosi em relação a perspectiva da narrativa. Bosi (2003), ainda cita que a narrativa de *O Ateneu* é uma executável configuração do mundo e do ressentimento em que estava mergulhado a personalidade de Pompéia. Posto que na primeira parte, o autor destaca a cultura brasileira da época, denunciando a letargia da vida nacional sob um reinado de um tirano. No segundo aspecto, ele fala da arte em contexto geral, depreciando a arte romântica e defendendo uma produção artística, com base nos estudos freudianos. Já na terceira fase, são apontados os vínculos que prendem a escola a sociedade, ainda destacando os aspectos de predominância do mais forte sobre os mais fracos. Incluindo nesses aspectos psicológicos, as angustias sexuais da puberdade que latejam em *O Ateneu*. Primordialmente, Bosi (2003), destaca também o caráter memorialista de Pompéia em sua narrativa com a finura da observação moral. Destacando, as contribuições de conteúdo que a psicanálise faz com a leitura do romance apontando seus recalques e neuroses.

Nessa circunstância, destaca-se que a literatura pode ser compreendida como a arte de criar e recriar textos. Ela antecede a Psicanálise e pode ser vista como expressão do inconsciente para, mediante as palavras, apreender e compreender a experiência do corpo com a realidade. Há ditos que em cada explanação ou discurso, uma palavra dita, uma palavra não dita, é capaz de existir uma aposta no desejo do sujeito. E tudo isso é de interesse da Psicanálise. Logo, para a Psicanálise, é por meio da linguagem falada ou escrita, que o sujeito se constitui e o discurso se faz presente, proporcionado o trabalho com o inconsciente

É importante apontar que *O Ateneu* (1888), traz em suas percepções um retrato fidedigno da realidade, abrangendo traços do indivíduo de maneira objetiva, dando preferências as relações e vivências, com ênfase na maneira descritiva do ambiente. Inclusive para Catello (2004), esse retrato fidedigno é marcado pelos traços do realismo presentes na narrativa de Pompéia, era “de observação direta, visando à reprodução fiel da realidade, preso às camadas sociais populares e pequeno burguesas, acentua-se o comportamento sexual, impulsos dos instintos e dramas daí decorrentes” (CASTELLO, 2004, p. 395). Ainda dialogando com tais apontamentos, verifica-se os argumentos também trazidos por Lúcia Miguel Pereira e Wilson Martins que apontam na escrita de Pompéia uma análise psicológica.

Para os fins de análise desse aspecto psico-literário, *O Ateneu* carrega marcas e características singulares da época de sua escrita, além das críticas consolidadas de uma sociedade que na percepção do autor, escondia sua iniquidade atrás dos pomposos status sociais que são apontados através das representações psicológicas dos personagens. Percebe-se aqui, como a narrativa consegue trazer embasamento para os textos psicanalíticos, mediante tais representações, aponta-se o lastro da experiência particular do narrador, trazendo possíveis neuroses apontadas e representadas pelo personagem Sérgio, temos aqui a ampliação da voz narradora. É visto, o ressentimento de Sérgio adulto produzindo no romance uma densidade bem reflexiva, onde se exige que as fronteiras do mundo narrado sejam ultrapassadas, trazendo a consciência do narrador.

Ao analisar essa densidade reflexiva do romance, aponta-se a visão de Lacan (1975-1976/2003), demonstrou que a arte pode funcionar para o escritor como um sustentáculo, possibilitando uma saída do seu adoecimento. Nesse ponto, infere-se que Raul Pompéia mostrava nas entrelinhas de *O Ateneu*, suas possíveis decepções e neuroses. Pois, a narrativa na obra de Pompéia, não se confina exclusivamente a interioridade de Sérgio, conforme apontou o crítico Silviano Santiago, o emprego do eu como pessoa da narrativa acaba constituindo uma ambiguidade na obra de Pompéia, ainda para Silviano, à medida que o livro vai sendo esmiuçado, o livro deixa de ser de memórias e introspectivo, para apresentar-se como um romance que tecnicamente analisa imaginariamente os sentimentos e emoções também do outro, através da visão do personagem principal, que é percebível o andamento de suas neuroses e ansiedades em relação aos demais personagens, assim como seu suposto amor platônico por Ema, visto como uma possível transferência, pois apresenta-se como um objeto de desejo. Um objeto que tem como característica essencial o fato de se apresentar como algo faltante, e de também apontar uma promessa, constituindo-se como causa de desejo. Pois desse jeito,

inauguramos nossa atividade psíquica nos tornando sujeitos desejantes. Por isto, verifica-se que Ema é o objeto de desejo para o personagem Sérgio, desta maneira, uma possível transferência é apresentada e estudaremos isso no campo da psicanálise. Sendo a partir disso, que avançaremos no ensino sobre a neurose, buscando um aprofundamento aos conceitos relevantes para a Psicanálise.

Sobre essa relação da Psicanálise com a linguagem literária, especificamente com a escrita de *O Ateneu*. É destaque aportes que fundamentam o amor de transferência, utilizando como base os estudos de Freud e Lacan para justificar as possibilidades de suas ligações à teoria, incluindo também vertentes sobre o complexo de Édipo (e ao intrínseco conceito de complexo de castração). Pois, a transferência aponta as reedições de conteúdos edípicos, assim o complexo de Édipo, na visão fundamental de Freud, tem seus primeiros estudos em função da transferência. De certa maneira, tudo o que é descoberto no complexo de Édipo coaduna com a teoria sobre a dinâmica da transferência. Para Freud na transferência, o analista é colocado no lugar de uma das imagos primordiais do indivíduo: imago paterna, imago fraterna, ou imago materna. Logo, ao fazer uma análise da narrativa de *O Ateneu*, temos a representação de Ema na figura da imago materna. Onde também destaca-se apontar, as definições de amor, e as ligações de uma dependência afetiva de alguns personagens, através do qual são atuadas as experiências regressivas infantis do personagem Sérgio.

Conclui-se que, Sérgio de *O Ateneu*, põe em destaque seus conflitos de adolescente, que são apresentados através das relações com outros personagens, que são retratados no microcosmo do internato, como seres grotescos, maldosos, com apetite sexual e animalesco. Com ânsia por sexo e poder, exibindo uma realidade crua e sem máscaras, totalmente diferente de sua “estufa de carinho”, seu ambiente familiar. Obviamente, diante dessa análise da narrativa, que alude aos conflitos da espécie humana, limita-se investigar com base na psicanálise a escrita de *O Ateneu*, utilizando a teoria freudiana da transferência, que faz uma rápida alusão às considerações do pensamento lacaniano, justamente visando abranger um estudo das relações entre literatura e psicanálise para o maior entendimento da relação do amor de transferência com o texto de Pompéia.

## 2.1 A transferência

A transferência está presente em todas as nossas relações e, por esse aspecto, ela em nada difere do que se passa no amor. Afinal, quando nos apaixonamos, resumimos nesse sentimento

uma série de experiências anteriores. A transferência, na opinião comum, é representada como um afeto. Qualificam-na, vagamente de positiva, ou de negativa. Freud colocou muito cedo, a questão da autenticidade do amor tal como ele a produz na transferência. Para dizer logo, a tendência geral é sustentar que ali se trata de uma espécie de falso amor, de sombra de amor. Freud, ao contrário, está longe de ter feito pender a balança neste sentido”. (Lacan, 1964 pg119).

Nessa vertente, o conceito da transferência em Freud, diante da percepção psicanalista, aponta a transferência como uma das mais importantes descobertas de Freud (1905), pois constitui um elemento central e principal de qualquer tipo de psicoterapia psicanalítica. Também se reconhece a interpretação adequada da transferência como um veículo importante para desvendar as experiências revistas e remodeladas de relacionamentos passados e também o desenvolvimento dos modelos costumeiros de relação e sentimentos interpessoais. Para tanto, a transferência, em um significado mais amplo, nos apresenta nossa experiência de relacionamentos passados que acabam afetando nossas relações presentes, embora de maneiras complexas das quais não temos consciência.

A narrativa de *O Ateneu* como base para essa análise sobre a transferência é destaque pelo seu viés psicanalítico, especificamente abordando a projeção do modelo Psico-familiar no plano da literatura, que segundo as reflexões de Marthe Robert (2003), ao buscarem em Freud sua sustentação, permitem que se reflita sobre os sentidos que o gênero romance pode ter herdado do romance familiar<sup>2</sup>. Robert em seu livro *romance das origens, origens do romance* (2007), reconhece na índole do personagem de ficção a reprodução da problemática básica do desenvolvimento psicológico. Onde inicialmente na primeira fase, temos a onipotência do desejo, pois o indivíduo imagina-se preso a generosidade de seus pais, supostamente adotivos, sonha com um futuro encantado que compense os infortúnios da origem. Já na segunda fase, o indivíduo se considera um bastardo e se desobriga da família, valorizando a sua identidade e assim parte para o enfretamento da sua realidade extrafamiliar. Nesse raciocínio, vamos apontar essa relação entre personagem e ambiente familiar, aqui percebe-se as máscaras ficcionais. Pois, no romance existe a presença de três Sérgio, a criança ingênua, que configura a onipotência sexual do desejo infantil. O Sérgio adolescente perplexo com o cenário, e o adulto que faz a narrativa irônica, a síntese do desencanto. Nesse ponto, o Sérgio menino e adolescente estão

---

<sup>2</sup> O romance familiar apoia-se nos sentimentos de medo e de decepção que se apoderam da criança: o medo de perder o amor dos pais e a decepção que sofre ao perceber que seus pais não são deuses, nem heróis. Ela passa, então, a construir narrativas, embasadas na fantasia, para corrigir, dessa maneira, a realidade com a qual se decepciona.

inclusos no tempo da formação de personalidade, e o Sérgio adulto com a possibilidade de escolhas e com a personalidade pronta.

Ao analisar a narrativa é notável que adolescência domina as lembranças e as possíveis projeções do inconsciente infantil de Sérgio, aqui podemos observar a transferência sendo feita nas suas relações. Aristarco é colocado como pai, Ema em dados momentos é vista como uma mãe, sendo estabelecido um elo com esse ambiente anterior. Mediante toda essa relação o ambiente escolar cria uma ambientação do seu ambiente familiar, por meio do imaginário ficcional, que faz parte do estudo psico-familiar de Marthe Robert, baseando-se no *romance familiar* de Freud. Visto isso,

Apresentam-se as nuances relacionadas a transferência, onde têm-se como base o estudo da personalidade do personagem Sérgio, e dos seus sentimentos amorosos que oportunamente são transferidos para Ema, mesmo que de forma inconsciente. Portanto, após estudos sobre tais percepções, destaca-se a contribuição de autores como, Freud e Lacan acerca das representações do amor de transferência, que são apontados na narrativa de *O Ateneu*.

Com isso, pretende-se ampliar essas análises e discursões através de outros estudos bibliográficos, assim como, de outros trabalhos importantes. De acordo com isso, a crítica é basicamente interpretativa, ainda que não ignore as escolhas estéticas do texto. Diante da ótica lacaniana, como afirma Souza (2009, p. 252), “não é o texto literário que faz o papel de mediador entre a clínica e a teoria, e sim a psicanálise que é a mediadora entre as obras e os leitores”. Para Lacan (1964/1985), a inserção na linguagem é o que marca a subjetividade do sujeito. Desse jeito, Lacan (1964/1985, p. 193) afirma que “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem” e, como tal, a presença do desejo se faz pela articulação de um significante a outro significante.

Portanto, observar-se o desenvolvimento do sujeito, constatamos que ele nasce em total desamparo, de tal forma que, se não for tomado por um Outro que dele cuide, que olhe por ele, que responda por ele, está fadado a não sobreviver. Assim sendo, quando é vista a relação de Sérgio com Ema, existe ali a necessidade dos cuidados e apreços de Ema, pois desse modo Sérgio irá se acalantar e sobreviver no ambiente hostil de o Ateneu. Perceba que ao significar as expressões; seu grito, seu choro, como fome, sede, frio e insegurança, o outro significa a demanda do sujeito. Logo, dizemos que o sujeito só se constitui no campo do Outro pela ação decisiva de seus significantes que este lhe atribui. Corroborando com isso, cita-se esse trecho de *O Ateneu*:

Ema entregava-se, como eu, ao prazer dos olhos. Sustinha-me em leve enlace; tocava-me com o quadril em descanso. Absorvendo-me na contemplação da manhã, penetrado de ternura, inclinei a cabeça para o ombro de Ema, como um filho, entrecerrando os cílios, vendo o campo, os tetos vermelhos como coisas sonhadas em afastamento infinito, através de um tecido vibrante de luz e ouro. (POMPEIA, 2015.p.252)

A partir das recordações das vivências do narrador-personagem, que correspondem à passagem da infância para adolescência e, em consequência, para a vida adulta. Ao abordar o personagem Sérgio, esmiuça-se seus espaços do inconsciente, com suas deformidades dolorosas, assim marcadas pelos processos emocionais. Destacando-se as relações de Sérgio com os professores e com seus pares destacam-se pelas divergências de sentimentos, vistas na primeira infância, diante das relações da criança com o sexo oposto, e seus desejos sendo despertados, também temos a vivência com pessoas do seu próprio sexo. Diante desse contexto para Freud: “Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais livrar-se delas” (FREUD, 1974, p. 287).

Nota-se que ao analisar o romance é notório que existam as divergências de sentimentos por parte de Sérgio, que passa suas representações das figuras do pai, da mãe e dos irmãos que são automaticamente substituídas pelas pessoas que são apresentadas no espaço minimalista do internato. Para tanto, essas figuras substitutas são imagens do seu núcleo familiar projetados nos relacionamentos futuros, em suas escolhas amorosas ou de amizade, todas interligadas em suas lembranças deixadas por esses primeiros modelos. Conseqüentemente na abordagem freudiana, os professores representam seus pais substitutos, percebe-se que é feita a transferência das expectativas que estão ligadas ao pai onisciente, havendo o confronto do ser humano. Logo, o menino Sérgio, retirado do seu lar, de sua área de conforto, aos onze anos, vai “enfrentar o mundo”, se deparando com o ritual inicial através do corte das madeixas, entrando na ordem simbólica e idealizando nas figuras dos colegas, dos professores e do diretor, Aristarco, seus sentimentos incertos de amor e ódio.

É destaque durante toda a narrativa, que Sérgio transfere seus amores para as figuras que estão omissas do seu ambiente anterior. Na figura de Ema, de forma inconsciente temos a representação da figura de mãe, para a qual transfere seus desejos edipianos. Nesse contexto, é notado que Aristarco se transforma na figura de um pai, aqui sendo representado como conservador e autoritário, aquele que disputa o amor com seu objeto de desejo, Ema. Verifica-se a transferência de um amor marcado pelo desejo, por uma relação criada em seu subconsciente, muitas vezes representada como romântica, mas marcada pela sexualidade. Notada pelo endeusamento da personagem, com a figura sendo retratada muitas vezes como

um ser divino. Portanto, para Maurano<sup>3</sup> (2008), a transferência<sup>4</sup> está presente em todas as nossas relações e, por esse aspecto, ela em nada difere do que se passa no amor. Consonante, quando nos apaixonamos, resumimos nesse sentimento uma série de experiências vivenciadas anteriormente. Nessa visão, apontamos o sentimento de Sérgio por Ema como uma relação do seu inconsciente, pois é percebível, que nessa relação a presença terna de Ema, é a representação do doce remédio contra a selvageria vivenciada no internato, havendo a possibilidade de recuperar um laço afetivo do aconchego materno, Sérgio transfere seus sentimentos afetuosos para Ema. Que de acordo com Alfredo Bosi, é a representação do “gozo da felicidade, que traz o adolescente de volta ao regaço materno”.

Diante da visão do inconsciente de Sérgio, Ema é descrita como objeto desejado, sua figura bela de mulher e agradável aos olhos. Mas diante disso, Ema é vista com a percepção da mulher que era apresentada na época. Uma descrição que mostra a imposição de identidades pelos dominantes. Segundo Foucault, a mulher é caracterizada por uma série de adjetivos que são a base da análise posterior: frágil, soberana, abnegada, vigilante, laboriosa, casta, esposa, mãe, dona de casa, afetiva e assexuada. Trata-se de uma mulher com a imagem determinada que dialoga inclusive com a percepção de Margareth Rago (2018), que apresenta um modelo normativo que ela atribui à entidade burguesa. Dessa forma, a posição que é atribuída a mulher constrói uma representação social de que maternidade é inerente à mulher, ser mulher é ser mãe, amamentar, ser dona do lar e cuidadora da família. colocando-a como principal ator das mudanças sociais ocorridas nesta época. Rago (2018) se posiciona sobre esse tema “Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta (...). Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa, mãe, dona-de-casa, afetiva mais assexuada” (...)

Nesse modelo imaginário de família criado pela sociedade burguesa, temos a idealização estabelecida da figura feminina por Sérgio, onde Ema teria um papel de destaque.

---

<sup>3</sup> A obra da Denise Maurano busca responder os mistérios e vícios das nossas tragédias amorosas, que frequentemente empenham-se para autenticar o valor da nossa existência. Fala sobre a responsabilidade que impomos ao amor para nos sentirmos plenos, e viabiliza, através da criação do belo e do encontro com o feminino, outros meios, não de encontrar a \*plenitude\*, pois é algo inalcançável, mas de aliviarmos o peso de nossa existência que é escravizada em nossa própria natureza.

<sup>4</sup> Transferência é um fenômeno universal. Ocorre em todas as relações humanas. Transferência é amor, não apenas o amor romântico, mas também todas as suas variações dramáticas, tais como: ciúme, inveja, ódio, paixão, dependências, diferenças e indiferenças. Transferência é a repetição, o transporte, a reatualização da história de nossos amores desde a mais tenra infância.

Para Rago (2018), temos a família nuclear, pai, mãe e filhos, sendo a mulher peça chave por cuidar da casa e dos filhos, como também por trazer seu marido de volta para um lar aconchegante. Nessa perspectiva, a visibilidade feminina acontece devido à necessidade desse movimento utilizar a mulher (mãe, dona do lar) como linha de frente para promover à transformação do modelo familiar brasileiro colonial, que dialoga perfeitamente com a promoção de Ema estabelecida por Sérgio.

Verifica-se a idealização da mulher, mãe e figura da feminilidade burguesa que é amada e idolatrada por Sérgio, no ambiente de *O Ateneu*. Assim, convém citar que, o personagem-narrador vivência na pedagogia do internato a necessidade da busca do aconchego representando em Ema. Na narrativa de *O Ateneu* temos naquele momento de grande destaque para a formação da sua personalidade, que é a transição da infância para a adolescência. Logo, suas expectativas são frustradas, pois sua atração inicial pelo internato vai paulatinamente sendo transformada em uma grande rejeição e amargura, diante do microcosmo do Ateneu. Para ele toda a experiência será traumática, acontece uma sucessão de acontecimentos que relatará o mais fundo sentimento de inadequação, dores e angústias. Assim, ao narrar os fatos são apresentadas suas neuroses emocionais e ao longo da narrativa o leitor percebe como ocorrem as transferências são citadas e identificadas acima no texto. Elas são exibidas através de seus pensamentos por cada personagem, porém cabe aqui, especificar cada um. Deste modo, inicialmente podemos destacar sua imago<sup>5</sup> materna. “A imago é um protótipo inconsciente que guia o modo de o sujeito apreender os outros; é construído a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o meio familiar” (Laplanche & Pontalis, 1985).

O termo imago, foi empregado em 1912 também por Carl Jung. Para uma compreensão mais ampla e a correlação com a pesquisa sobre a relação amorosa de Sérgio por Ema, usa-se a imago na presente pesquisa por compreender as imagens resultantes na obra, do mesmo modo que Jung compreende as imagos: imagens do interior da psique; advindas de duas fontes, da influência dos pais e das relações da criança; estando estas entre o consciente e o inconsciente. Assim a forma do arquétipo <sup>6</sup>é herdada, mas seu conteúdo não, este é preenchido por ideias, memórias e vivências. Deste modo, o comportamento humano inconsciente é determinado pela dinâmica do arquétipo. (JUNG, 1934/2000a.) Jung (2000), afirma que o inconsciente coletivo é idêntico em todos os seres humanos, o que justifica o estudo de seu conteúdo e modelos de

---

<sup>5</sup> A imago é elaborada a partir das primeiras relações da criança com as pessoas, reais ou fantásticas, no meio familiar e social. Geralmente a imago não corresponde à realidade, mas sim, a forma como o ego percebe as características e a personalidade das outras pessoas.

<sup>6</sup> Os arquétipos existem a priori e são tipos arcaicos ou primordiais de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos e estão presentes no inconsciente coletivo de todos os seres humanos.

comportamento. Como os arquétipos já têm as suas formas e só podem se tornar conscientes secundariamente, eles projetam imagens representativas dos conteúdos da consciência.

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes - sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a 'representações herdadas' e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 2008, p. 67)

Cabe aqui, analisar com cuidado a sequência dos episódios de *O Ateneu* que mostram a relação de Sérgio com Ema, as suas qualidades sendo enaltecidas e cada detalhe sendo descrito de maneira sublime. Usando os fundamentos da psicanálise temos o princípio do arquétipo feminino que está enraizado sobre o arquétipo da mãe, para tanto a identificação com a mãe tem grande importância na construção formação do sujeito, pois a criança, ela é dependente da identidade dos seus pais, e principalmente da mãe no caso presente. Acerca disto, Jung discorre:

“A portadora do arquétipo é, em primeiro lugar, a mãe pessoal porque a criança vive inicialmente num estado de participação exclusiva, isto é, numa identificação inconsciente com ela. A mãe não é apenas a condição prévia física, mas também psíquica da criança. Com o despertar da consciência do eu, a participação é progressivamente desfeita, e a consciência começa a tornar-se sua própria condição prévia, entrando em oposição ao inconsciente. A partir disto o “eu” começa a diferenciar-se da mãe e sua particularidade pessoa! Vai-se tomando cada vez mais distinta. Assim todas as qualidades fabulosas e misteriosas desprendem-se da imagem materna (...)” (JUNG, p.107, 1934/2000a).

Quando se fala da psique humana, observa-se que ela é repleta de complexos diversos, que se formam no decorrer do desenvolvimento da personalidade. Assim, é cabível destacar as correlações entre imago e complexo, para uma melhor compreensão, abordaremos Laplanche e Pontalis (1985), <sup>7</sup>imago e complexo<sup>8</sup> são conceitos relacionados, uma vez que ambos lidam

<sup>7</sup> Segundo Laplanche e Pontalis (1997), a imago seria o protótipo inconsciente de personagens que orienta a forma como o indivíduo apreende o outro, e "é elaborado a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas com o meio familiar"(Laplanche e Pontalis, 1997:305).

<sup>8</sup> Segundo Roudinesco (1998), em 1938, ao formular sua primeira teoria do imaginário, principalmente em *Os Complexos familiares* (1987), Lacan associou imago ao complexo e fez desse conjunto uma estrutura que permite compreender a instituição familiar. Os complexos (grupos de conteúdos psíquicos separados do consciente e que têm um funcionamento autônomo no inconsciente) seriam então constituídos pela imago, e nos permitiriam

com a mesma área, ou seja, as relações entre a criança e o seu meio familiar e social. Porém, os autores fazem uma distinção: a noção de complexo refere-se ao efeito da situação interpessoal no seu todo sobre o indivíduo, enquanto a de imago resulta de um resíduo imaginário de um ou de outro participante naquela situação. A imago é diversas vezes definida enquanto representação inconsciente, todavia deve ser considerada como esquema imaginário adquirido, através do qual o sujeito visa a outra pessoa, em vez de uma imagem.

Para a psicanálise a identidade é construída e constituída, desde o momento do nascimento. Dessa forma, a criança é inserida em um contexto pré-estabelecido, e é através do relacionamento com a família e a sociedade que essa identidade vai sendo formada e desenvolvida ao longo da vida. Portanto, nota-se que em *O Ateneu* temos a presença da influência social do internato sobre a identidade de Sérgio, temos o rito de passagem da infância para a adolescência. Marcada pela ruptura com o ambiente familiar, ou seja, um salto para a esfera pública, desse jeito romper com a vida familiar, aparenta ser uma espécie de novo nascimento, pode parecer para o personagem Sérgio a difícil sensação do luto, como um processo relacionado a perda de seu ambiente fraternal para um terrível mundo encontrado pelo leitor de *O Ateneu*. O menino Sérgio, é inserido no microcosmo do internato, onde se depara com os mais acentuados conflitos da espécie humana, alcançando características reais da sociedade da época. Portanto, mediante tais referências esse ambiente representa a perda da inocência do personagem, e a vivência em um espaço afetuoso para inserir-se no em “um pântano de almas”, segundo Lêdo Ivo.

Inclusive, tais representações fazem menção as relações traumáticas de Sérgio, pode-se citar aqui, um processo relacionado à perda da figura paterna e materna. Nessa situação, podemos notar a ausência de ambos. Durante a narrativa, não se menciona os nomes dos pais, mas temos suas representações em tom fantasmagórico, na medida em que a história vai sendo contada, um dos nomes do pai, vai surgindo no texto, como afirma Lacan, temos como representante desse ser supremo e todo poderoso, o diretor Aristarco. Após sua queda anunciada, observamos que o menino alcança seu amadurecimento. Nessa ambientação, dos pais biológicos restam apenas recordações: da chegada ao ateneu, das visitas, do momento em que o personagem conhece Ema, que vem representada anagramaticamente EMA/MAE, para a

---

compreender a estrutura de uma instituição familiar, organizada por laços imaginários. O modelo de interpretação do desenvolvimento individual é formado por uma hierarquia em 3 patamares: o complexo de desmame, o complexo de intromissão e o complexo de Édipo. Esta estrutura complexo-imago esboçou o que viria a ser a tópica do real, imaginário e simbólico.

qual existe o estabelecimento da neurose de transferência, havendo o deslocamento dos desejos edipianos.

Inclui nesse contexto, a visão de Lacan (1986), que apresenta em seus estudos a figura mítica do pai como primordial, antes do advento do incesto e da cultura, que coloca a nível do significante do nome do pai, cuja leitura é iniciada por Freud, à luz da tradição judaico-cristã e para a qual o nome de Deus ou dos deuses é um dos nomes do pai, buscando o equilíbrio entre a lei e o desejo. Diante de tais argumentações, o personagem Aristarco, na narrativa de Sérgio vem representando a figura de um deus-pai onipotente. Segundo a perspectiva lacaniana, que compreendemos aqui como a imagem masculina predominante:

Nos momentos de ira e de exaltações eloquentes é que sabia fazer-se em verdade divino. Era mais que uma revelação temerosa do Olimpo, era como se Júpiter mandasse Mercúrio catar à terra os raios já disparados e os unisse ao estoque inavaliável dos arsenais do Etna, para soltar tudo, de uma só vez, de uma só cólera, num só trovão, aniquilando a natureza sob a bombarda onipotente (POMPEIA, 2015, p. 93).

Logo, diante de tal passagem Sérgio acaba se revoltando contra a paternidade mítica de Aristarco, desse modo desmistificou-se em vários momentos da narrativa, pela metáfora do “homem-sanduiche”, pelo desprezo apresentando em suas caricaturas, chegando mesmo ao embate físico com o diretor, alegorias do esforço do filho para colocar-se no lugar do deus-pai, na “guerra latente” que o personagem trava com o diretor, como se observa no cap. VIII, após a briga com Bento Alves:

Aristarco veio sobre mim. Que explicasse a briga! [...] Em vez de confessar, segurei-lhe o vigoroso bigode. Fervia-me a excitação do primeiro combate; não podia olhar conveniências de respeito. Esperneeí, contorci-me, como um escorpião pisado... O diretor arremessou-me no chão. E modificando o tom, falou: “Sérgio, ousaste tocar-me”!  
 – Fui primeiro tocado! repliquei fortemente.  
 – Criança! feriste um velho!  
 Reparei que havia no chão fios brancos de bigode.  
 – Fui vilmente injuriado, disse.  
 – Ah! meu filho, ferir a um mestre, é como ferir o próprio pai, e os parricidas serão malditos (POMPEIA, 2015, p. 190-191).

Nesse caso, com a representação do episódio temos o encerramento com uma digressão irônica, que modifica o diretor aristocrático em um simples negociante da educação, remetendo à metáfora do homem-sanduiche: “Hoje penso diversamente: não valia a pena perder de uma vez só dois pagadores prontos, só pela fatalidade de uma ocorrência desagradável, não se

dúvida, mas sem testemunhas”. (POMPEIA, 2015, p. 191). Desse jeito, percebe-se um conflito latente entre os personagens.

Para Isidoro Berenstein (1976), o desenlace do Complexo de Édipo<sup>9</sup>, implica que o filho renuncie a ser o pai, mas não a ser como o pai, que em seu tempo também teve que renunciar a própria mãe, e assim retrospectivamente. Diante disso, cabe aqui chamar atenção para o seguinte detalhe: o termo “complexo de Édipo” é atribuído à nova situação emocional vivida pelo menino em sua puberdade, e não aos desejos que remontariam aos primórdios da infância. Isso porque, Freud ainda permanecia atido à hipótese de uma anarquia autoerótica no contexto da sexualidade infantil, o que inicialmente o conduziu à negação quanto a qualquer possibilidade de uma escolha genital de objeto no período anterior à adolescência (Mezan, 1998a).

Na escrita de Raul Pompéia, esse ponto é visto desde o início da narrativa. “Vais encontrar o mundo”, não se trata de uma simples frase de efeito, mas sim, de algo que seria vivenciado pelo personagem desde a entrada em o Ateneu. Marcada pelo rompimento com seus anseios infantis para o decorrer de uma nova vivência na puberdade. Onde é notado o desfecho do Complexo de Édipo, Aristarco, o diretor, é simbolizado no inconsciente do personagem como um pai, onde é visto como opressor dos adolescentes com suas normas rígidas. Para tanto, essa quebra de laços com o primeiro mundo da infância também pode ser reiterada através de uma declaração do próprio Sérgio que, após ter dado “adeus às primeiras alegrias”, anima-se ao se distanciar “da comunhão da família, como um homem” (POMPEIA, 2007, p.14). A partir disso, ele é capaz de transformar o ateneu em microcosmo da vida em sociedade, o que será ratificado nas linhas do capítulo XI, através da voz do Dr. Cláudio, numa de suas preleções sabáticas:

Feitas essas considerações, apontam-se as percepções de Denise Maurano (2006), que em seu texto, traz o estudo detalhado da transferência e de seu aspecto. Além de citar o “Mal do amor”, que na visão de Maurano (2006), é responsável por configurar nossas tragédias atuais e tece o discurso corrente em grande parte de nossas produções artísticas e culturais, e também em nossos divãs psicanalíticos. Sendo assim, é possível enquadrar a relação amorosa de Sérgio e Ema como representação da cena contemporânea, pois ela dá destaque para a explicitar a transferência em psicanálise. A transferência tem a ver com o amor, com a demanda de ser

---

<sup>9</sup> O complexo de Édipo é uma teoria criada pelo psicanalista Sigmund Freud, a partir de uma história da mitologia grega, para definir um período do desenvolvimento psíquico e da orientação do desejo humano durante a infância.

amado. Além disso, articula-se com a forma como a demanda de amor será acolhida, será encaminhada, tratada e desmontada na experiência psicanalítica.

Para Freud, a transferência pode emergir como uma exigência intensa de amor, de atenção, de reconhecimento, ou sob formas mais moderadas: desejo de ser recebido como filho(a) predileto(a), de ser alvo de uma estreita amizade (necessidade libidinal sublimada) etc. já para Lacan (1966), a transferência é automatismo de repetição, pois ela está inscrita no registro pulsional como uma necessidade de repetição e não-repetição da necessidade.

Portanto, quando se estuda a transferência em *O Ateneu* é possível identificar que o narrador vai transitando entre a realidade e a fantasia, entre o mundo objetivo e o a sua subjetividade, trazendo dessa maneira aspectos do inconsciente do personagem Sérgio. De antemão, o que é discorrido no discurso analítico da obra é elemento tangível, cujos significados são tão instáveis quanto a notoriedade do desejo. Dessa maneira, o significante é o fundamento da dimensão simbólica. Assim, na visão de Lacan temos a referência do falo, como alusão ao pai, que marca a diferença sexual e o controle da metáfora paterna sobre o desejo infantil, demonstrando dessa maneira como a criança se tornará sujeito a partir da operação dessa metáfora paterna. Ou seja, para utiliza-se como base a substituição do significante original, por um novo. O que significa que a criança renunciou ao seu objeto inaugural de desejo. Destaca-se isso no início da narrativa de *O Ateneu*, quando se faz menção ao rompimento de seu ambiente familiar por outro com a representação da altivez do diretor Aristarco. Os parágrafos iniciais do romance, no tocante à dependência do narrador ante a “tese” paterna indicam, ainda que de maneira modulada, a influência decisiva do pai sobre o menino / adulto:

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.” Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, dum gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos, como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam. Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida (POMPÉIA, 2015 p. 29, 31).

Assim mediante tal perspectiva, tendo em vista essa pesquisa a partir da leitura de psicanalítica de *O Ateneu*. Destaca-se várias vertentes, que nascem com a psicanálise, no momento em que Freud se vale da criação artística para explicar sua teoria. O inconsciente, espécie de repositório de sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias que subjazem à mente consciente, em suma para muitos críticos a narrativa de Pompéia tornou-se inclassificável, por ter escapado da classificação dos gêneros. Sobre esse ponto de vista, é interessante apontar alguns diagnósticos sobre *O Ateneu*, que procuraram esgotar o texto em definições constantes, sempre preocupadas com o enquadramento das produções em horizontes de expectativas do leitor, em suas exterioridades. Diante de tais considerações, José Veríssimo (1915), diz que *O Ateneu* fora mais comentado do que efetivamente lido. O crítico traz características da obra que podem ser conciliadas ao fato de Pompéia não ser um trivial contador de anedotas, mas dono de uma filosofia de vida, de sentimentos e sensações estéticas, sendo hábil em colocar a ironia como uma das principais características na produção literária do jovem escritor.

Diante desse apontamento, nota-se em um aspecto geral sobre a narrativa de Pompéia, que em suas leituras, é comum enfatizarem a figura do autor em detrimento da obra ou como resultado da escrita. Porém, Antonio Candido (2010), ao discutir a teoria sociológica, adverte que o uso das ciências sociais como fórmula geral para análise do campo das artes obteve como resultado o “simplismo”, as “reduções esquemáticas” que levaram a uma depreciação das orientações sociológicas e psicológicas como mecanismos de interpretação do literário. Candido (2010), questiona-se a respeito das possíveis influências que o meio social desempenharia sobre a obra de arte e discute as respostas colocadas por filósofos dos séculos XVIII e XIX, para os quais a literatura condiz com a realidade, é o resultado das condições sociais no momento histórico de produção.

Em *O Ateneu*, essas influências do meio social são destacadas através da escrita do autor. A obra apresenta uma reflexão através do trânsito real em nossa sociedade (migração interna) junto ao fetiche em relação a seu colonizador (influência europeia) e por ser o autor vítima desse sistema, preferiu repeli-lo em seu enredo. Assim, a narrativa de Pompéia, destaca o caráter de crítica e denúncia às práticas da sociedade, pois como bem pontua Andrade (1972, p.184), *O Ateneu* representa a estética da sociedade, com seus vícios e instintos, com exageros e comparações zoomórficas, como o naturalismo exige. Destacam-se tais indicações nesse trecho de *O Ateneu*:

É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, [...]. O merecimento não tem cotação, cobrejam as linhas sinuosas da indignidade, aprova-se a espionagem, a adulação, a humilhação, campeia a intriga, a maledicência, a calúnia, oprimem os prediletos do favoritismo, oprimem os maiores, os mais fortes, abundam as seduções perversas, [...]. Ensaiaados no microcosmo do internato, não há mais surpresas no grande mundo lá fora, onde se vão sofrer todas as convivências, respirar todos os ambientes; onde a razão da maior força é a dialética geral, e nos envolvem as evoluções de tudo que rasteja e tudo que morde, porque a perfídia terra-terra é um dos processos mais eficazes da vulgaridade vencedora; onde o aviltamento é quase sempre a condição do êxito, como se houvesse ascensões para baixo; onde o poder é uma redoma de chumbo sobre as aspirações altivas; onde a cidade é franca para as dissoluções babilônicas do instinto; onde o que é nulo, flutua e aparece, como no mar as pérolas imersas são ignoradas, e sobrenadam ao dia as algas mortas e a espuma (POMPEIA, 2015, p. 145).

Entende-se, que *O Ateneu* é representação paródica do mundo, ecoam as palavras do pai de Sérgio, à entrada do internato: “Vais encontrar o mundo”. Dessa forma, a leitura mais tentadora a se fazer – e que, por mais de cem anos, tem sido feita – é a de que o mundo recluso do ateneu não apresentará diferenças em relação mundo fora do ambiente do internato. Assim, para o autor (ANDRADE, 1974, apud QUINTALE NETO, 2007), *O Ateneu* representa um dos aspectos mais altos do naturalismo brasileiro, e em sua obra também se observa a presença de características naturalistas. Sendo visto na narrativa aquele ambiente corruptor:

Representa exatamente os princípios estético-sociológicos, os elementos e processos técnicos do Naturalismo. É sempre aquela concepção pessimista do homem-besta, dominado pelo mal, incapaz de vencer os seus instintos baixos reflexo dentro da arte das doutrinas evolucionistas... *O Ateneu* representa um dos aspectos particulares mais altos do Naturalismo brasileiro. (ANDRADE, 1974, apud QUINTALE NETO, 2007, p. 184).

Aponta-se aqui, outro ponto de grande análise apontado pelo crítico Antonio Cândido (2010), que é analisar o conteúdo social das obras com base em situações de ordem moral ou política, nesse caso, o valor da obra estaria em conseguir responder ao conteúdo. Já a sociologia moderna volta-se para a análise de afinidades e das ocorrências estruturais próprias da vida artística, como “causa e consequência”. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; o segundo, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (CANDIDO, 2010, p. 31).

A partir das colocações de Antônio Cândido, é importante destacar o conteúdo social de *O Ateneu*, além de entender e também destacar a posição social e política do artista. Assim sendo, por volta dos anos 60 e 70 do século XIX, décadas em que transcorre a infância de Raul Pompéia, são marcados por acontecimentos que levarão a transformações significativas na vida política, econômica e social do Brasil. Aproveitando-se dessas citações, percebe-se que para Raul Pompéia, sua trajetória intelectual é marcada pelo período em que é interno do Colégio Abílio, por outro lado, essa fase marca o início de suas inclinações intelectuais e artísticas. É nessa fase que criará um jornal manuscrito, O Archote. Segundo Pontes, “O Archote teve suplementos ilustrados, onde o caricaturista precoce desforrava as impaciências do gênio irascível” (PONTES, 1935:25). Ainda citando a visão social de autor, José Augusto Guerra ressalta o fato de Pompéia não se tratar de um romancista de costumes ao gosto daquela época, mas de um pesquisador, analista e também escritor que não queria servir à realidade do naturalismo e de seus aspectos. Guerra (2016), destaca dois fragmentos destacando o modo de compreender a crítica do autor de *O Ateneu*:

Ao que me parece, o romance não deve ser uma série desordenada de cenas chocantes, shocking, como dizem os ingleses. Não deve haver de parte do escritor a menor intenção prévia de armar o efeito, maltratando brutalmente a sensibilidade do leitor. Suponho que o romance deve ser o desenho minucioso, tanto mais bem-acabado quanto maior for a perícia do artista, dos diversos caracteres humanos no variadíssimo enredo das circunstâncias. O romance é um arcabouço dramático em que o autor, ao mesmo tempo que tem de animar os personagens, deve ser o cenógrafo, o marcador, o ensaiador, o contrarregra e o anotador das atitudes dos figurantes. Às vezes é, ao mesmo tempo, o público, e comenta com observações suas, os gestos, as palavras, as situações dos seus fantoches. Para cada um desses deveres do romancista há um gênero especial de estilo. O romance não pode ser uniforme em estilo. (POMPEIA apud GUERRA apud COUTINHO e AMIM, 2016, p. 132-133, grifo do autor).

De acordo com tais apontamentos, percebe-se que os posicionamentos sociais do autor, juntamente com o conteúdo social do momento, foram refletidos na escrita de Pompéia. Diante de tais argumentos, cabe destacar as convicções e dedicações que Raul Pompéia atribui as Letras, o autor já demonstrava em sua escrita as preocupações com os problemas de seu tempo. Além disso, em 1880, o movimento em favor da República já ganhara importância desde a década anterior, outra preocupação tomava espaço entre os intelectuais da época: a questão do trabalho escravo. Suas convicções serviram de embasamento para a escrita que dialoga com a descrição dos personagens em sua narrativa, todos os fatos da vida do autor foram elementos fundamentais para sua escrita, e que também caminharam para marcar a grande influência sobre a formação intelectual. Além de ser uma escrita com traços marcantes de subjetividade, sendo basilares para o estudo da psicanálise.

*O Ateneu* seria então para a literatura brasileira do fim do século XIX, algo que descontinuou, transgrediu e rompeu com o *status quo*, desviando-se de uma noção teleológica da arte e enveredando-se para os aspectos psicológicos. Para Lúcia Miguel Pereira (1988), a autora afirma que se trata de um “romance estranho”, por afastar-se dos paradigmas realistas-naturalistas que vigoravam na época. Distanciando-se da leitura autobiográfica, busca uma interpretação universalista: o drama do personagem-narrador personificaria “a dor dos primeiros contatos com a vida, o choque de quem se vê de repente num ambiente desconhecido – e o percebe hostil” (p. 108). Destaca-se ainda que a crítica planeia um perfil psicológico do personagem: uma criança, tímida e emotiva, hipersensível, orgulhosa, um ser solitário em luta com um mundo desconhecido, internamente dividido entre tendências opostas. Essa perspectiva é destaque tendo em vista a leitura de *O Ateneu* sob a perspectiva da crítica psicanalítica.

Quando se estuda o romance de Pompéia observa-se como já foi dito outrora, grandes aspectos da psicanálise. Ainda citando as análises psicanalíticas, retomamos as bases da transferência presentes nessa narrativa. Diante do título (que remete ao templo do saber grego) e o subtítulo do romance (“Crônicas de saudade”) já é mostrado ao o leitor o espaço-tempo da narrativa: o internato, situado no Rio de Janeiro do Segundo Império, e a recordação das vivências do narrador, que explana sua experiência hostil. Que fora relatada durante os dois anos em que esteve no internato, que correspondem à passagem da infância para adolescência, processo de transição, que teve com consequência, para a vida adulta. É destaque que, o título e subtítulo evidenciam ainda uma carga de ironia que, trazendo para o campo da psicanálise é segundo Freud, uma representação pelo oposto, revelando processos inconscientes: o templo do saber se desfaz em cinzas e as saudades de fato não são autênticas: “Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos: como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam” (POMPEIA, 2015, p. 25).

Para Sérgio, os escaninhos da memória, com suas deformações dolorosas e seus primeiros contatos com o saber, como que antevendo uma tarefa futura, que se manifesta na escrita do romance, marcado pelos processos emocionais.

## 2.2 A pulsão

Sobre a pulsão, é de fundamental importância esclarecer que, segundo Freud, sua origem não está no *psíquico*, mas sim no *somático*. Freud indica que “a pulsão tem origem no corpo,

considerada como um estímulo para o psíquico, algo que, de fora, exige um trabalho do aparelho psíquico levando-o a funcionar” (FREUD, 1996b, p.129). Para ele, as glândulas e órgãos do corpo estão diretamente envolvidos nas origens da pulsão. No entanto, a pulsão vai exigir uma reação do aparelho psíquico, uma resposta ao seu desejo de ser saciada. Apesar de ser exterior, a pulsão<sup>10</sup> tem seus representantes no aparelho psíquico. Assim, é justo dizer que a pulsão se encontra em uma região limítrofe entre *o psíquico e o somático*. Portanto, sobre a origem da pulsão, ela é colocada como de ordem interna e não externa.

Freud faz referência aos dois conceitos que se encontram na base da sexualidade humana, que são: pulsão, através da qual a sexualidade se manifesta de maneira latente; e recalque, mecanismo estrutural do psiquismo que antecede tudo, que se faz presente na estrutura do sujeito, que impede representações ligadas à pulsão e à libido, barrando o prazer oriundo da satisfação da pulsão. Quando trazemos para a literatura de *O Ateneu*, o estudo da psicanálise, observamos no comportamento ambíguo de Sérgio, um adolescente em seu processo de formação em um ambiente repressivo, apresenta a manifestação da errância do desejo, que é manifestada em algumas das suas relações, que são externadas principalmente em sua relação com Ema, a esposa do diretor. Pontos esses, que estão bem descritos na narrativa de Pompéia, visto a descrição de Ema, ainda no primeiro capítulo, apresentando a personagem em sua visão mobilizada pelos seus desejos:

[...] D. Ema, bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo porem o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também cor de jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. [...] Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com 10 ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me. [...] O poemeto de amor materno deliciou-me como uma divina música. (POMPEIA, p. 41-42)

Para Freud (1920), as Pulsões seriam, então, representantes de forças impulsionadoras que se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho mental, pressionando no sentido de descarga. São *Inconscientes* e fazem parte do que Freud chamou de *Processo Primário*, ou seja: ocorrem antes da ação do *Recalque*. As Pulsões buscam restaurar um estado anterior das coisas (Freud, 1920). Contudo, o processo de recalque não as cessa, apenas as direciona para um tipo mais elaborado de descarga. Assim, os estímulos de uma pulsão estão

---

<sup>10</sup> No texto de Freud “Os Instintos e Seus Destinos (1915)”, o termo Pulsão é tratado como um sinônimo para instinto. De acordo com a Fisiologia, instinto é um estímulo que vem do mundo externo para um tecido nervoso, e é descarregado para fora do corpo através de ação motora.

exclusivamente ligados ao mundo interno de um sujeito. Ou seja, a Pulsão utilizará de combustível para impulsionar o que está em nosso mundo interno em busca de descarga: a libido. Portanto, encontrará satisfação de seus impulsos pulsionais em objetos que façam acordo com sua própria história subjetiva.

A princípio quando se analisa esse trecho, conclui-se que em *O Ateneu* tem-se a presença marcante da pulsão. Quando analisamos o romance é perceptível um impulso, um fervor interno, que inflama e anima Sérgio pelo internato de Ateneu. Mas logo se nota, que a promessa de felicidade é falsa, principalmente quando Sérgio precisa cortar suas madeixas para ingressar no colégio. Ordenado por Aristarco, o corte de cabelo (cena que enfatiza uma possível castração), reitera a ruptura ou corte existencial enfrentado pelo narrador. Diante do Ateneu, Sérgio escutou do seu pai: “Vais encontrar o mundo”. Disse-me meu pai, à porta do Ateneu-coração para a luta. Bastante experimentei a verdade deste aviso, que me arrancou das ilusões criadas pela artificialidade a minha volta. Nesse ínterim, é destaque que o narrador-personagem não consegue encontrar nem beleza e tampouco satisfação, na experiência do microcosmo do internato em suas lembranças, sente-se aprisionado naquele lugar. Segundo Sérgio: “É fácil conceber a atração que me chamava para aquele mundo tão altamente interessante, no conceito das minhas impressões. Avaliem o prazer que tive, quando me disse meu pai que eu ia ser apresentado ao diretor do Ateneu e à matrícula”. [...] “Era uma consequência apaixonada da sedução do espetáculo, honrado engano, esse ardor franco por uma empresa ideal de energia e de dedicação premeditada confusamente, no cálculo pobre de uma experiência de dez anos

Com bases nessas explanações, percebe-se toda ilusão vendida ao menino Sérgio sendo desmascarada à medida que o jovem ia sendo apresentados aos dilemas do Ateneu. Dessa forma, o personagem é colocado diante de uma realidade em um contexto institucional: período da adaptação, crises evolutivas, iniciação sexual e problemas de rivalidade fraterna. Logo, só é possível compreender os problemas sociais e os efeitos na subjetividade produzidos pelas instituições totais, por meio do estudo das relações de poder. Nessa situação, o internato é uma instituição total de caráter híbrido social, que é constituído como um viveiro, uma estufa que serve para modelar, e transformar pessoas. Assim, tendo como base *O Ateneu*, que é considerado o campo de análise, Sérgio será inserido em um mundo institucional do internato escolar. Nessa visão, Pompéia vai descrevendo à saciedade da “carreira moral” de Sérgio, em seu ingresso que é despido de suas referências identificatórias. Sendo exposto as degradações, humilhações e profanações em relação ao seu conceito, que tinha em sua carreira moral. A priori, é notório que Sérgio ao se deparar com o caos do microcosmo entra em crise e começa

a desmoronar. Eventualmente, começa a ensaiar um desejo de formação, onde toda sua formalidade e educação começa a ceder lugar a introversão, (Aquilo que transforma o que está sendo possuído temporariamente como propriedade definitiva), introversão de tudo em tudo, (Sexualidade, identidade, religião), na verdade diversão compulsiva.

Diante do exposto, Sérgio começa a notar que está sem suas defesas, satisfações e apoios costumeiros. Sendo vítima de um processo de mortificação e buscando a perseverança dos afetos, com valores sexuais, que são aparentes nas duas descrições do personagem em Ema, que inicialmente é retratada na imagem da fecundidade feminina e, paralelamente, a alusão religiosa ao fruto proibido, entretanto, desejado, que por trás da dramaticidade do cetim preto revela “a vida oculta da carne”. Dessa maneira, as referências amorosas em ambas as descrições (o poemeto de amor x a citação latina) nos indicam o desejo errante do adolescente Sérgio. Dessa forma, a figura de Sérgio, é marcada pela ambivalência, projeta-se na narrativa tanto pelo lado masculino, como pela perspectiva feminina: desejando ocupar o lugar o pai, edipianamente, em relação a Ema, assim mobilizando os desejos íntimos de Sérgio:

Por isso, podemos citar com base nos estudos freudianos, afirmações sobre o processo de transferência, que o personagem projeta seus sentimentos de ódio e amor, respectivamente nas figuras de Aristarco e Ema. Nessa contextualização, no primeiro momento, é necessário e preciso eliminar o pai simbólico, para que a pulsão do desejo se consolide. O Aristarco, autoritário e arrogante, é visto e representado pela lei tirânica, que é eliminado no momento em que o fogo se alastra pelo Ateneu, assim destrói o personagem ao destruir sua obra, o colégio. Desse jeito, purificando o personagem Sérgio de suas vivências traumáticas. Ainda sobre esse contexto, em relação a Ema, o personagem Sérgio projeta, ao mesmo tempo a imagem de mãe e amante; na primeira percepção, ele a defendendo, como um filho defenderia a mãe, da maledicência de seus colegas. No entanto, na segunda, fingindo-se de doente e sendo ela a enfermeira do colégio, ele se aproxima para tratar dos “males do coração”, afim de alimentar suas fantasias sexuais, vistas a partir da aproximação com Ema.

[...] fez sê-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora. Não! Eu não amara nunca assim a minha mãe. Ela andava agora em viagens por países remotos, como se não vivesse mais para mim. Eu não sentia a falta. Não pensava nela... escureceu-me as recordações aquele olhar negro, belo, poderoso, como se perdem as linhas, as formas, os perfis, as tintas de noite, no aniquilamento uniforme da sombra [...] (POMPEIA, 2015, p. 250).

Ainda falando sobre as pulsões, é necessário destacar que elas não passam pelos filtros dos sentidos. Elas são consideradas estímulos externos que são obrigados a passar pelo filtro

dos nossos sentidos e são submetidos ao julgamento da nossa consciência. Portanto, esses estímulos externos nunca entrarão no aparelho psíquico com liberdade total, sem restrição alguma. Assim, as pulsões, ao contrário, nascem internamente e não estão sujeitas a nenhum tipo de filtro ou restrição. Ademais, a pulsão é considerada um processo dinâmico, que acaba impulsionando o organismo em direção a uma meta, que é o equilíbrio do estado de tensão na fonte pulsional. Destaca-se a partir daí que, o termo pulsão só aparece na obra Freudiana em 1905, Freud coloca a ideia de excitações externas e internas, às quais deveriam ser descarregadas assim que abalassem o princípio de constância. Para o autor, o sujeito pode até fugir das excitações externas, mas não das internas, com base na “mola pulsional” dos mecanismos psíquicos. Assim, Freud afirma em seu livro, *As pulsões* (2021), e seus destinos afirma que:

A pulsão, por sua vez, jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma denominação melhor para o estímulo pulsional seria “necessidade”,<sup>14</sup> e para o que suspende essa necessidade, “satisfação”.<sup>15</sup> Ela pode ser alcançada somente através de uma modificação adequada da fonte interna de estímulos. (FREUD, 2021, pg.35)

A pulsão em Freud nunca se dá por si mesma (nem a nível consciente, nem a nível inconsciente), é apontada e tão somente conhecida pelos seus representantes: a ideia e o afeto. Para Freud, é “um conceito situado na fronteira entre o psíquico e o somático”, ainda sendo vista como, representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente. É importante que não seja confundido a pulsão enquanto representante dos estímulos internos com os representantes psíquicos da pulsão. Recordando que a pulsão nunca pode tornar-se objeto da consciência, pois mesmo no inconsciente, sua representação é colocada por uma ideia ou por um afeto. Após tais afirmações é de grande notoriedade observar como as percepções do personagem Sergio, são apontadas como possíveis pulsões em suas relações afetivas dentro da escrita de *O Ateneu*.

Após tais afirmações, pode-se mostrar aqui, as idealizações do personagem Sérgio. Nota-se em um trecho da narrativa de Pompéia a representação da figura de Ângela, colocada na explanação do personagem como, a personificação da luxúria, que assistia aos banhos dos garotos. Ainda sobre isso, Ângela projeta e alude à sexualidade: sendo apontada como, (a canarina) remete à botânica (planta trepadeira) e, ao mesmo tempo, à pessoa originária das Ilhas Canárias, possessão espanhola no Marrocos, remetendo ainda ao sentido ao mito da

sensualidade oriental. Nessa visão, Ângela é vista e descrita como a perdição dos homens. Inclusive, o personagem a cita e a descreve:

Ângela tinha cerca de vinte anos; parecia mais velha pelo desenvolvimento das proporções. Grande, carnuda, sanguínea e fogosa, era um desses exemplares excessivos do sexo, que parecem conformados expressamente para esposa da multidão – protestos revolucionários contra o monopólio do tálamo. [...] Gostava de arregaçar as mangas para mostrar os braços, luxos de alvura, braços perfeitos de princesa. [...] Consciente da formosura, Ângela abusava. [...] Não escolhia amores. Era de todos como os elementos; como os elementos, sem remorsos das desordens e depredações. (POMPEIA, 2015, p. 119-121)

Ainda citando Freud, deve-se citar sua visão em relação a esse contexto da erotização de Ângela, da maneira como é apontada na narração. Para Freud (2021), podemos apontar essa contextualização de Ângela, como uma discussão que apresenta apenas dois pares opostos de pulsões: sadismo–masoquismo e prazer de olhar–prazer de mostrar-se. São essas as pulsões sexuais que melhor conhecemos entre as que aparecem de maneira ambivalente.

Dialogando sobre isso, pode-se destacar que Ângela é a imagem de Eros. Para Freud, os homens fazem da prostituta o objeto do desejo e talvez por compará-la inconscientemente com suas mães. Colocada como, a prostituta é a mulher de “outros homens”, assim como a mãe é a mulher do pai, sendo o Outro masculino. A personagem realiza as fantasias masculinas do ambiente escolar, sem estabelecer laços afetivos: “havia lugar para todos à sombra dos cabelos castanhos” (POMPEIA, 2015, p. 121). Em *O Ateneu*, a figura de Ângela é comparada a Ceres, a cortesã sagrada, referindo-se ao “moreno cálido” da sua pele, “como deve ter sido outrora a epiderme de Ceres” (POMPEIA, 2015, p. 120). Para Jung (2008), temos a imagem da deusa degradada, vista como um instrumento diabólico, causadora de crimes, apresentando comportamentos condenados pelo inconsciente coletivo, projetando a imagem negativa da *anima*, como mulher fatal e destruidora, na perspectiva jungiana. (JUNG, 2008).

A partir dessa descrição, é notório o contraponto entre a personagem Ema, que é apresentada na narrativa sempre com a figuração de idealização. Colocada pelo inconsciente de Sérgio como algo sublime a ser alcançado, a representação de um ideal. Sendo notório na narrativa a distância e indiferença por Ângela, vista como meretriz excessivamente sexualizada, criada e descrita ao modo naturalista. No entanto, Ema traz um doce remédio contra a selvageria do colégio, ou seja, a possibilidade de reaver seu “aconchego placentário”. Percebe-se nessa conjuntura, que o personagem Sérgio nutria um afeto amoroso, um sentimento mediante as situações apresentadas. Nota-se que para a psicanálise o ato de amar é colocado como a expressão de toda aspiração sexual, ainda se acrescenta que, o amar admite não apenas uma,

mas três formas de oposição. Além da oposição amar–odiar há também outras: amar–ser amado e o amar e o odiar que são tomados em conjunto, em oposição ao estado de indiferença ou desinteresse. Diante disso, amar–ser amado, corresponde à conversão da atividade em passividade e pode igualmente remontar a uma situação fundamental, como a pulsão de olhar. Sendo muito bem estabelecida na relação de Sérgio e Ema.

Analisando essa questão da admiração de Sérgio por Ema, que é destaque desde o início da narrativa, quando Sérgio expressa quando a conheceu, encantou-se profundamente. Perante isso, pode-se citar a pulsão do olhar, lembrando que isso, está além do campo visual e começa sendo representada no campo afetivo. Não esquecendo de citar que a pulsão é um conceito que articula as formas humanas de relação com objetos e sua busca por satisfação. Desse modo, as pulsões não podem se tornar objeto da consciência, elas são representadas por ideias ou estados afetivos. Estado esse, que se destaca na relação de Sérgio com Ema. Para a psicanálise, o olhar não se limita à visão oftalmológica de algo ou alguém, mas está para além da visão. Segundo Freud (1910), é através do olhar que percebemos não só as alterações no mundo externo, importantes para a preservação da vida, como também características dos objetos que escolhemos como objetos de amor – seus encantos. Para Ferreira (2014), destaca-se a partir desse princípio que, na função das condições particulares da espécie humana, todo indivíduo tem dois objetos sexuais: ele próprio e as pessoas que exercem as funções de alimentação e de proteção. Então, podemos afirmar que o objeto sexual de Sérgio seria Ema, enquanto, pessoa que nutre sua alimentação e proteção.

Sérgio descreve Ema como, a mulher cujo os cuidados o menino se entrega em sua convalescência. Fala de presença terna e evanescente, sendo representada como a cura para o ambiente hostilizado de *O Ateneu*. Portanto, para Freud (1920), o objeto produz uma relação de submissão neurótica. Essa subserviência está na idealização, processo através do qual as qualidades do objeto são exacerbadas ao ponto de ele ser tomado como a fonte de todos os bens. Percebe-se essa idealização do objeto na escrita de *O Ateneu*, em dados momentos, principalmente quando Sérgio faz suas revelações relacionadas aos seus sentimentos ocultos por Ema. Desta forma, apresento brevemente a passagem que, fala sobre a ida a casa do diretor Aristarco, onde Alves e Sérgio foram jantar na casa, como prêmio por tirarem boas notas, no momento do jantar, Ema estava lá e Sérgio recebeu muitas carícias dela, reafirmando um amor platônico que ele tinha por ela. Após esse acontecimento, ele sente-se homem e resolve se afastar de Egbert, pois o livro dá a entender que eles tinham um relacionamento romântico.

Diante desse fenômeno, é destacado nesse ponto da narração, o amor platônico e também a inclinação edípica de Sérgio por Ema.

Após esses apontamentos em relação ao sentimento amoroso de Sérgio. Coloca-se aqui, a percepção de Ferreira (2014), o amor, em sua origem, liga-se ao alvo das pulsões sexuais nas fases do autoerotismo, inaugurando o narcisismo primário. Só depois da constituição do narcisismo primário é que se estabelece a separação entre o que pertence ao campo do amor ou das pulsões. Para tanto, o amor narcísico na fala de Camões: “Transforma-se o amator na cousa amada/ por virtude do muito imaginar;/ não tenho, logo, mais que desejar, pois em mi tenho a parte desejada”. É preciso deixar claro que não estou afirmando que o amor é uma das vicissitudes das pulsões.

Para uma melhor compreensão sobre as pulsões, deve-se ter um entendimento ampliando sobre amplitude de seu conceito. Para Freud (1905), a pulsão é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica. O que diferencia essas pulsões entre si e as dota de propriedades específicas é sua relação com suas fontes endossomáticas e seus alvos. Sendo assim, a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico.

Nessa contextualização, Freud apresenta a pulsão como representação do psíquico. A partir de 1920, o conceito de pulsões de vida, corresponde àquilo que ele denominava, nos primeiros escritos, pulsões sexuais. Sendo classificadas, como forças que proporcionam a formação de unidades vitais cada vez mais complexas e globalizantes

Já as pulsões de conservação, ou pulsões do eu, ele as designará, após 1920, sob a expressão: pulsões de morte. Logo, as pulsões de morte trabalham e pugnam por um retorno do organismo ao inanimado ou ao inorgânico. Fazendo uma análise desse conceito, a pulsão de morte, na obra de Freud suscita confusão dentro do pensamento psicanalítico porque, embora encadeado com a descoberta original freudiana de uma psicosexualidade<sup>11</sup> inconsciente, vinculada à fantasia, autoerótica e anárquica, por outro lado favorece a ideia a de uma dinâmica psíquica de tipo biológico e inato, que faz do conflito psíquico um conflito de ordem instintiva que por definição torna-se insuperável. Assim, podemos estabelecer uma ligação clara e eficaz com o processo narrativo de *O Ateneu*, no instante que Sérgio sai do seu ambiente placentário, ele ainda cria

---

<sup>11</sup> Ao descrever o desenvolvimento da personalidade humana como *psicosexual*, Freud quis dizer que o que se desenvolve é a maneira pela qual a energia sexual do *id* (a parte mais instintiva da mente) se acumula e é descarregada à medida que amadurecemos biologicamente.

laços e vincula através de seu inconsciente a necessidade de uma figura materna, trazendo para seu ambiente psíquico um conflito de ordem insuperável. Mediante tais contribuições, temos nesse jogo das pulsões algo paradoxal, pois na medida em que elas lutam umas contra as outras e, paralelamente umas com as outras acabam gerando um desdobramento infinito. Ratificando essa ordem de pensamento, Rogério Miranda de Almeida afirma:

Tanto em Nietzsche como em Freud nunca se chega a uma síntese terminal. Porque o que está à base dessa dinâmica é, na teoria de Freud, o desejo no seu constante significar-se e, em termos nietzschianos, a vontade de potência na sua insaciável expansão e apropriação. Em suma, tanto para Nietzsche como para Freud trata-se do jogo de forças e pulsões nas suas relações, imbricações e superações contínuas.

Não se podem conceber as pulsões de vida sem pensar nas pulsões de morte, pois elas são essencialmente, ligadas umas às outras através de um conflito e uma tensão que não cessam de terminar e de recomeçar em um ambiente infinito. Diante de tais apontamentos, percebe-se que no texto de *O Ateneu*, as rupturas que são marcadas no inconsciente de Sérgio, daí a partir da ruptura dele com seu ambiente familiar. Quando Sérgio tem o primeiro contato com ambiente de o Ateneu, esse marco fica registrado no texto em um dia de festa, em uma visita antes de ser matriculado, e, por este ambiente festivo, criou-se uma atração no menino para fazer parte daquele espaço. O rompimento de Sérgio com a infância foi marcado logo em seguida pelo corte de cabelo.

Nesse ponto, a teoria dualística das pulsões em Freud é de grande importância para entender o conflito psíquico já existente. Diante dos embasamentos citados, apontam-se para escrita de *O Ateneu*, os grandes conflitos existentes na personalidade do menino Sérgio com seus pares. Ao falar dos conflitos psíquicos de Sérgio, iniciamos com as transformações impostas desde antes da entrada no microcosmo de *O Ateneu*. Inicialmente, temos a ruptura da infância de Sérgio, sendo estimulada por Ema, esposa do Aristarco, diretor do Ateneu, sendo representada com o seu o corte do cabelo, explicitando a transição da infância para a adolescência. Marcado pelo conflito desde o início da narrativa, a história do personagem se inicia com a frase marcante de seu pai, que se tornou famosa: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para lutar”. Com tais concepções, nota-se que *O Ateneu* expressa a representação do espaço da escola como um sistema repressor que tende ao desequilíbrio; como se efetiva o conflito do desejo e da escolha.

### 2.3 Amor e pulsão

Para uma ampla compreensão do mundo do personagem Sérgio e suas relações amorosas na narrativa, deve-se analisar conceitos das pulsões e do desejo, estes explorados pela Psicanálise, sobretudo pelas teorias freudianas. Partindo do inconsciente, em sua espécie de repositório de sentimentos, dos pensamentos, dos impulsos e memórias que subjazem à mente consciente, assim compondo a estrutura do psiquismo, juntamente com o pré-consciente e o consciente. A partir de tais observações, é possível apontar e estudar as memórias da infância individual de Sérgio, sendo feita a partir da narração e de seu processo de transição da infância para adolescência. Dessa maneira, ao analisar as recordações das vivências do narrador, durante o tempo vivido no internato. Logo, percebemos seus desejos oprimidos, suas pulsões sexuais sendo desabrochadas perante seus pares, vemos a transferência amorosa de Sérgio para Ema.

Primeiramente, deve-se entender as conexões estabelecidas entre amor e pulsão. Para tanto, iniciaremos com um estudo mais aprofundado sobre o amor e suas vertentes. Logo, para um entendimento sobre a temática e o diálogo entre a literatura e a psicanálise, fundamentaremos na percepção de Sigmund Freud, o teorizador da psicanálise, e também Jacques Lacan que revisitando os escritos freudianos, ao tratar da transferência na relação analítica, em O seminário, livro 8: a transferência (1960-1961) estuda o importante texto filosófico: o Banquete de Platão, que é totalmente dedicado a temática do Amor.

Portanto, serão vários são os conceitos de amor, analisados a partir dos discursos estabelecidos no texto de O Banquete. Segundo Lacan, Fedro o aponta como metáfora da substituição, enquanto, o abastado Pausânias assinala seu valor de troca; em Erixímaco, o médico, revela-se a face harmoniosa do amor; ao passo que Agatão enfatiza a atopia de Eros e, Aristófanes, poeta cômico, o desejo de completude. Chega-se, depois, à natureza do amor, um sentimento marcado pela falta, por meio das palavras de Sócrates. Diante disso, Lacan analisa os discursos e extrai aspectos significativos. O discurso de Fedro traz em sua análise a possibilidade do amado tomar a posição do amante; em outras palavras, o amante (ativo) e o amado (objeto) trocarem de papéis. Para Pausânias o amor caráter duplo, já na visão de Erixímaco, o amor regido pelo pressuposto de harmonia, inerente a toda a natureza, sendo responsável pela atração dos semelhantes entre si. Com relação ao discurso de Aristófanes, para explicar a origem do amor, se discorre sobre o mito dos homens hermafroditas, fortes e redondos, sendo o eterno desejo dos homens encontrarem a “metade perdida”. Por isso, conclui-se diante dos vários discursos apresentados a visão do desejo de completude e procriação por meio de fusão no outro, assim realizando o idealismo platônico.

O amor platônico pressupõe a unidade do ser, sendo o amor freudiano considerado a fração do ser, cuja vida mental, como se sabe, revela a existência do consciente, pré-consciente e inconsciente. Para abordagem dessa temática, é abarcada a relação de Sérgio e Ema, a relação é estabelecida a partir do amor platônico estabelecido por Sérgio. Um amor que se apresenta inicialmente com o reconhecimento maternal de Sérgio por Ema, mas que passa também a revelar uma base da sexualidade humana, uma pulsão. Assim, essas relações são dadas a partir do desejo que Sérgio propagava por Ema:

Junto da cama, um velador modesto e uma cadeira. Ema sentava-se. Pousava os cotovelos à beira do colchão, o olhar nos meus olhos — aquele olhar inolvidável, negro, profundo como um abismo, bordado pelas seduções todas da vertigem. Eu não podia resistir, fechava as pálpebras; sentia ainda na pálpebra com o hálito de velado a carícia daquela atenção. (POMPEIA, P. 175).

Ainda corroborando com o que foi apresentado acima, ao analisar a vivência do menino Sérgio no colégio, verificamos sua relação com os professores, companheiros serão vistas pela ambiguidade de sentimentos, cuja fonte se estabelece na primeira infância, nas relações da criança com o sexo oposto ou com pessoas de seu próprio sexo. É no meio de tantas inquietações, que Sérgio encontra os maiores dilemas e desafios no ambiente do internato. Consequentemente, para Freud (1914), “se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913- 1914].

As ansiedades de Sérgio são apontadas durante todas as suas lembranças do ateneu. Vimos suas aproximações com seus pares e sua relação afetuosa com Ema, todas marcadas pelos sentimentos e desejos suprimidos. Suas pulsões eram latentes naquele ambiente, as informações de suas lembranças dos inconscientes foram descritas em cada detalhe, seus amores e suas pulsões. Desse modo, é necessário entender essa aproximação desta entre amor e pulsão, sendo qual o elemento da intensidade, o qual em sua metapsicologia freudiana é designado como pressão ou força de uma pulsão. Assim, Freud define que “por pressão [*Drang*] de uma pulsão compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (FREUD, 1915b/1996, p. 127). Diante disso, apresenta-se o texto freudiano, sobre *a transitoriedade* (1916/1996), onde é aplicando os elementos para

aproximar os conceitos de pulsão e de amor, a partir de uma releitura da pressão implicada em ambos os termos.

Neste texto, o autor após passear com um amigo e com um poeta, questionou-se sobre as pessoas que não conseguem amar e nem tampouco admirar devido à transitoriedade das coisas e o luto que isso implica. Freud afirma que não compreende tal fato, pois "o valor da transitoriedade é o valor da escassez do tempo. Logo, para ele a limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição. Era incompreensível, declarei, que o pensamento sobre a transitoriedade da beleza interferisse na alegria que dela derivamos" (FREUD, 1916/1996, p. 317). Portanto, estaria o fenômeno amoroso ligado à transitoriedade e à intensidade implicada? Em que medida a pressão e a quantidade de força destacadas sobre a pulsão não estariam ligados à transitoriedade do amor-paixão? Apesar da intensidade e também da temporalidade da pulsão, o autor faz a seguinte definição:

Chegamos assim à natureza essencial das pulsões, considerando em primeiro lugar suas principais características – sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante – e disso deduzimos uma de suas outras características, a saber, que nenhuma ação de fuga prevalece contra eles (1915b/1996, p.125).

As relações apresentadas em *O Ateneu* acabam demonstrando os sentimentos ocultos de Sérgio, esses são apresentados mediante as circunstâncias vivenciadas por ele no ambiente do internato. Cada situação narrada coloca diante do leitor os sentimentos mais profundos de Sérgio perante tudo aquilo que o ambiente hostil de *O Ateneu* lhe trazia. Ao analisar toda a narrativa, percebe-se toda uma linguagem que traz o componente sexual como algo marcante no romance, dividindo as pessoas em machos e fêmeas. No texto, é destaque toda problemática da sexualidade de Sérgio sendo descritas entre as entrelinhas do texto. Seus medos, pulsões, complexos sendo apresentado mesma que de maneira inconsciente por ele. De tal modo que a visão determinista é apresentada no livro, através da relação entre os alunos que é marcada pela libido, pois o ambiente acaba trazendo esse favorecimento. Procura-se a partir da leitura de *O Ateneu*, compreender os conceitos da psicanálise que são apresentados para uma melhor interpretação do texto, a partir das visões de Freud e Lacan é possível ampliar os entendimentos sobre o inconsciente, analisando os desejos, as pulsões, além do ato amoroso exercido na figura de Sérgio com seus pares.

Cabe aqui, destacar o entendimento da psicanálise sobre o objeto de uma pulsão: "é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade. É o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado

por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação." (Freud, 1915). As pulsões que para Freud faz a distinção entre pulsão sexual e pulsão do eu: "Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos do ego, ou auto preservativos, e os instintos sexuais." (Freud, 1915). Freud diz que é o conflito entre as exigências da sexualidade e as do eu que está na raiz das neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva).

É compreensivo a partir de tais alusões citadas, as representações que os personagens da narrativa são colocados na visão de Sérgio, temos as figuras do pai, da mãe ou dos irmãos sendo substituídas pelas pessoas que passa a conhecer no ambiente do internato. Tais figuras substitutas são imagens do seu núcleo familiar que são projetadas nos relacionamentos futuros, nas escolhas amorosas ou de amizade, com base nas lembranças deixadas por esses primeiros modelos. Sob a perspectiva freudiana, Aristarco transforma-se no pai substituto para os quais são transferidas as expectativas ligadas ao pai onisciente, que é possível confrontar. A transferência amorosa é estabelecida a partir da figura de Ema. O edipiano Sérgio, retirado do "aconchego placentário", da "estufa de carinho" vai "enfrentar o mundo", assim sendo o ritual iniciático do corte dos cabelos, ingressando na ordem simbólica e projetando sobre as figuras dos colegas, dos professores e do Aristarco, de Ema e seus sentimentos são colocados em um nível de ambivalência de amor e ódio.

É, em meio a todas essas inquietações e pulsões que notamos na trajetória de Sérgio em sua imersão encontramos seus maiores dilemas e desafios no ambiente do internato, tendo em vista que a cada tempo que passava naquele lugar, suas relações entre se complexificam e ao mesmo tempo, se tornam debates sociais e subjetivos a partir das suas vivências. Na verdade, Sérgio enfrenta além de antagonismos psicossociais, da sua própria genética, é um indivíduo que é obrigado a lidar com situações adversas às suas vontades e controle, sendo vulnerável a sua falta de malícia e também aos seus desejos inconscientes. Sendo muitas vezes reprimido com imposição de padrões de cunhos sexuais, culturais ou até mesmo em suas ideologias religiosas. Sérgio tinha que lidar em constância com situações adversas e alheias as suas vontades, sendo assim, necessário ressignificar as suas escolhas e colocar muitas vezes em cheque os seus desejos por meio das imposições e ditames sociais, além de reprimir suas pulsões, que eram expostas de acordo com a situação vivenciadas, através de suas transferências.

Afastado de seu ambiente familiar percebemos que o personagem Sérgio se desampara com a circunstância da dura realidade d'Ateneu que, sendo subjugado e com a repressão da homossexualidade, mediante a falsa moralidade burguesa, acabou-se intensificando os

processos punitivos. Nessa situação, a punição fazia parte dos processos educativos do internato. Ali percebemos que suas idealizações em relação ao Ateneu são frustradas. Retirado de seu ambiente familiar a sua “estufa de carinho”, do seu local de proteção familiar. Sérgio começa a notar a sua inserção social em uma instituição masculina, na qual o poder é exercido sobre seu corpo. Como afirma Campos:

Sérgio vê-se, de repente, parte de um grupo, no qual “os rapazes ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza, são dominados, festejados, pervertidos, como meninas ao desamparo”. E em pouco tempo Sérgio passa não só a conhecer, mas também a viver o universo dos protetores e dos protegidos (CAMPOS, 2002, p. 113).

Por intermédio disso, dessas relações sufocantes do ambiente de *O Ateneu*, Sérgio sentiu-se desamparado. É notório que ele deseja ajuda, para enfrentar toda aquela hostilidade do ambiente, dessa forma se entrega a um jogo de erotismo e poder. Onde é colocado em situação em que Sanches, fingindo salvá-lo do afogamento, torna-se seu protetor e vai ser repellido quando Sérgio nota suas intenções sexuais. Logo após, Bento Alves, começa cortejar Sérgio, chegando “ao excesso das flores”; estabelecendo assim uma relação amistosa com Rabelo; mas seus desejos e afetos são direcionados a Egbert. Diante dessa relação, Sérgio entra para o grupo dos dominados, visto que, ocorre uma espécie de relação entre eles, uma relação entre os iguais. Percebemos no trecho a descrição de Egbert segundo a visão contemplativa e subjugada de Sérgio:

Conheci pela primeira vez a amizade [...] Do Egbert fui amigo. Sem mais razões que a simpatia não se argumenta. [...] Vizinhos ao dormitório, eu, deitado, esperava que ele dormisse, para vê-lo dormir e acordava mais cedo para vê-lo acordar. Tudo que nos pertencia era comum. Eu por mim positivamente adorava-o e o julgava perfeito. Era elegante, destro, trabalhador, generoso. Eu admirava-o, desde o coração até a cor da pele e à correção das formas. [...] Falávamos baixo, bondosamente, como temendo espantar com a entonação mais alta, mais áspera, o favor de um gênio benigno que estendia sobre nós a amplidão invisível das asas (POMPEIA, 2015, p. 198-200).

Diante do exposto, Freud refere-se a dois conceitos que se encontram no alicerce da sexualidade humana: que é a pulsão, que é mostrada do ponto de vista da sexualidade, onde se manifesta de maneira irregular, e o recalque, que é colocado como um mecanismo estrutural do psiquismo que antecede tudo, que se faz presente na estrutura do sujeito, impedindo as representações ligadas à pulsão e à libido. Ocasionalmente o impedimento do prazer oriundo da satisfação da pulsão. Por isso, o comportamento ambíguo de Sérgio, em um local totalmente repressivo, tornando a errância do desejo, que se é expressada em suas relações, sendo tanto em

relação ao companheiro, assim como também com Ema. Logo, ambos os personagens despertam e mobilizam os desejos ocultos de Sérgio, incluído nessa perspectiva o amor de Sérgio por Ema, que é marcado desde o início. Para Freud (2021), o amor advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico uma parte de suas emoções pulsionais, objetivando obter o do prazer de órgão. São originalmente narcísico, e passa então para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, expressando então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos tidos como fontes de prazer. Logo, ele se conecta intimamente à atividade das pulsões sexuais posteriores e coincide, quando se cumpre sua síntese, com a totalidade da aspiração sexual. Colocadas como fases preliminares do amar surgem como metas sexuais provisórias enquanto as pulsões sexuais atravessam seu complicado desenvolvimento.

Por fim, *O Ateneu* é fruto de uma revisitação do próprio autor às suas memórias afetivas recheado por interditos e dramas. Trazendo a torna as percepções intimistas de Sérgio, mostrando suas pulsões e desejos que serão mascarados ao longo da narrativa. Diante disso, é destaque na escrita de *O Ateneu*, uma mudança de mentalidade e sensibilidade, não só através da representação do personagem-narrador, mas também na representação do ambiente do internato como um sistema repressor que tende ao desequilíbrio. Desse modo, ao se compreender o texto como uma manifestação do inconsciente, cabe destacar aqui, que a literatura e a psicanálise se fundamentam na linguagem material a partir do qual ambas se constroem. Portanto, enquanto a literatura busca a expressão estética, a psicanálise necessita da cura dos problemas que afetam o psiquismo humano. Em suma, ambas têm como fundamento a subjetividade.

### **3. O RITUAL AMOROSO DE SÉRGIO POR EMA**

Ferreira (2014), afirma que o amor se articula com o desejo. Ou seja, desejar implica, num primeiro momento, no reconhecimento do desejo e depois, o relançamento do que não se realizou em novas aspirações. Mas se o amado for apreendido como se fosse a outra metade, isto é, como se fosse o objeto do desejo, espera-se do amor um verdadeiro milagre: a junção de dois seres em um, existindo a presença de uma conexão.

Especificamente ao estudar a contextualização do amor, é possível abordar os episódios relatados em *O Ateneu*. Perceba que na narrativa, no segundo ano, o que mais causa impacto nas memórias do narrador-personagem é Ema, mulher de Aristarco. Ela é relatada desde o início do livro, quando Sérgio é convidado para um jantar na casa do diretor, graças ao seu bom

desempenho nas provas. É por meio desse episódio que, Sérgio impressiona-se com a figura de Ema, visto que até então era algo distante e motivo de boatos entre os alunos. Diante dessa expectativa, é possível entender essa atração de Sérgio por Ema a partir do campo psicanalítico, pois para a psicanálise, o ato de amar coloca em cena dois lugares: o de sujeito (amante) e objeto (amado). Aquele sobre o qual se abate a experiência de que alguma coisa falta, mesmo não sabendo o que é, ocupa o lugar de amante. Para Ferreira (2014), aquele que, mesmo não sabendo o que tem, sabe que tem alguma coisa que o torna especial, ocupa o lugar de amado. O paradoxo do amor reside no fato de que o que falta ao amante é precisamente o que o amado também não tem. O que falta? O objeto do desejo.

Sobre as percepções do amor, a psicanálise nos aponta que o amor não elimina nem a falta, porque ela faz parte da constituição do aparelho psíquico (subjetividade), nem o desconforto do homem no mundo. Para Freud, em seu texto *Mal-estar na civilização*<sup>12</sup>(1930), ele indica as fontes principais desse desconforto: que são as exigências imperativas do social, a degradação do corpo, a morte e os conflitos inerentes aos laços sociais (amor, relações familiares, de trabalho e de amizade). Portanto percebe-se a partir desses apontamentos, tais desconfortos presentes durante toda a narrativa de *O Ateneu*, com suas relações conflituosas e afetivas entre Sérgio e seus pares. Tais fatores apontam como, o personagem-narrador experimenta por dois longos anos a pedagogia do Ateneu, que será decisivo para a formação da sua personalidade, pois apontará a transição da infância para a adolescência. Suas expectativas são frustradas, uma vez que a sedução trazida logo no início da narração pelo internato, se transforma em rejeição e amargura, diante da sociedade repressora representada no microcosmo de d'Ateneu. Percebe-se, que Sérgio sendo acometido dos tais desconfortos do mundo, que são apontados por Freud em *Mal-estar na civilização* (1930), afastado da família, sente-se desvalido e intimidado pela dura realidade, atrelados a falsa moralidade burguesa, que intensifica os processos punitivos.

[...] me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso (POMPEIA, 2013, p. 29).

---

<sup>12</sup> Neste texto, Freud discute as questões suscitadas pela busca da felicidade e do prazer em face aos paradoxos da satisfação.

Retirado do seu ambiente protetor familiar, Sérgio sente-se apavorado e deseja ajuda, para enfrentar a hostilidade do ambiente. Dessa forma, acaba ingressando no jogo de erotismo e poder. Diante disso, em uma visão determinista, as relações de *O Ateneu*, inclusive entre os alunos era marcada pela libido, pois o ambiente favorecia, levando assim, a descoberta da sexualidade. Corroborando com isso, Freud aponta dois conceitos que se encontram na base da sexualidade humana: a pulsão, através da qual a sexualidade se manifesta de maneira irregular; e o recalque, mecanismo estrutural do psiquismo que antecede tudo. Ele é presente na estrutura do sujeito, que inibe as representações ligadas à pulsão e à libido, bloqueando o prazer oriundo da satisfação da pulsão. Assim, o comportamento ambíguo de Sérgio, um adolescente em formação num ambiente repressivo, manifesta a errância do desejo, que se manifesta tanto nas suas relações de amizade, em relação a Ema. A mulher do diretor surge nos sonhos do narrador como uma imagem ambígua, misto de "mãe" e "mulher".

Nessa circunstância, a relação de enamoramento de Sérgio por Ema é exemplificada no decorrer de alguns encontros que são relatados na narrativa. Portanto, é perceptível como o personagem mantém uma relação amorosa que podemos estabelecer como uma profunda transferência do amor, em suas disparidades subjetivas. Usamos a psicanálise como grande auxílio para ilustrar essa teoria pertinente, concebendo um estudo mais profundo d' *O Ateneu*. Para uma análise intensa, busca-se entender as percepções psicanalíticas, buscando um entendimento do aparelho psíquico. Para isso serão apontadas as percepções de Freud, que elaborou duas teorias sobre o aparelho psíquico, que estão estabelecidas como a primeira e a segunda tópicas. Inicialmente, na primeira tópica, o aparelho psíquico é concebido por três instâncias: inconsciente, pré-consciente e consciente. Posto que, essas instâncias são regidas pelos princípios de prazer e de realidade. Já na segunda tópica, temos o id, superego e ego.<sup>13</sup>

Conforme, verifica-se perante a narrativa de *O Ateneu*, é possível identificar tais tópicos, visto que, a narração do personagem Sérgio ocorre com ele já adulto, assim rememorando suas vivências e suas impressões, pelo período de dois anos, justificando o subtítulo do livro *Crônicas de Saudades*; a narrativa apresenta uma visão subjetiva da realidade. posteriormente, o livro tem uma linguagem bastante descritiva, trazendo ao leitor a impressão do ambiente narrado. Também, apresenta diversos desenhos feitos pelo próprio autor, mostrando as características e expressões dos personagens e cenas. É notável no texto de Pompéia a marcante instância do inconsciente, ponto de entrada do aparelho psíquico. Freud afirmara que os

---

<sup>13</sup> O Id é a fonte de nossa energia psíquica, e representa a nossa libido. O Ego é desenvolvido a partir do nosso Id e tem o intuito de tornar nossos impulsos efetivos, como se fosse nosso princípio de realidade. O Superego é a parte moral da mente humana e age de acordo com os valores da sociedade em que vivemos.

escritores já faziam e muito conhecia em sua arte os mecanismos do inconsciente. Assim, Raul Pompéia transpôs as projeções do inconsciente, trabalhando com as reminiscências traumáticas de sua adolescência. Assim, fazendo à sua maneira, um regresso psicanalítico às fontes primeiras de suas cicatrizes. Para Freud (1915), é necessária e legítima a suposição da existência de processos mentais inconscientes, pois:

“Os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova” (idem, p. 172).

No texto estudando as três instâncias, inclusive ao analisar a literatura de *O Ateneu*, percebe-se que é uma narrativa em tom de confissão, narrada em 1ª pessoa por Sérgio (personagem-narrador). Assim é notório que, a obra traz uma variante memorialista, seu narrador, Sérgio, expõe suas memórias de infância e adolescência num colégio. Assim, o foco narrativo em primeira pessoa aponta o processo do seu inconsciente, que facilmente tornam-se consciente. Diante de tais apontamentos, todas as memórias que temos fácil acesso, são denominados pré-conscientes. Denominadas de lembranças recentes e passadas também. Portanto, não está presente na consciência, porém pode ser acessada sem resistência alguma. O interesse de Freud era muito maior com relação às áreas de consciência menos expostas e exploradas como o pré-consciente e o inconsciente. Então mediante o contexto de *O Ateneu* e as concepções subjetivas narradas por Sérgio em relação a sentimentos, emoções e afeto, Freud afirma que:

“Em primeiro lugar, pode ocorrer que um impulso afetivo ou emocional seja sentido, mas mal interpretado. Devido à repressão de seu representante adequado, é forçado a ligar-se a outra ideia, sendo então considerado pela consciência como manifestação dessa ideia. Se restaurarmos a verdadeira conexão, chamaremos o impulso afetivo original de inconsciente. Contudo, seu afeto nunca foi inconsciente, o que aconteceu foi que sua ideia sofreu repressão” (idem, p.190).

Tais aproximações com a teoria freudiana não se esgotam por aí. Deve-se rastrear na personalidade de Sérgio as marcas intensas do complexo de Édipo mal resolvido (o pai sendo castraste, odiado e a projeção da relação pai / filho na recusa à autoridade de Aristarco; além também, da projeção em suas relações com a mãe, sendo figurada no personagem Ema. É importante demarcar sobre o texto de *O Ateneu*, outro fator importante, quando Sérgio, no final do segundo ano, adocece e é enviado à casa do diretor, como se fazia sempre que um aluno adoecia, Ema cuida dele e intensificam-se os conflitos internos do narrador. Apoiando nesse viés, aponta-se que, mediante tais conflitos, é visto também na narrativa as relações com o

componente sexual, que se torna um traço mais valorizado na personalidade dos adolescentes do internato. Inclusive, existe uma divisão fielmente em machos e fêmeas, dominadores e dominados. Destaca-se aqui, a visão de Sérgio em relação ao seu colega de internato, Bento Alves: “Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer, porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos.” (POMPÉIA, 2007, p. 74)

Em uma visão determinista, a relação entre os alunos é marcada pela libido, pois o ambiente favorece, já que só há homens nele, são levados a descoberta da sexualidade. Para Ferreira (2014), é mediante esse sentido que se pode dizer que a libido é a substância das pulsões sexuais e está sujeita a transformações. Sendo a quantidade de energia dessa força sempre em movimento é distribuída de forma ou equivalente, ou desequilibrada. Em *O Ateneu*, percebe-se a dicotomia, atividade-passividade, referindo-se aos estímulos provenientes do próprio corpo e do mundo externo. Sendo que, o eu, pode ser considerado passivo em relação aos estímulos externos, no caso, aqui os estímulos da convivência no internato, alimentados pela constância. Igualmente, de seus colegas também internos, isso tudo ativo no que diz respeito às suas pulsões. É notório que, as amizades que Sérgio desenvolve na escola, são todas marcadas por um amor ou desejo que não ousa dizer o seu nome.

É válido destacar que esses relacionamentos ocultos na narrativa de *O Ateneu*, sendo eles também homossexuais, não chegam de fato a se concretizar em conjunção carnal, mas são latentes por meio de um jogo dúbio de ocultação, dissimulação, recalque e denegação. Inference, na sequência dos pares de Sérgio, uma gradação, que vai do nível mais baixo e carnal ao mais sublime e idealizado. Desse jeito, em dado momento, ele sente-se cansado de lutar pelo seu espaço, passa a desejar um protetor, dantes já oferecido em dado momento da narrativa, assim encontrando-o primeiramente em Sanches, depois em Bento Alves e, por fim, em Ema. Destarte, após o notório encantamento de Sérgio por Ema, temos uma possível relação de transferência e representação do complexo de Édipo. Dentro desse escopo, o repressor Aristarco, diretor do colégio, seria a representação do odiado pai, usando a simbologia do Complexo de Édipo, estudado pela psicanálise a partir da narrativa da obra *Édipo Rei*. Desse modo, justifica-se alguns dos estímulos externos e pulsões sexuais com esse trecho da narrativa:

“bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por sua graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre os quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas de uma cor só... de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria a cor do jambo...Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso e mole que o corpo alternava.

Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado ...”  
(POMPÉIA, 2007, p.)

Quando Sérgio fica doente, ela se mostra uma enfermeira maternal, faz-lhe carinhos. “Não! eu não amara nunca assim a minha mãe.” Diante desse trecho da narrativa, percebe-se que, Sérgio vê Ema com olhos divididos: ora mãe, ora mulher (afinal, ela era uma das poucas presenças femininas junto àqueles adolescentes em processo de descoberta da sexualidade.) Para Ferreira (2014), as pulsões sexuais e as pulsões do eu (pulsões de autoconservação) dialogam, tendo, portanto, a mesma quantidade de libido<sup>14</sup>. Quando elas se separam, a divisão da libido pode ser feita de forma desequilibrada: ocasionando, uma certa quantidade de libido retirada dos objetos é investida no eu, ou uma certa quantidade de libido retirada do eu é investida nos objetos.

Esse deslocamento da libido determina duas escolhas do objeto amoroso: narcisista e anaclítica (de ligação). Diante de tais afirmações, pode-se ratificar que a libido é a substância das pulsões sexuais e está sujeita as transformações. Sendo que a quantidade de energia dessa força em contaste movimento é distribuída de maneira equivalente, ou desequilibrada. Desse modo, a figura de Ema, excitava a imaginação de Sérgio ao mesmo tempo em que era tida como figura amorosa, trazendo a figura materna, também despertava o desejo oculto. Dialogando com esses apontamentos sobre o objeto amoroso/sexual, Ferreira (2014):

Em função das condições particulares da espécie humana, todo indivíduo tem dois objetos sexuais: ele próprio e as pessoas que exercem as funções de alimentação e de proteção. Assim, a escolha narcísica tem como modelo a imagem de si mesmo: amamos o que somos, o que fomos, o que gostaríamos de ser e alguém que foi parte de nós A teoria do amor mesmos. Já a escolha anaclítica tem como modelo as funções maternas e paternas: amamos a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Toda essa situação vivenciada por Sérgio explora a transferência alimentada por Ema. Nessa circunstância, percebe-se que na narrativa temos a representação do personagem sendo retirado da “estufa de carinho”, do ambiente protetor da família, e sendo colocado em uma instituição masculina na qual a disciplina e o poder se exercem sobre os corpos. Amedrontado e totalmente desprotegido, Sérgio deseja ajuda, para enfrentar a hostilidade do ambiente, ingressando no jogo de erotismo e poder. Como afirma Campos:

---

<sup>14</sup> Na obra freudiana, a libido será vista como uma energia que sustenta a ação da pulsão de vida em nós. *Libido* é um termo usado na teoria psicanalítica para descrever a energia criada pelos instintos sexuais e de sobrevivência. De acordo com Sigmund Freud, a libido é parte do *id* e é a força motriz de todo o comportamento.

Sérgio vê-se, de repente, parte de um grupo, no qual “os rapazes ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza, são dominados, festejados, pervertidos, como meninas ao desamparo”. E em pouco tempo Sérgio passa não só a conhecer, mas também a viver o universo dos protetores e dos protegidos (CAMPOS, 2002, p. 113).

Assim, para um melhor entendimento do texto de *O Ateneu*, deve-se fazer uma análise psicanalítica dos apontamentos trazido na obra. Quando é apontado na narrativa os questionamentos sobre os dominados e aqueles que dominam, temos a divisão do sexo feminino e masculino. Trata-se, exclusivamente de uma abordagem, onde o masculino significa maior quantidade de investimento libidinal no objeto e o feminino quer dizer maior quantidade de investimento libidinal no eu. Desta forma, é notável que nessa narrativa vários pontos psicanalíticos sejam abordados. Assim pode-se apontar aqui, o entendimento de Freud sobre a perspectiva anunciada, Freud (1920), afirmar categoricamente que aspectos sexuais físicos, caracteres sexuais, mentais e escolha de objeto apresentam relações complexas e não-coincidentes. A priori, quando se aponta a relação sentimental de Sérgio por Ema, trazemos uma abordagem masculina com excesso de investimento libidinal no objeto.

Corroborando com esse trecho, aponta-se a ideia de Freud, a partir da visão narcisista. No referido texto de 1914, Freud afirma claramente: que aqueles que renunciaram a uma parte do seu narcisismo<sup>15</sup>, acabam lançando-se à procura do amor, transferindo o seu próprio narcisismo para o objeto amado. Portanto, percebemos no enredo de *O Ateneu*, a transferência do narcisismo de Sérgio para Ema. Inclusive, para Freud, mediante ambas as escolhas, o que está em jogo é o amor como sentimento da paixão, que tem como característica a supervalorização do objeto ou de si mesmo. Freud nomeia essa supervalorização de estigma narcisista.

Por meio disso, deve-se trazer o pensamento de Ferreira (2014), que aponta a escolha narcísica, o eu ideal, que é amado com a mesma intensidade com que o eu do prazer foi amado no autoerotismo. Ratificando essa linha de pensamento, Freud, na obra *Em Psicologia de grupo e análise do ego*, fala sobre a devoção do amante ao objeto amado que é comparada à submissão do hipnotizado ao hipnotizador. Em uma idealização, como superinvestimento do amado à custa do amante, o objeto amado é colocado no lugar do ideal do eu. Desse jeito, faz com que a separação seja vivida como se fosse um golpe que dilacera as vísceras e atormenta a alma.

---

<sup>15</sup> Narcisismo, ou também chamado por seu nome completo e técnico de Transtorno de Personalidade Narcisista, é um desvio que afeta a mente da pessoa por completo. Isso quer dizer que o narcisista pensa, sente, percebe-se e interage com o mundo de maneira diferente da maioria das pessoas.

Constata-se com isso, a devoção de Sérgio por Ema, quando narra o episódio da enfermaria, Sérgio está com sarampo. Devido a isso e à enfermidade de seu pai, que viajara com toda a família para a Europa, acaba ficando na enfermaria da escola no período de férias. Sendo cuidado por Ema, em um clima de doçura, amor maternal, filial, erotismo paira sobre eles, intensificando seus conflitos.

Percebe-se os sentimentos inconscientes de Sérgio, sendo transferidos para Ema, sendo alimentado pelo processo de transferência. Para Ferreira (2014), a transferência, é compreendida como deslocamento das fantasias ligadas aos impulsos sexuais recalçados, produzidos como efeitos desses deslocamentos do amor. No amor de transferência trava-se um combate, a partir de duas estratégias, que colocam em cena o amor e o desejo. É fato que, na narrativa temos o comportamento ambíguo de Sérgio, diante do indivíduo em formação num ambiente repressivo, manifesta o estado do desejo, que é sentido em relação a Ema. A descrição de Ema, ainda no primeiro capítulo, traz um paralelo com a caracterização de Egbert; pois ambos os personagens mobilizam os desejos inconsciente de Sérgio:

Erigindo porém o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também cor de jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me. [...] O poemeto de amor materno deliciou-me como uma divina música (POMPEIA, p. 41-42).

Observa-se os valores sexuados, que estão aparentes nas duas descrições da narrativa: diante das características de Ema, é observado a imagem da fecundidade feminina e, ao mesmo tempo, também é colocada como alusão religiosa ao fruto proibido, que em contraponto é desejado, que por trás da dramaticidade do cetim preto revela “a vida oculta da carne”. Além disso, foi observado a admiração pelas formas apolíneas de Egbert na sua descrição; de ante disso, suas referências amorosas em ambas as formas descrições, um pensamento amoroso e outro desejo lascivo, nos indicam ânsia pela lascívia do adolescente Sérgio.

Tais percepções deve-se apontar as idealizações do inconsciente, o real comparece no inconsciente por uma fenda que percorre a sexualidade de ponta a ponta. A existência desse furo se deve à falta de um saber genético sobre a diferença sexual: o instinto. Para Ferreira (2014), em algum momento da história de cada recém-nascido será gravado o significante que

inscreve a diferença entre os sexos no inconsciente: o falo<sup>16</sup>. No entanto, isso inaugura simultaneamente a falta de outro significante para a constituição de um par antitético. Então temos: o falo e a falta do significante do *Outro* sexo. O primeiro efeito das relações que se estabelecem entre o bebê e quem exerce a função materna é a simbolização do falo como alguma coisa com valor de dom. Assim, quando entra em cena o complexo de Édipo, as crianças se confrontam com o valor simbólico do falo. Aqui as insígnias viris adquirem valor de dom, produzindo uma divisão: ter ou não ter o dom. Isto é traumático. Por quê? Porque a falta do significante do *Outro* sexo inviabiliza a produção de um saber sobre o Outro sexo, recolocando em cena um furo original. Então, inventa-se o amor para suprir essa falta.

Diante dessa análise de Ferreira (2014), a figura de Sérgio, marcada pela ambivalência, projeta-se na narrativa tanto pelo lado masculino, como pela perspectiva feminina: assim, desejando ocupar o lugar do pai, edipianamente, referindo-se a figura de Aristarco, que representava a ideia de pai na narrativa, em relação a Ema. Deve-se eliminar o pai simbólico para que ocorra a finalização do desejo, ou seja, sua concretização. A modalidade de amor, que entra em jogo no amor de transferência, tem a mesma estruturação da paixão. Trata-se de um amor que busca o ser amado e que se protege no doce e amarga ilusão de que o objeto amado tem o saber que falta ao amante. Consequentemente, Sérgio busca em Ema, seu ser amado, aquilo que lhe falta.

Na concepção de Ferreira (2014), o indivíduo apaixonado, quando ama, quer o objeto só para si mesmo; quando odeia, almeja a destruição do objeto. Não é a paixão que faz tantos estragos nos laços familiares, de trabalho e de amizade? Primeiramente vem a demanda de ser o mais amado. Logo após, as queixas, alimentadas pela frustração de não ter sido amado segundo suas expectativas. Em consequência, a paixão habita o reino do imaginário, onde as súplicas se expandem sem limites. Será que é preciso contar o revés? Mesmo se sentindo amado, o amante-apassionado se vê e se sente sempre colocado em segundo plano. Corroborando com a narrativa de *O Ateneu*, justamente por ter essa idealização de amor por Ema, gerou-se a disputa desse amor com seu pai simbólico, Aristarco. É notório a necessidade da eliminação do rival, por sentir-se sempre colocado em um segundo plano.

Para Sérgio, em relação a Ema, é projetado ao mesmo tempo a imagem de filho e amante; as fantasias sexuais se revelam pela necessidade de aproximação com Ema, como se pode observar:

---

<sup>16</sup> O falo é o significante que define como homens e mulheres se posicionam na relação entre os sexos. “O semblante fálico é o significante mestre da relação ao sexo” (Soler, 1998, p. 199). É ele irá organizar a diferença entre homens e mulheres, assim como suas relações.

[...] fez-se-me desesperada necessidade a companhia da boa senhora. Não! Eu não amara nunca assim a minha mãe. Ela andava agora em viagens por países remotos, como se não vivesse mais para mim. Eu não sentia a falta. Não pensava nela... escureceu-me as recordações aquele olhar negro, belo, poderoso, como se perdem as linhas, as formas, os perfis, as tintas de noite, no aniquilamento uniforme da sombra [...] (POMPEIA, 2015, p. 250).

Diante do contexto de *O Ateneu*, que podemos abordar a percepção de Lacan que retoma a teoria freudiana do amor, notando nela uma diversidade de amores. As fontes do amor como dom-de-si se encontram na abordagem de Freud sobre o autoerotismo <sup>17</sup> como sinônimo de narcisismo primário. Para ele, o amor-paixão tem como referência básica os textos freudianos sobre o amor de transferência e sobre as escolhas narcísica e anaclítica do objeto amado. Em nota, Ferreira (2014), afirma que, enquanto Freud se dedicou mais ao amor com a função de idealização, Lacan irá se interessar pelo amor com a função de sublimação, introduzindo na tradicional antítese sujeito-objeto (amante-amado) um terceiro elemento, que é o que está para além do objeto do amor: o nada. Nessa função se inscrevem as modalidades do amor como recusa do dom, destacando-se principalmente o amor como metáfora, o amor cortês e o amor trágico.

Após a análise da obra sob a perspectiva da crítica psicanalítica, ao compreender e observar no texto uma manifestação do inconsciente, observando e analisando as imagens ligadas, evidencia-se na narrativa, o espaço de um internato masculino, onde as imagens atreladas a ele prevalecem. A imagem retratada do feminino é marcada pela submissão, pela sexualização da mulher na figura de Ângela, já em Ema, muitas vezes era idealizada por Sérgio como angelical e de traços maternos, mas também vista e descrita como a partir de sua visão subjetiva com uma mulher balzaquiana, atraente, com contornos notáveis e sexualizados. Portanto, cabe aqui ressaltar a importância de tais percepções de formas subjetivas, para o estudo mais detalhado a partir da ótica da psicanálise. Visto que, assim como a literatura, a psicanálise se fundamenta na linguagem, material a partir do qual ambas se constroem. Enquanto a primeira busca a expressão estética, a segunda busca a cura dos problemas que afetam o psiquismo humano. Além disso, ambas têm como fundamento a subjetividade.

---

<sup>17</sup> Quando Freud afirma que o autoerotismo se caracteriza por uma ausência de objeto sexual exterior, o que ele está defendendo não é a existência de um estado primitivo “anobjetal”, mas sim o caráter contingente do objeto da pulsão sexual, pois é exatamente essa característica que vai distinguir a pulsão sexual do instinto, para o qual haveria um caminho pré-formado em direção a um objeto determinado.

### 3.1 Os fundamentos do amor

Pretende-se começar pela exposição do ponto de vista em torno da relação amorosa de Sérgio e Ema, em seguida aprofundar a transferência do amor, em suas disparidades subjetivas, baseando-se na teoria analítica de Freud e Lacan. A fundamentação da psicanálise nos será de grande auxílio para ilustrar essa teoria pertinente. Primeiramente, deve-se apontar aqui, a teoria filosófica do amor, Freud se refere ao mito enunciado por Aristófanes no *Banquete de Platão* para contextualizar o entendimento sobre a temática do amor. Já Lacan retomará uma leitura aproximada do texto para construir uma teoria da transferência coerente com suas elaborações teóricas. Nesse ponto, Freud apontará em sua narrativa o modo de conceber o amor, reelaborado na medida da experiência analítica, apontando que, o amor verdadeiro é um amor que não é real. Já para Lacan retoma o vivo deste ângulo subversivo e radicalmente outro. Dessa forma, todo o caminho percorrido entre a visão platônica do mito do amor e a outra vertente do amor como engano.

De maneira sucinta o mito de Aristófanes,<sup>18</sup> com a passagem do *Banquete de Platão*<sup>19</sup> onde é abordada a questão do mito fundador do imaginário do amor. De início, a espécie humana dividia-se então em três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Este último possuía as características dos dois sexos, isto é: quatro braços, quatro pernas, dois rostos opostos numa só cabeça e dois sexos. Assim sendo este, descrito com força e vigor estupendos, desafiaram os deuses tentando escalar o céu. Dessa maneira, Zeus decidiu então parti-los em dois. Logo após, já com os corpos desdobrados, não pensavam em outra coisa: encontrar-se finalmente reunidos. Como não puderam se reproduzir, ao final, Zeus decidiu oferta-lhes um sexo para que pudessem gerar.

No mito platônico, toda a distância entre a possível complementação feita pelo outro sexo, resulta na experiência analítica que mostra a impossível complementaridade sexual. No entanto, a busca pelo sujeito não é necessariamente de um complemento sexual e sim de outra coisa. Logo, esta outra coisa será de fato desenvolvida mais tarde por Lacan, sendo apresentada na versão em que a imagem do outro será visada em seu aspecto enganador da imagem de amor.

---

<sup>18</sup> O mito (ou a fábula) é, em Aristóteles, a alma da tragédia grega. Trata-se, segundo ele, da imitação de personagens que agem, quer dizer, o mito são sinónimos em termos de arte poética, de ação. Entre os seis elementos que constituem para Aristóteles a tragédia o mito é o mais importante deles.

<sup>19</sup> *O Banquete*, é um texto grego célebre que examina a natureza do amor: o que é, de onde vem e o que significa estar apaixonado. A leitura de *O Banquete* é particularmente importante dada a destruição do conceito de Amor nos nossos dias. O niilismo reduziu o amor a um embate de poder entre os seres, onde ser amado por alguém seria uma conquista de poder sobre esta pessoa.

Fazendo uma transposição dessa percepção para a narrativa de *O Ateneu*, pode-se destacar que o amor está duplamente representado no romance: primeiro, em um enlace nas relações entre os iguais, sendo colocado em um eixo da complementaridade sexual. No segundo, o amor platônico vivenciado entre Sérgio e Ema, que a partir da análise de Lacan seria a imagem do outro, sendo a imagem do amor. Nesse último âmbito, nota-se um amor narcisista, delicado e orgulhoso diante de si mesmo, diante de sua própria imagem.

Diante dessa visão narcisista, Nicéas (2013), em sua análise, faz uma reflexão sobre a situação do texto de 1914, no pensamento do fundador da psicanálise, referindo-se a Freud. Onde o narcisismo cronologicamente, se inscreve entre a primeira e a segunda polaridade das pulsões. Para tanto, ao analisar tais contextos, o conceito de narcisismo é afirmar que a vida amorosa dos homens e das mulheres, e suas fixações descritas detalhadamente por Freud no texto de 1914, não autoriza nenhuma divisão radicalmente "estabelecida para os dois sexos, anatomicamente distintos, quanto às suas escolhas amorosas" (Nicéas, 2013: 74), e tampouco, a ideia de uma suposta maturidade na relação entre o sujeito e objeto.

Para Nicéas (2013), Freud deduz a existência do narcisismo como primária, assim, a vida amorosa do sujeito tem início a partir do ponto mítico do investimento dos seus pais em "sua majestade, o bebê". Diante de tal argumentação, na obra *em Amor de si* (Nicéas, 2013), são observados os desdobramentos que conduziram Freud a estabelecer as relações entre o narcisismo e os complexos, estabelecido como organizador da sexualidade infantil. A partir de tais argumentações, infere-se que, Sérgio apresenta durante a narrativa de Pompéia sentimentos afetuosos, esses sentimentos são colocados de maneira oculta em dados por seus iguais, em outros apresenta-se como um amor narcísico por Ema, sendo instaurado a partir de seu inconsciente. Diante da possibilidade de buscar a necessidade da descoberta do eu, que muitas das vezes se mostrou perdido e confuso no microcosmo de *O Ateneu*. Cita-se a fase do desenvolvimento psicosexual, que é chamada de narcisismo primário, que constroem em uma relação de espelhamento. Pois, o objeto amado é visto a imagem do eu e assim, valorizado pela sua semelhança, denominada de ligação amorosa narcísica.

A princípio, deve-se trazer a partir do texto de *O Ateneu*, as relações amorosas vivenciadas por Sérgio, pois a partir desse ponto de vista, serão revisitadas suas singularidades e em suas errâncias, em uma busca mais compreensível da análise de seu inconsciente e suas pulsões subentendidas dentro da narrativa. Nesse ponto, busca-se analisar os fundamentos do amor para um entendimento mais amplo de sua relação com Ema e seus pares. Assim, na perspectiva do enamoramento, o sujeito está numa busca, em uma demanda de amor. Antes de

mais nada, existe a necessidade da complementaridade no outro, de uma ilusão suprema, encontra um impossível estrutural, que na visão Lacan chama-se aforismo, pois "Não há relação sexual". Fonte de inúmeras interpretações e comentários, resultando simplesmente na evidência de que não pode haver "outro do amor" que venha preencher o desejo e trazer plena satisfação.

O sujeito estará sendo confrontado de modo irremediável ao impossível da complementaridade no outro. É fato que, essa passagem estrutural será encontrada no percurso da análise psicanalítica e só poderá encontrar sua eventual e singular resolução na transferência e em sua possível liquidação. Justificando tão eixo, nota-se no último capítulo do Seminário 1, intitulado "A palavra na transferência", que o amor é como paixão imaginária, sendo colocado como um amor que deseja ser amado. O que é visado nesse amor é o aprisionamento do outro. Isto implica que o outro só pode ser tomado como objeto do bem, ou seja, na visão do apaixonado o seu bem está no outro. Sendo que, a única particularidade do outro, é de satisfazer o pedido do sujeito para ser amado. Mas o apaixonado quer ser amado por tudo, suas súplicas não têm limite. Suas dores também não. Assim sendo, conclui-se a partir desse estudo e com base na análise da narração de *O Ateneu*, que as relações apresentadas por Sérgio comprovam as possíveis pulsões e a necessidade de complementaridade no outro, exibida na narração a partir da visão de Sérgio em *O Ateneu*.

É notável a partir da narração de Sérgio, que ocorre com ele já adulto, a análise e rememoração do que viveu lá e as impressões que teve, pelo período de dois anos, que é justificando o subtítulo do livro "Crônicas de Saudades"; assim, tudo o que Sérgio pensava é realçado, com uma visão subjetiva da realidade. Consequentemente, a contar esses pontos, é possível entender a simbologia do amor de transferência visto na relação de Ema e Sérgio. Posto que, é na presente narração, que temos a representação de um uma complementariedade no outro. Havendo a descrição de um ambiente seguro e amoroso, a partir da convivência com o adulto que cuida, alimenta e protege, o ser protegido começa a perceber o outro como diferente e passa a sustentar o seu valor não mais na semelhança, e sim na relação intersubjetiva.

O amor mediante essa ótica, aponta para uma análise na perspectiva da psicanálise. O amor é um dos temas mais complexos e abrangentes que a psicanálise aborda. Desde os primórdios da teoria psicanalítica, os psicanalistas tentam compreender as múltiplas facetas do amor e com isso acaba influenciando a vida psíquica do indivíduo. Para Freud, o pai da psicanálise, que escreveu extensivamente sobre o amor, ele postula que tal sentimento surge como uma reação ao instinto sexual, que é a energia psíquica mais poderosa e dominante na vida humana. Freud argumenta que o amor é um dos sentimentos psíquicos que a mente utiliza

para o impulso sexual. Em seu entendimento, é uma forma de sublimação, ou seja, um processo no qual a energia sexual é transformada em outros tipos de energia psíquica, tais como o amor, o trabalho, a arte, etc.

Diante dessa reflexão, percebe-se na narrativa de Sérgio a sua idealização de amor por Ema, e suas possíveis dificuldades amorosas, é notório a falta de entendimento de Sérgio com suas relações e desejos durante o internato. Como o amor segundo Freud, surge de uma reação ao instinto sexual, podemos afirmar que a necessidade de amar Ema, teria relação com a sexualidade do personagem. Já que para Freud a energia sexual é transformada em outros tipos de energia psíquica, incluindo o amor. Percebe-se que a sexualidade na narrativa de *O Ateneu* é altamente explorada. No colégio interno, tem-se diversos tipos de relações entre homens jovens, adolescentes, são relacionamentos homoafetivos. Sergio vive esse tipo de relacionamento, e com mais de um dos seus pares. Na visão determinista, a relação entre os alunos é marcada pela libido, pois diante do ambiente tortuoso do internato, já que temos a convivência com vários homens, gerando neles a descoberta da sexualidade de modo homossexual:

"Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rebelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas." (POMPÉIA, 1994, p. 42).

Pode-se analisar cada relacionamento de Sérgio, como se deu a necessidade de busca de objeto a ser amado, em cada relacionamento descrito entre seus pares, descreveu-se isso nas entrelinhas do texto de maneira oculta, sendo percebido a necessidade de um amor. Nesse ponto, Ferreira (2014), fala do amor como dom ativo que não visa ao outro como objeto, mas como ser. É nesse sentido que o amor, ao contrário da paixão, só pode ser concebido numa relação simbólica, ou seja, numa relação mediada pela palavra. Portanto, a necessidade de amar o ser, foi presente na relação com Ema, Sérgio transfere seus sentimentos para Ema, em dado momento a transferência é dada em seu instinto fraterno de ter o afeto materno, já em outra circunstância temos a idealização de um amor carnal, contendo desejo. Diante de tais colocações, temos mediante a ótica de Freud, um amor objetual, sendo aquele que surge quando o indivíduo se apaixona por um outro sujeito, tornando-se o objeto de seu desejo e escrito. Para além disso, temos o amor ideal é aquele que surge quando o indivíduo projeta no outro um ideal de perfeição, sendo uma imagem idealizada que ele busca alcançar. Para Sérgio, o amor objetual e ideal seria Ema:

A porta da enfermaria descerrava-se devagarinho e na matinée de musselina elegante e frouxa aparecia a amável senhora. Vinha verificar se eu dormia, saber como passava agora. Bastava a sua presença para reanimar-me no leito. Tão boa, tão boa no seu carinho de enfermeira, de mãe. (POMPEIA,2015, p.107)

Sérgio faz uma descrição psicológica muito profunda dos personagens, assim caracterizando todos os seus sentimentos e conflitos internos. Diante do trecho citado, temos uma descrição que não abrange a ideia de Freud em relação ao amor. Por isso, para uma compreensão mais significativa desse trecho de *O Ateneu*, cita-se o amor na visão de Lacan. O amor é uma tentativa de superar o sentimento de incompletude e falta que é inerente à condição humana. Conforme, Lacan, o amor é um desejo de completude que nunca pode ser satisfeito plenamente. Sendo o amor uma forma de busca pelo objeto, sendo o objeto de desejo que está sempre faltando. Nesse panorama, o objeto pode ser uma pessoa, uma ideia, um ideal, ou qualquer outra coisa que o sujeito acredite que irá completá-lo.

No seminário 4: A relação de objeto (1956-1957), Lacan faz uma referência ao amor que se situa fora do âmbito da paixão e que não visa à satisfação. Ama-se o que está para além do objeto amado. Para tanto, o que poderia estar para além dele senão a falta. Um dos amores com essa estrutura é o amor como acontecimento, no qual se realiza a transformação do amado em amante. Esse amor é também comparado com a metáfora, na medida em que essa figura de linguagem se caracteriza pela produção de uma nova significação, através do processo de substituição. Do ponto de vista que defendemos, analisa-se, por meio dos relatos de Sérgio, ao descrever seus colegas, professores e, principalmente, Ema, que são muitos os relacionamentos e comportamentos que formam o ambiente de *O Ateneu*, percebemos a idealização e a transferência do amor.

Nesse sentido, se o amor é aquilo que repete, e que ao mesmo tempo deve ficar na abstinência para não se esvaír, como vemos em exemplos de amor platônico, amor cortês e amor transferencial, modelos estes de amores impossíveis, como o apresentando no texto de *O Ateneu*. Deste modo, "dizer que não há o objeto de desejo não significa que não haja uma infinidade de objetos que causam desejo" (FERREIRA, 2004, p. 8). Deste feito, o sujeito buscará sempre uma satisfação a qual nunca será completa. Assim, se tomamos a vertente do amor romântico e idealizado, observa-se o que Freud cita sobre a escolha de objeto de amor narcísico. Ao amor, diferentemente da pulsão parcial, cabe um vínculo a um objeto que é supervalorizado, como por exemplo, quando o autor faz uso do conceito de Eros. Nas palavras de Freud: "O amor é originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses

objetos como fontes de prazer" (FREUD, 1915/1996, p. 143). Nessa visão, Quinet (2011), aponta para uma saída pelo amor frente ao desamparo presente desde início e até fim da vida:

Assim o amor é a afirmação de ser e da vida. Nas situações mais extremas de ameaça ao ser, ou seja, de risco absoluto de deixar de ser, de existir, de *not to be*, o que se tem? A declaração do amor. A maioria das mensagens de celulares das pessoas nas torres gêmeas do 11 de setembro antes de se atirar pela janela era: *I love you!* Primeira e última palavra do ser falante (QUINET, 2011, p. 31, itálicos no original).

Ainda abordando as muitas interpretações do amor, Freud (1996), aponta que o amor, mesmo objetual, é sempre descendente de um amor próprio, narcísico, um amor inicialmente egóico. O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. Exalta o objeto sexual transformando-o num ideal sexual. Visto que, com o tipo objetual (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada (FREUD, 1914a/1996, p. 107). Diante de tais apontamentos, sustentamos uma leitura da obra freudiana existem diversas abordagens de diferentes tipos de amor. Nessa contextualização, Freud aponta a formação da sociedade e a estruturação do eu a partir de fenômenos amorosos, o autor questiona-se, novamente, sobre o amor real, verdadeiro e genuíno, e que ao mesmo tempo indicaria a polissemia do amor. A partir dessa apresentação de Freud, temos essas possíveis contextualizações de amor em *O Ateneu*.

Em *O Ateneu* os relacionamentos são o caminho para se construir a personalidade dos personagens, principalmente de Sérgio, o protagonista. Temos na narrativa a presença da polissemia do amor, o amor real e como vemos em vários exemplos citados no texto e na dialética de Freud, constatamos o amor platônico, amor cortês e amor transferencial, modelos estes de amores impossíveis. Dentre essas variedades de amores, destaca-se Américo e Bento. Além do relacionamento de afeto que Sérgio mantém com Egbert, que é colocado nas entrelinhas do texto, uma possível relação homoafetiva. Também se destaca a relação de amor precoce que Sérgio sente por Ema. Que deve ser colocado como um amor maternal em dados momentos e sexual em outros. Inclusive, compactuando com estudo psicanalítico da obra, cita-se Freud (1996), o autor complementa que os impulsos sexuais do amor sensual, o qual tende a se extinguir quando se satisfaz, têm de estar mesclados com componentes puramente afetuosos, para que o amor possa durar e haja "laços permanentes entre as pessoas" (FREUD, 1921/1996, p. 125).

Freud apresentaria, também, duas formas diferentes de aparição do amor: a primeira, a saber, o amor apareceria tanto em sua forma original, diretamente ligado a satisfação sexual. Na segunda forma, o amor fundaria a família e operaria na civilização em sua forma modificada, como afeto inibido em sua finalidade (FREUD, 1930/1996). Com tal colocação, percebe-se as duas formas de amor na relação de Ema e Sérgio. Uma relação que apresenta a carência da relação mãe e filho, havendo a transferência do amor materno para Ema, colocada como representação do aconchego familiar que fora retirado de Sérgio com a chegada em O ateneu. A outra seria a satisfação sexual da relação de apreciação feita por Sérgio em relação a Ema, dentre tantas memórias de Sérgio, no decorrer da narrativa, evidencia-se o entusiasmo e as idealizações amorosas dadas para a personagem de Ema.

Em Freud (1996), "[...] disposição para o amor universal e pela humanidade e pelo mundo representa o ponto mais alto que o homem pode alcançar" (FREUD, 1930/1996, p. 107). Na medida em que Freud propõe que a intensidade é uma medida da verdade, ao enfatizar o ardor do amor-paixão, nos deparamos com sua relação com o amor e seu caráter intensivo. Dessa forma, na teoria freudiana, existem duas unidades de sentido relativas ao amor, uma estruturada na continuidade e na repetição, outra, nos picos da pulsão do amor-paixão. Nessa visão, a constituição daquilo que Freud denominou realidade psíquica está diretamente implicado nas questões vinculadas aos processos econômicos, dentre eles, o amor. Para tanto, a psicanálise situa o amor quanto a verdade em foco na construção do que poderíamos chamar de realidade, a saber, realidade psíquica, uma vez que o autor defende que o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica (1900/1996).

Segundo o que foi exposto, apresenta-se também a visão de Lacan sobre as percepções do amor e da transferência. Lacan afirma que Freud, em seu texto Observações sobre o amor transferencial (1915), não hesita em chamar a transferência pelo nome de amor, não evita identificar a estrutura desse amor com a paixão e também não se esquivava de dizer que não há nenhuma distinção verdadeiramente essencial entre a transferência e o que chamamos de amor. A partir disto, Lacan (1960-1961/2010), ao tentar aludir à origem do amor, o faz articulando-o ao desejo, na medida em que para ele o amor advém na tentativa de recobrir a vacilação da demanda que surge articulada a estrutura desejanse. Para Lacan:

O amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção ao qual estendemos a mão pelo nosso próprio desejo e que, no momento em que nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa aparecer, por um instante, essa resposta, essa outra mão que se estende para nós, bem como seu desejo (Lacan, 1960-1961/2010, p. 225).

Com os conceitos citados, conclui-se que o ensino de Freud e Lacan, estão relacionados ao determinismo psíquico, seja na teoria do segundo em que a verdade do sujeito fala através das formações do inconsciente apresentados por sintomas, atos falhos, sonhos e chistes, assim abrindo possibilidades da leitura do amor enquanto campo simbólico e estruturante. Percebeu-se na narrativa de *O Ateneu*, os traços marcantes do amor. Nota-se nessa narrativa que Ema se torna sinônimo de desejo para Sérgio, o de unir-se, confundir-se com o amado. Nessa circunstância as diferentes unidades de sentido do fenômeno amoroso reforçam seu caráter de discurso e de estrutura de linguagem. Logo, o amor é mais um dos elementos utilizados pela psicanálise e que deve ser descolado das visões biológicas de cunho realista para ser compreendido no campo da literário, ou seja, o amor em suas relações. Portanto, defendemos que os campos freudiano e lacaniano não são independentes das diferentes posições e leituras e, assim, devem fazer face aos reducionismos biológicos que tem se apresentado como alternativas ao campo psicanálise.

### **3.2 O ateneu: desejo e proteção**

O discurso sobre o desejo sempre esteve presente na história da humanidade. Para Freud, os modos de funcionamento, a forma como o sujeito se relaciona e como essas relações são influenciadas acabam por serem responsáveis pelo funcionamento do psiquismo na pessoa humana. Para tanto, uma das dimensões da realidade com que o ser humano entra em contato é a dimensão social. Isso tem uma importância significativa na constituição do sujeito e na sua formação do aparelho psíquico por diversos motivos. Inicialmente, deve-se incluir o meio, sendo apontando como o lugar em que o sujeito se depara com os objetos essenciais para sua sobrevivência e outro fator, seria que o sujeito pode se deparar com elementos ameaçadores, sendo classificados em elementos causadores de dor, sofrimento e desprazer. Diante disso, podemos apontar as circunstâncias vivenciadas por Sérgio no ambiente hostil de *O Ateneu*, ambiente em que o menino se depara com diversas situações complexas e alheias as suas percepções.

Em “*O meio é um ouriço invertido*”: assim diz Sérgio, que define a influência do exterior sobre o indivíduo. Fato que marca os elementos ameaçadores na formação do aparelho psíquico. Assim, poucas imagens poderiam sugerir mais perfeitamente o meio de *O Ateneu*, um ambiente agressivo, hostil e essa hostilidade vem de todos os lados possíveis, com a ânsia de fazer sucumbir quem se encontra nesse local. Sérgio se sente bastante agredido no internato,

isso tudo é marcado desde a perda do carinho materno e do conforto do ambiente familiar. Diante disso, pode-se categorizar aqui, as duas falas marcantes e simbólicas do texto, incluindo a partir das falas a necessidade de preparação para os dias difíceis que hão de vir, com a frase marcante que abre o romance: “*Vais encontrar o mundo. Coragem para a luta*”. A outra seria a do diretor Aristarco, que de prontidão solicita o corte de cabelo de Sérgio, são tirados seus cachos, que reforçavam a aparência de menino: “*Sim, senhor, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio...*”. Temos a representação marcante do abandono da infância de forma abrupta:

“Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos pelotões de chumbo! espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo” (POMPEIA, 2015, p. 14).

Constitui-se, a representação de *O Ateneu* como microcosmo da sociedade e a tal comentada frase que abre a narrativa, que serve de pórtico e epígrafe para o romance, funciona também como antecipação da luta que será vivenciada por Sérgio, depois de arrancado do seu “aconchego placentário”. Sendo a representação do romper com a vida familiar, em uma espécie de novo nascimento. A representação do corte de cabelo seria associada a ideia de castração, que reitera a ruptura enfrentada pelo narrador. Todos esses apontamentos colocados no texto, são vistos como, uma experiência traumática: uma sucessão de perigos que ele viverá com o sentimento profundo de inadequação. Sendo aqui estabelecidas como princípios norteadores da formação do psiquismo humano, segundo Freud. Após o ingresso no internato, o personagem juntamente com o leitor vai perceber que muito desse entusiasmo que fora provocado por atrativos “de fachada”, não passam de propagandas massivas. O diretor Aristarco parecia ter total consciência da importância da imagem de seu estabelecimento, mas o que ele oferecia de fato justifica-se nesse trecho da narração:

Ateneu era o grande colégio da época. Afamado por um sistema de nutrido reclame, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomençar com artigos de última remessa, o Ateneu desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais; sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de aclamações o bombo vistoso dos anúncios (POMPEIA, 2015 p.14).

*O Ateneu* é considerado “fina flor da mocidade brasileira”. Sempre bem atraídos pela propaganda, que eram estendidas por todo o país, os pais sentiam-se honrados em mandar um ou mais dos seus filhos “abegar-se à fonte espiritual do Ateneu” (Pompéia, 1979, P.13).

Segundo Raul Pompéia, os ateneus eram considerados as melhores instituições para educar, porque eles que dariam a receita necessária para a formação do homem, ensinado viver e sobressair-se na sociedade burguesa. O narrador apresenta, a aparência social do estabelecimento; a forma pela qual as pessoas o reconhecem, essa apresentação, no entanto, será desmascarada mais à frente. Diante de tal perspectiva, a aparência de estabelecimento moderno, sério e moralmente irrepreensível, na verdade é vista no total desmascaramento de um lugar em que reinam competição, maldade, inveja, repressão, humilhação. Os episódios narrados são desmascaramentos sucessivos da instituição supostamente moderna onde se formam os filhos da elite do império. Perceba a extensão do poder midiático do internato:

“A irradiação da *réclame* alongava de tal modo os tentáculos através do país, que não havia família, de dinheiro, enriquecida pela setentrional borracha ou pela charqueada do sul, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes abeberar-se à fonte espiritual do *Ateneu*” (POMPEIA, 2015 p.16).

Após as aulas começarem, destaca-se, a primeira experiência de Sérgio na sala de aula que o leva a sentir um pavor inédito, ele se vê num “ambiente adverso da maldita hora”, que o leva a passar mal e desmaiar na frente de toda a sala. Aos poucos, é feita a inserção do menino de onze anos no universo adulto, por força. Em seguida, ele recebe o conforto de Rabelo, que lhe dá o aterrorizante conselho: “Olhe; um conselho: faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se. [...] Faça- -se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores”. Rabelo o aconselha sobre como sobreviver no universo adulto, dentro do colégio. Diante dessa narrativa, Sérgio sentia medo e insegurança, Rabelo era um antigo aluno que logo o informou a respeito das regras, que não condiziam com o “código do colégio”, ou seja, as regras que Aristarco havia apresentado para seu pai. Mesmo não sendo as regras estabelecidas oficialmente, seriam elas as que deveriam serem seguidas para sua sobrevivência no internato.

“Isto é uma multidão; é preciso força de cotovelos para romper. Não sou criança, nem idiota; vivo só e vejo de longe; mas vejo. Não pode imaginar. Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores” (POMPEIA, 2015, p. 33).

Nesse terrível mundo encontrado pelo leitor de *O Ateneu*, que alude a conflitos da espécie humana em toda parte. O romance alcança com precisão os privilégios e as mazelas da

sociedade brasileira, além da sexualidade ocultada. Assim, apontando seus vínculos e a relação entre os traumas experimentados por Sérgio, no internato: “Não é o internato que faz a sociedade, o internato simplesmente a reflete. A corrupção que ali viceja vai de fora”. Diante de tais fatos, temos em *O Ateneu*, um narrador experiente, que analisa e ironiza a si mesmo, mediante uma perspectiva mais madura e desencantada, da ingenuidade da infância. Em *O Ateneu*, a figuração de Sérgio-adulto tem total consciência daquilo que, nos tempos de internato, era meramente superficial, mas que diante as impressões e expectativas da infância, parecia repleto de beleza e significado. Posto isso, essa diferenciação é evidente em alguns trechos da narração.

Infere-se que, a estrutura organizacional de *O Ateneu* é colocada nas entrelinhas da narrativa como um presídio em que os já estabelecidos no ambiente hostilizado oferecem proteção aos iniciados, sendo descritos como frágeis, e em troca exigem carinhos sexuais. Que são demasiadamente forçados a aceitarem as investidas dos protetores. Logo, Sérgio não conseguiu fazer-se homem como aconselhou Rabelo. Veja, nesse ponto da narrativa, o ponto tênue de articulação entre o “eu” e o “meio” é uma das discussões centrais de *O Ateneu*, que analisando sob a ótica do pensamento psicanalítico. Nota-se a partir das apresentações do ambiente e do convívio de Sérgio com seus pares naquele local, como a dimensão social influencia e modifica a constituição do sujeito e do aparelho psíquico. Sérgio foi inserido no contexto social da época, conhecido como o ateneu, que era o microcosmo de civilização e sociedade. Deste modo, Sérgio era subordinado às leis que regem este sistema, sendo estas paralelamente, responsáveis pela sensação de desprazer do menino. É possível descobrir com a narração a metaforização do poder, além das pulsões latentes do personagem.

Com bases nos apontamentos citados, Sérgio inclinou-se as subordinações impostas pelo ambiente da narrativa, sucumbiu-se aos protetores e aos seus desejos sexuais, com a esperança da proteção da hostilidade. O personagem narra seus muitos amores ocultos, incluindo seu desejo e interesse por Ema. Em dado momento, Sérgio narra sobre a sua relação com Bento Alves, que ele descreve de maneira bem subjetiva, sobre a amizade que nutri por ele: “Me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rabelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse animo de ser amigo. Para me fitar esperava que eu tirasse dele os meus olhos”. Diante tal descrição, é notório os impulsos e desejos, que são manifestados

por Sérgio. Para psicanálise, a noção de desejo inconsciente ganha grande destaque, pois se encontra como uma categoria teórica crucial.

Sérgio apresenta na sua narrativa um desejo por Bento Alves, ele cita sua estima como femininamente, além do interesse citado, existem outras relações de envolvimento do personagem, incluindo em sua narrativa sua admiração inalcançável por Ema. Perante isso veremos na escrita de Pompéia traços marcantes de desejos, pulsões e transferências, termos que serão estudados mediante o entendimento psicanalítico. É notório que essas tais relações apresentadas em *O Ateneu*, se materializam nas interações afetivo-sexuais também entre os alunos do internato. Essas relações são entendidas sob a lente da "perversão" ou da "imoralidade" pela direção da escola e também mesmo pelos meninos. Dessa forma, em *O Ateneu* teremos uma escrita marcada pelas identidades, corpos e subjetividades de Sérgio.

Diante desses princípios, na leitura de *O Ateneu* veremos as relações especulativas entre autor, leitor e obra literária, tomando como aspectos fundamentais as pulsões, o desejo, as transferências, toma-se as noções discutidas por Freud e seus seguidores. Para Freud, o desejo limitava-se à ideia do inconsciente, perseguia um objeto perdido e estava relacionada aos conceitos de sonho, recalque, fantasmas ("o outro é imaginado", segundo Lacan). Perseverança, sempre em busca de gratificação, é diferente de necessidade (fome, sede) e busca de amor. Sua associação com a palavra permitiu a Freud aproximar-se do processo fundamental da psicanálise: a associação livre, a ponte para o conhecimento inconsciente. Portanto, nessa relação entre literatura e desejo, argumentando que o trabalho da escrita tanto depende deste como o transforma pela criação de palavras, é destaque as considerações de Freud sobre a perspectiva do desejo.

Freud (1900/2006), apontou para as vocalizações do que defendia como um desejo de criar uma nova perspectiva sobre a matéria da mente. Protegido pela ciência moderna. Dessa forma, a ideia de desejo só se realiza quando a pessoa percebe que a matéria da razão não está onde ela pensa que está. Por isso a ideia não está em sintonia com a realidade mental, que se redescobre na escuta de uma clínica psicanalítica. Freud foi o primeiro a sentir que além dos pensamentos racionais existem outros pensamentos incompreensíveis que fazem parte do aparelho psíquico e que, portanto, o sujeito está cindido. O desejo aparece como sinal de conhecimento inconsciente no lugar da matéria dividida. Porque, em suas palavras, "[...] nada além do desejo pode mover nosso aparelho mental" (FREUD, 1900b/2006, p .592).

Freud define os primeiros parâmetros associados a esses desejos naturais, com base na antropologia e no estudo das civilizações antigas. Foi a partir desse pensamento que se

construiu uma visão possível do sujeito pela psicanálise freudiana que rompeu com a definição de valores cartesianos, apontando para a análise contínua do saber inconsciente, saber de seus desejos, que aparece como "saber desconhecido". Em Freud, vemos a primeira dissolução do pensador ao constatar a divisão fundamental do organismo, tornando-o domínio do desejo. Será sobre o ser humano alienado, aparecendo pela primeira vez na teoria de Freud como a coisa mais importante da consciência, e o desenvolvimento posterior onde o sujeito da razão é deslocado da posição de sua razão para o lugar do desejo inconsciente. Portanto, a dissolução do sujeito feita pela Psicanálise só é possível graças ao surgimento da dialética do desejo.

Podemos fundamentar através da psicanálise as relações de desejos que são citadas em *O Ateneu*, a dialética do desejo é feita com a dissolução do sujeito. Assim, a psicanálise, no silêncio e na pontuação, faz um trabalho de escuta e previsão da clareza de palavras e imagens, voltadas para o desejo, em um sujeito marcado pelo movimento espontâneo. A regularidade do tempo é ignorada. Logo, a presença do desejo é dada como "prisioneiro", pois, embora funcione, está oculto no texto, não deve ser descartado. Pelo contrário, parece ser um dos pilares da relação mística entre criador, texto e leitor; ou, em uma palavra, entre sujeitos (incluindo o inconsciente, é claro). Nota-se tal argumentação, na escrita oculta de *O Ateneu*, quando a sexualidade expressa o contexto imperial é tida como "perverso", no qual observa-se, o preenchimento de gênero em internatos, não apenas revela as formas de controle sexual da época, mas também confirma expressões contemporâneas da monarquia corrupta. Nessa linha, a categoria de sexualidade não atua apenas como criadora de símbolos sociais, mas também como campo de conhecimento dirigido às instituições políticas.

Daí afirmar-se que está presente no personagem Sérgio a ameaça da "imoralidade", algo latente em seu inconsciente que lhe oprimia o desejo. Isso fora introduzido por Aristarco, desde o dia da matrícula de Sérgio, ao sinalizar sua principal preocupação: a "imoralidade". Palavra dita em tom categórico "entonação especial, comprimida e terrível, que nunca mais esquece quem a ouviu dos seus lábios" (*O Ateneu*, p. 9), ela passaria tomar conta dos pensamentos de Sérgio: "Zumbia-me aos ouvidos a palavra aterrada de Aristarco [...]" (*Idem*, p. 13). A ameaça da dita "imoralidade" contra a qual o diretor dirigia rigorosamente seu internato estruturava seu sistema de vigilância exaustivo. Esse controle constitui o cerne do que Foucault (2007) chama de pedagogia do sexo, possivelmente destinada a evitar os supostos perigos degenerativos da sexualidade infantil. Em *O Ateneu*, essa nova teoria baseada no medo sugere que aprender a negar os desejos está relacionado ao ambiente patológico. Mais precisamente, os novos conhecimentos colhidos por Aristarco buscavam inculcar, como imoralidade e libertinagem.

Acrescenta-se que os desejos vindos do inconsciente de Sérgio estabeleceram-se diante o contato com o microcosmo de *O Ateneu*. Uma das dimensões da realidade que as pessoas encontram é a dimensão social. Isso é de grande importância na constituição do sujeito e na formação de seu aparelho psíquico por diversos motivos. O “exercício” do desejo estaria ligado às possíveis escolhas (confessadas ou não, sobre as quais tem controle ou não) léxicas, sintáticas, imagéticas, que tem como referências o renomado modo grego do fazer poético (*poiesis*). Conclui-se que o internato é uma organização completa, uma mistura social, formada em parte como um grupo populacional e em parte como uma organização formal. É uma incubadora ou estufa que serve como ferramenta para modelar, mudar e transformar pessoas. Portanto, cada organização é um experimento natural do que pode ser feito com a identidade do indivíduo.

Tomando como campo de análise *O Ateneu*, podemos acompanhar o menino Sérgio ao adentrar no mundo do internato e constatar a existência, a execução dos diversos processos que completam a instituição, que faz trabalhos com a finalidade de controlar, moldar, e produzir cada pessoa. Pompéia faz uma longa descrição da "obra moral" de Sérgio, ao longo dessa introspecção subjetiva do seu psicológico. Na linguagem literária de *O Ateneu*, a organização do internato ambiciona um controle exaustivo sobre alunos, constituindo uma vigilância quase completa. Dessa maneira, é visível como nos envoltórios amorosos de Sérgio existe um despertar para as mais ocultas verdades do seu inconsciente. Seus desejos, seus medos e carências serão todos desnudados para o leitor da narrativa. Dessa forma, é destaque na obra que a lei que prevalece é a da sobrevivência, ou seja, o mais forte tem alguma vantagem diante os mais frágeis, esse aspecto apresenta necessidades essenciais para a sobrevivência. Colocada como uma necessidade instintual, inclusive, serve como base para acompanhar a formação dos desejos. Nessa visão, merece ser contemplada como veremos a seguir.

Ainda falando da necessidade de proteção e afeto, percebe-se esse desejo até que instintivo por Ema, com a necessidade aparente de afeto, um afeto de mãe nos momentos em que ele sente a hostilidade de o ateneu em relação as suas fragilidades de proteção. Mas também, verifica-se um desejo amoroso de cunho libidinal quando precisa de um objeto como centro do seu amor. Na narrativa, a situação psicológica de Sérgio era de desamparo, medo e receio, diante da agressiva realidade do Ateneu. Cabe destacar, que a necessidade citada acima surge de um estado de tensão interna, se acalma ou se satisfaz com o objeto adequado: a fome, com a ingestão de comida; a sede, com a ingestão de bebida. (ALONSO ET al., 1985) Nesse sentido, a necessidade é entendida simplesmente como um fenômeno fisiológico que declara a falta de algo necessário para a manutenção do corpo. Portanto, uma pessoa, como qualquer outra

quando vive, tem necessidades para sobreviver como fome, sede, necessidade de proteção, necessidade de autopreservação. Quando se trata de desejo, estamos falando de algo natural. Para FREUD (1927-31, p. 06), desejos naturais sempre nascem com cada novo filho, crianças tentando repetidamente responder a essa frustração devido a um comportamento não relacionado, comportamento relacionado a desejos naturais, como: canibalismo, incesto e etc.

A intensidade dos desejos incestuosos ainda pode ser detectada por detrás da proibição contra eles e, sob certas condições, o matar ainda é praticado, e, na verdade, ordenado, por nossa civilização. É possível que ainda tenhamos pela frente desenvolvimentos culturais em que a satisfação de outros desejos, inteiramente permissíveis hoje, parecerá tão inaceitável quanto, atualmente, o canibalismo (FREUD, 1927-31, p. 06).

Nesse viés, é notório que Sérgio traz em sua narrativa esse desejo natural de autopreservação, a necessidade de proteção perante o ambiente hostilizado do ateneu. Diante disso, destaca-se o rompimento brusco do personagem com ambiente familiar, o elo quebrado com sua família, assim gerando traumas e a necessidade afetuosa de se sentir protegido, ou mesmo de possuir um objeto para amar. Quando Sérgio adoece, fica aos cuidados de Ema. Sérgio não foi para casa porque o pai estava em Paris, na descrição literária estava sendo acarinhado e afagado entre os seios de Ema. Constata-se, que ele encontra nos termos da emergência do desejo uma possibilidade de relação, ainda que parcial, com a coisa perdida que supostamente o satisfaria plenamente. Ela abre para o sujeito a possibilidade de manifestar-se de maneira desejante frente ao desejo alienante, fazendo-se, ele também, sujeito do desejo. Para Mário Quintana, “A eterna procura” ele diz: “Só o desejo inquieto e que não passa, / faz o encanto da coisa desejada. / E terminamos desdenhando a caça, / pela doida aventura da caçada”.

No texto literário de *O Ateneu*, esse amor de Sérgio por Ema que inspira o desejo situa-se fora do âmbito da paixão. O que funciona nessa relação não é a exigência de satisfação, mas uma troca na qual se dá o que não se tem. Nessa circunstância, é visto desde o início da narração o desejo por Ema, nesse idílio, temos o momento do jantar na casa do diretor. No jantar, Sérgio fica deslumbrado com Ema, a esposa de Aristarco:

Uma atenção absorveu-me exclusiva e única. D. Ema reconheceu-me: era aquele pequeno das madeixas compridas! Conversou muito comigo. Um fiapo branco pousava-me ao ombro do uniforme; a boa senhora tomou-o finamente entre os dedos, soltou-o e mostrou-me, sorrindo, o fio levíssimo a cair lentamente no ar calmo... Estava desenvolvido! Que diferença do que era há dois anos!... Miragem sedutora de branco, fartos cabelos negros colhidos para o alto com infinita graça, uma rosa nos cabelos, vermelha como são vermelhos os lábios e os corações, vermelha como um grito de triunfo. Nada mais. Ramalhetes à mesa, um caldo ardente, e sempre a obsessão adorável do branco e a rosa vermelha. Estava a meu lado, pertinho,

deslumbrante, o vestuário de neve. Servia-me alguns pratos, muitas carícias; eu devorava as carícias. Não ousava erguer a vista. Uma vez ensaiei. Havia sobre mim dois olhos perturbadores, vertendo a noite... (POMPEIA 1888/1997, p. 176).

Ao retornar ao *Ateneu*, Sérgio se viu transformado: "De volta ao Ateneu, me sinto ótimo. Meu peito cresce imensamente, como se eu tivesse me tornado homem pela purificação" (Pompéia, 1888/1997, p. 176). Seu amor por Ema modificou suas relações anteriores: "... ele agora vê Egbert como uma lembrança de ontem. Então a paixão de nossa irmandade começou a esfriar" (POMPEIA, 1988, p. 177). Sérgio estava deslumbrado por Ema. Nessa condição, temos a representação de um amor incondicional com função maternal, aqui a figura de Ema que é o anagrama de mãe é uma pessoa responsável e passa a ser a primeira coisa que Sérgio ver, após todo ônus do internato, como um lugar seguro e de aconchego, porque ela é vista como a que supri sua necessidade familiar. Como diz Freud: "A libido segue aí os caminhos das necessidades narcísicas e liga-se aos objetos que asseguram a satisfação dessas necessidades. Desta maneira, a mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso e, certamente, também sua primeira proteção contra todos os perigos indefinidos que a ameaçam no mundo externo – sua primeira proteção contra a ansiedade" (FREUD, 1927, p. 14).

Com efeito, Sérgio é um narrador que nos apresenta sua "experiência da realidade" através de uma narrativa de memória que reflete o "eu". Assim sua "experiência" é compartilhada com o leitor. A narrativa em primeira pessoa e os elementos simbólicos e impressionistas contidos no texto, ganham ressignificados pelo imaginário e pela subjetividade do menino Sérgio. Distorcendo todo caráter determinista e fatalista da família e do status social a que o personagem pertence. Essa inadequação é percebida pelas pulsões, o amor e desejos sexuais do personagem que expressos no espaço do discurso tangível e limitado que é a memória.

#### **4. RAUL POMPÉIA: BIOGRAFIA**

Raul Pompéia, nasceu em 12 de abril de 1863, em Angra dos Reis. Aos dez anos, transferiu-se com a família para a corte (o Rio de Janeiro) e foi internado no Colégio Abílio, estabelecimento de ensino que adquirira grande fama, dirigido pelo educador Abílio César Borges, o barão de Macaúbas. Logo demonstra talento para a literatura e o desenho, editando e ilustrando um jornal escolar chamado *O Archote*, em que já transparece também sua veia crítica. Aproveitando-se dessas citações, percebe-se que sua trajetória intelectual é marcada pelo período em que é interno do Colégio Abílio, por outro lado, essa fase marca o início de suas

inclinações intelectuais e artísticas. E segundo Pontes, “O Archote teve suplementos ilustrados, onde o caricaturista precoce desforrava as impaciências do gênio irascível” (PONTES, 1935:25).

Enquanto permanece interno do Colégio Abílio, acontecimentos ao longo da década de 70, fortalecem o movimento republicano, que ganhava corpo e adeptos. Em 1873, em Itu, interior de São Paulo, ocorre o primeiro congresso do Partido Republicano – o PRP, evento que ficou conhecido por Convenção de Itu. Fatos esses que caminharam para marcar a grande influência sobre a formação intelectual e escrita de Pompéia. É de grande destaque, as convicções e dedicações que Raul Pompéia atribui as Letras, o autor já demonstrava em sua escrita as preocupações com os problemas de seu tempo. Além disso, em 1880, o movimento em favor da República já ganhara importância desde a década anterior, outra preocupação tomava espaço entre os intelectuais da época: a questão do trabalho escravo.

Pompéia vai se destacando como caricaturista e jornalista, tendo escrito para vários periódicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, quase sempre sob pseudônimo. Aos dezessete anos, publica seu primeiro romance, uma tragédia no Amazonas. Em 1881, inicia o curso de direito em São Paulo, associando ao ambiente literário e às ideias ideológicas da época. Ele envolveu-se na campanha abolicionista e republicana, incluindo atividades acadêmicas e de notícias. Ele se tornou amigo de Luís Gama, um famoso abolicionista, escreveu em um jornal de São Paulo e Rio de Janeiro que geralmente era escrito no caso de um pseudônimo Rapp, um entre os muitos que foram adotadas mais tarde.

Já em 1882, publica a novela. *As joias da Coroa*, uma sátira de sentido veementemente antimonarquista. Ainda em São Paulo publicou *as Canções sem metro*, poemas em prosa de inspiração baudelairiana. Foi reprovado no terceiro ano de faculdade em decorrência dos conflitos entre suas ideias revolucionárias e o ambiente conservador, esse motivo que o leva a concluir o curso no Recife. Onde, no terceiro ano, em 1883, foi para o Recife, lá concluiu o curso de direito, mas não exerceu a advocacia. De volta ao Rio de Janeiro, em 1885, dedicou-se ao jornalismo, escrevendo crônicas, folhetins, artigos. Em 1886, volta à corte, onde começa a redigir *O Ateneu*; narrado na primeira pessoa, sobre o drama de um menino desenraizado que foi colocado em um internato. Em 1888, o romance é publicado em folhetins pela Gazeta de Notícias (sobre esse jornal, ver p. 152 deste caderno).

Uma vez decretada a abolição da pena de morte, envolveu-se no movimento de apoio à instauração de uma república. Em 1889 colaborou com *A Rua e Jornal do Comércio de Pardal Mallet*. O autor, então, começa a fazer parte do grupo de escritores e intelectuais a que

pertencem também Olavo Bilac, Artur e Aluísio Azevedo e Machado de Assis, entre outros. Após a fundação da República, foi nomeado professor de mitologia na Faculdade de Belas-Artes, e pouco tempo depois exerceu o cargo de Diretor da Biblioteca Nacional. No jornalismo mostrou-se um Floriano sublime que foi um grande jacobino contra intelectuais de seu grupo como, Pardal Mallet e Olavo Bilac. Defendia a ditadura florianista e passa a entrar em polêmicas acirradas nos jornais, nos quais é alvo de ofensas como a que foi publicada por Olavo Bilac, e que quase leva os dois escritores a um duelo. Diante disso, acreditava que o militarismo representado por Floriano Peixoto constituía a força para defender a pátria supostamente em perigo.

No enterro de Floriano Peixoto, o discurso exaltado de Pompéia é recebido como crítica ao então presidente Prudente de Moraes, o que resulta em sua demissão do cargo na Biblioteca Nacional. Ao escrever uma resposta para o jornal *A Notícia* e não a ver publicada no dia combinado, o autor se suicida, acreditando ser vítima de uma conspiração da classe. “À Notícia e ao Brasil declaro que sou um homem de honra” Deixando esse bilhete, Raul Pompéia suicidou-se, aos 32 anos, na noite de Natal de 1895. Com seu orgulho ferido, e a total sensação de perseguição, com sua sensibilidade aguçada. São elementos marcantes e categóricos que, o teriam levado a essa atitude extrema.

O lugar do escritor de ficção Raul Pompéia na literatura brasileira é disputado. A princípio, a crítica o considerou um naturalista, mas as qualidades artísticas de sua obra o aproximaram do simbolismo, porém sua arte também é tipificada no estilo impressionista da literatura brasileira. Pompéia foi considerado um escritor vanguardista, pois sua escrita transita por correntes literárias distintas (realismo, simbolismo, romantismo, impressionismo etc.) com objetivo de produzir suas obras sem ter com elas nenhuma dívida de composição. Inclusive, Araripe Júnior (1984), foi um dos primeiros críticos a ressaltar o vanguardismo de Raul Pompéia. O autor afirma que, em crônica do dia 21 de abril de 1894: “brasileiro, na exuberância incoercível de sua natureza tropical, pode protestar contra o lirismo perdulário, e meter-se no jugo do ritmo e da correção helênica”, ou seja, a própria definição do parnasianismo, mas, embora a possibilidade exista, “não tardará a insurgir-se contra a disciplina e despedaçar os moldes que tiver adotado” (1894, p. 298).

Pedreira Franco (1988), diz que Raul Pompéia, enquanto “poeta e artista”, “compreende as necessidades da época e, conclui, que a poesia pode existir independente da versificação” (1888, p. 22). Ao ressaltar o empreendimento inovador que resultou na concepção de *O Ateneu* - um “livro de combate e livro de reforma” -, diante da visão de Franco, Pompéia apresenta o seu

aspecto vanguardista, dado que esse romance estaria “cheio de inovações ousadas e justas”. Ainda nessa mesma página, conclui que Raul Pompéia tem uma “individualidade” que “não se parece com a de escritor algum”, isso porque “o estilo pertence-lhe, é seu, e, em relação à língua, deu-lhe o máximo desenvolvimento que a evolução permite.

Já Dominicio da Gama (1900), em crônica de 25 de julho de 1900, fala da reprodução do discurso que proferido por Pompéia na Academia Brasileira de Letras, o “poeta-pensador Raul Pompéia descia sempre ao que julgava ser os fundamentos inabaláveis da ciência”, para só então compor suas obras. “Um dia encontrei-o que estudava a teoria das vibrações. ‘Neste estudo encontrava toda a estética e a própria vida’, explicava ele, “porque a arte reproduz as vibrações, e vibrar é viver”. Pautado ou não pela ciência, Raul Pompéia estudava seus temas antes de sobre eles dissertar, suas próprias crônicas o comprovam essa percepção. Para tanto, Dominicio Gama, ainda afirma que “era torturado pela curiosidade ardente de conhecer o outro lado, o interior, a alma das coisas”.

É de grande valia atentar-se para uma escrita que traz não só a descrição do personagem, mas também de seu viés psicológico. O que se percebe na narrativa de Pompéia é seu caráter marcadamente abolicionista o autor é influenciado pelos aspectos militantes políticos e intelectuais de diversos matizes, para tanto a Proclamação da República foi como que um divisor de águas. Visto que, no governo do Marechal Floriano Peixoto, radicalizam-se as diversas correntes republicanas. Diante disso, autores como, Werneck Sodré (1965), em sua obra *História literária* faz uma análise muito superficial de Pompéia, ao lado de outros autores do período, consideram ele uma figura menor. Essa é uma quase regra geral da história e crítica literária brasileira, da qual Werneck Sodré não escapou. Assim, Raul Pompéia surge como um autor de difícil classificação, ora realista, ora naturalista; sua importância literária é restringida a seu livro *O Ateneu* (1888), entre outros aspectos.

Quando se estuda as características de Pompéia é possível notar sua valorização pelo tempo orgânico, um tempo que é necessário para captar cada fração de segundo gasto pela natureza, onde o escritor se transformava, sendo capaz de descrever de maneira minuciosa e sensorial todo ambiente externo. Os críticos das obras de Pompéia escolhem o termo microscópico para caracterizar o estilo de sua obra literária: apontando a fonte e a vista que são impressionistas, miniaturísticas, detalhistas; o autor escreve o que vê e sente, aprecia os sentimentos. Portanto, o que lemos é o que Pompéia percebeu, o que ele interpreta através de sua subjetividade e de sua ótica intimista. Nessa circunstância, a obra literária de Raul Pompéia contribui para a

reflexão sobre sua trajetória de escritor de romances e poemas em prosa a crítico de arte e, sobretudo, para seu interesse pela reflexão da arte descrita, a pintura.

Fazendo uma reflexão mais detalhada da escrita singular de Pompéia, aponta-se para sua visão impressionista. Desse jeito, quando se analisa seus poemas em prosa encontra-se uma percepção bem marcada entre o simbolismo e o impressionismo, além das críticas sobre artes visuais o escritor procura valorizar as sensações que as obras lhe incitam. Ao estudar tais aspectos, obtêm-se o livro, *Impressionismo: reflexões e percepções*, de Meyer Schapiro, no capítulo Impressionismo e literatura, o autor faz uma relação entre a escrita com a pintura e reconhece que durante o período impressionista, a literatura e as artes visuais eram alinhadas. Isso é visível na narrativa de Pompéia. No entanto, ele aponta que para uma melhor compreensão seria melhor relacionar a escrita de aspectos impressionistas, assim apresenta-se Gustave Flaubert, que em 1847 escreveu “*Par les champs et par les strikes*” publicado em 1886, bem como *A Educação sentimental* (1869), que traz recursos impressionistas para descrições de cenas do romance; e a produção literária dos irmãos Edmond e Jules Goncourt em 1850. Esses três nomes franceses são lembrados pelos críticos de Raul Pompéia por servirem de base e referência para fundamentação do escritor. Para Arthur de Almeida Torres em seu livro *Raul Pompéia: um estudo psicoestilístico* (1972), comenta-se sobre alguns trechos de *O Ateneu*:

[...] podemos apreciar a perfeita harmonia entre significante e significado: as palavras desempenham a sua dupla finalidade de expressar ideias e transmitir emoções, recursos que fazem de Pompéia um verdadeiro poeta da prosa, um impressionista à moda dos Goncourt, que ‘escreviam para os olhos’. Sons, luzes, cores e ritmos são, pois, os ingredientes que valorizam a sua prosa admirável e formam o seu universo estético-sensorial (TORRES, 1971, p. 49).

Destaca-se em Pompéia uma escrita que se beneficia de metáforas para poetizar sua narrativa, ou seja, não são meras descrições formais e sim descrições de expressão e de sentimento. As figuras de linguagem serão muito utilizadas pelo autor, que segundo Artur de Almeida Torres (1971), ao fazer um estudo psicoestilístico da obra pompeana, se atentando especialmente ao livro *O Ateneu*, afirma que essa é a maneira que o autor encontra para “dizer o indizível, colorir o estilo, embelezar o pensamento, esculpir imagens [...]”.

[...] Pompéia interroga o universo, e procura criar um mundo verbal que corresponda ao ritmo cosmológico e vital. O tempo, que estabelece a duração, domina essa composição. O ritmo as estações (registrado em poemas sobre o Inverno, a Primavera, o Verão e o Outono), o dia e a noite, o tempo e a eternidade, o sonho e a vigília, a terra e o mar, a alegria e a tristeza, a vida e a morte, a liberdade e a escravidão, o trabalho e o ócio, a paz e a guerra, o amor e o ódio, o infinito e o finito, a cidade e o campo, a floresta e o deserto, os minerais e os animais – todos os elementos e

ingredientes que compõem o ritmo binário do universo e da vida estão presentes nas Canções sem Metro, pertençam eles à ordem dos mundos ou ao mais íntimo da consciência humana (IVO, 1963, p. 82-83).

*O Ateneu* ainda é matéria de estudo e crítica, e seu texto é discutido tanto estilística quanto tematicamente. Marciano Silva (2008), faz uma cartografia da recepção crítica deste romance, onde por vezes foi classificado como realista/naturalista ou simbolista/impressionista. Para Marciano Silva (2008), enquanto alguns críticos analisam a obra sob uma perspectiva realista-naturalista por seus aspectos temáticos e ideológicos; outros o identificam com o impressionista por apresentar a valorização dos elementos da narrativa subjetiva e elementos formais de estilo.

Por fim, diante das muitas perspectivas da escola literária de *O Ateneu*, o autor Werneck Sodré (1965), faz suas considerações sobre Pompéia, afirmando que sua obra *O Ateneu* terá sido publicada “sob forte influência do naturalismo”, possui na perspectiva do autor “um tom amargo e ao mesmo tempo saudosista” e tem estilo “caprichado”. Para concluir, *O Ateneu* apresenta-se como um romance isolado na história da “ficção brasileira”. Para Sodré (1965), o Naturalismo “é a escola em que se utiliza da representação fiel da realidade, ou seja, a experiência vivida no meio social e em seu contexto histórico” (p. 19). Mediante isso, o Naturalismo em *O Ateneu* é marcado por fatos evidentes como; a homossexualidade, o edipianismo, as ambições, tudo isso apontando os reflexos de uma sociedade hipócrita. É importante frisar que, o naturalismo se desenvolveu nas entranhas do realismo, mostrando as características animais e sexuais dos indivíduos. Logo, a diferença está que o realismo enfoca o homem e as mazelas da civilização segundo uma perspectiva sociológica, destacando-se os males educacionais e morais, já o naturalismo dialoga com o lado biológico-patológico, onde o ambiente transforma o homem com distúrbios fisiológicos e nervosos e gera doentes mentais, adúlteros, prostitutas, desvios sociais (PERRONE-MOISÉS, 1988, p. 236).

#### **4.1 Classificação literária e características de *O Ateneu***

*O Ateneu* é inserido no naturalismo brasileiro, tendo em vista o pensamento de José Veríssimo, aonde se requer, inicialmente, um vislumbre da fortuna crítica de Pompéia e seu romance. Observa-se que, o naturalismo começou a ser valorizados a partir de suas percepções históricas, atualmente sendo reconhecido por apresentar suas qualidades literárias. Por isso, a obra é classificada, nos dias atuais como pertencente à estética Realista-naturalista. No entanto, em outros momentos, em função de sua linguagem erudita, a obra foi classificada até mesmo

como parnasiana em prosa. Com a falta de autores para tal fundamentação estética, essa classificação malograra com o tempo. Desta forma, é possível aproximá-la ao realismo artístico pelo seguinte viés: é uma obra verossímil, assim designando-a no realismo estético, visual. Isso porque, diferentemente de um neorealismo de outras narrativas, a obra de Pompéia não possui viés um especificamente social, que busca trazer um debate ou engajamento para lutas de classes. Assim sendo, sua crítica não se centra diretamente na luta de classes que emergia no século XIX.

A narrativa escrita por Pompéia apresenta uma reflexão através do trânsito real em nossa sociedade (migração interna) junto ao fetiche em relação a seu colonizador (influência europeia) e por ser o autor vítima desse sistema, preferiu repeli-lo em seu enredo. Assim, a narrativa de Pompéia, destaca o caráter de crítica e denúncia às práticas da sociedade, pois como bem pontua Andrade (1972, p.184), *O Ateneu* representa a estética da sociedade, com seus vícios e instintos, com exageros e comparações zoomórficas, como o naturalismo exige. *O Ateneu* representa um dos aspectos mais altos do naturalismo brasileiro sendo marcado pela presença de características naturalistas:

Representa exatamente os princípios estético-sociológicos, os elementos e processos técnicos do Naturalismo. É sempre aquela concepção pessimista do homem-besta, dominado pelo mal, incapaz de vencer os seus instintos baixos reflexo dentro da arte das doutrinas evolucionistas... *O Ateneu* representa um dos aspectos particulares mais altos do Naturalismo brasileiro (ANDRADE, 1974, apud QUINTALE NETO, 2007, p. 184).

Com isso, temos os apontamentos de Marciano Silva (2001), um dos últimos grandes estudiosos de Pompéia, asseverou que o escritor figura entre os incompreendidos e injustiçados pela crítica (2001, p. 109). Nota-se a incompreensão de seu vanguardismo literário e a desenvoltura com a qual Pompéia transitou por diversas correntes literárias. Em *O Ateneu* – um “livro de combate e livro de reforma” –, o autor Franco afirma que em seu aspecto vanguardista, esse romance estaria “cheio de inovações ousadas e justas”. Ainda sobre a obra, conclui que Raul Pompéia tem uma “individualidade” que “não se parece com a de escritor algum”, isso porque “o estilo pertence-lhe, é algo exclusivo, e, em relação à língua, deu-lhe o máximo desenvolvimento que a evolução permite.

Para José Veríssimo (1998), que se destaca entre os primeiros críticos de Pompéia ao afirmar que, *O Ateneu* é visto como uma obra naturalista. Para tanto, dentro da fortuna crítica para confirmação de tal colocação, temos um artigo intitulado “Raul Pompeia e O Ateneu” (1907), e os excertos do livro História da literatura brasileira, de Bento Teixeira a Machado de

Assis (1916), que retratam uma análise mais aprofundada de tais características. A representatividade desses textos, apontam uma síntese diante de uma tendência crítica dominante do pensamento brasileiro perante uma determinada época; atribuindo dessa forma um modo de pensar sobre a literatura, assim como tudo aquilo visto em seu entorno, em uma época em que a ciência causou mudanças em todas as outras áreas, agregando valores em campos bem diversos entre si como religião, sociologia, literatura, a psicanálise entre outros.

É perceptível que a literatura retrata os traços históricos sociais e culturais que fazem parte de seus contextos de produção. Pompéia traz na escrita de *O Ateneu* as circunstâncias socioculturais de sua época, em sua obra, e utilizou-se delas para manifestar os estigmas que tais sociedades carregam em sua personalidade. Apresentou em sua escrita aspectos de um mundo real que vai ser miniaturizado e representado no ambiente hostil do internato, isso tudo de maneira simbólica ou metafórica, sendo visto como uma espécie de espelho de uma sociedade complexa que se constrói a partir das relações de poder. *O Ateneu* ambienta o universo escolar, possibilitando por meio dos relatos das práticas pedagógicas da época, não apenas elucidar as ações, como também conceber críticas a valores e comportamentos que simbolizam toda a sociedade. Desse modo, Sérgio narra e descreve todo o ambiente através de suas memórias, aqui vistas como memórias individuais.

Na narração do menino Sérgio que a natureza toma os sentimentos e sensações humanas. Que é uma característica comum nas produções textuais de Pompéia, o uso da prosopopeia humaniza o ambiente e contribui para uma leitura impressionista do livro. Ao estudar José Augusto Avancini (2006), em *A paisagem em O Ateneu: a visão pictórica da natureza no texto de Raul Pompéia* veremos uma leitura em que a paisagem mimetiza os sentimentos do personagem. A natureza, tal quanto analisada por Avancini, em certas ocasiões parece inclinada a uma visão pessimista e determinista do indivíduo: em momentos de carinho e prazer, tão por pedaço do garoto Sérgio como pelo vestígio do relator Sérgio, a visualidade torna-se um cenário idílico. Confirma-se, no trecho a seguir, onde Sérgio relembra os momentos que passava com o amigo Egbert, com o qual conheceu pela primeira algo profundamente amoroso:

Entrávamos pelo gramal. Como ia longe o burburinho de alegria vulgar dos companheiros! Nós dois sós! Sentávamo-nos à relva. Eu descansando a cabeça aos joelhos dele ou ele aos meus. Calados, arrancávamos espiguihas à grama. O prado era imenso, os extremos escapavam já na primeira solução de crepúsculo. Olhávamos para cima, para o céu. Que céus de transparência e de luz! Ao alto, ao alto, demorava-se ainda, em cauda de ouro, uma lembrança de sol. A cúpula funda descortinava-se para as montanhas, diluição vasta, tenuíssima de arco-íris. Brandos reflexos de chama; depois, o belo azul de pano; depois a degeneração dos matizes para a melancolia noturna, prenunciada pela última zona de roxo doloroso (POMPÉIA, 2008, p.48-49).

Em *O Ateneu*, o indivíduo e o ambiente amalgamam na interpretação de Raul Pompéia mediante seu olhar subjetivo. Tudo é descrito de maneira detalhista através das traumáticas experiências do menino Sérgio, por meio de suas vivências em um ambiente tão hostil, comportamentos e atitudes que denunciam uma pedagogia pautada no autoritarismo e na repreensão. A sexualidade reprimida é também uma constante no romance, que se assinala na lei dos mais fortes impostas aos mais fracos. Desse modo, observamos que as relações de poder no ambiente escolar de *O Ateneu* se dão pelo controle, pela repressão e pela submissão, conquistadas por meio de um sentimento de culpa que consterna os estudantes. Nesta perspectiva, o espaço do internato que seria para a construção ética e intelectual, revela-se frequentemente marcado pela violência, corrupção, repressão e injustiça. Assim ao problematizar tais questões nos mostra o quanto o ambiente opressor revelado a Sérgio é traumático em sua formação.

Ao falar de *O Ateneu* e seus aspectos deve-se refletir sobre a importância dos seus traços e das muitas escolas que influenciaram na escrita de Raul de Pompéia. Para José Veríssimo (1998), o naturalismo no Brasil e que foi importado da França e implantado no país sem nenhuma modificação que lhe outorgasse uma particularidade, é desqualificado na percepção de Veríssimo, por não ser alheio a outras formas de naturalismo, além de ser uma imitação única e exclusiva do modelo naturalista francês. Veríssimo afirma que o naturalismo no Brasil não se remete necessariamente ao modelo francês como um todo, mas para ser mais específico à figura de um único escritor adepto do movimento: Émile Zola, cuja maior visibilidade deve-se, sobretudo, à repercussão de seus textos na imprensa jornalística no século XIX, não apenas na França, como também no Brasil (VERÍSSIMO, 1978).

Existia a presença do caráter torpe ou pornográfico dos romances naturalistas no Brasil, responsáveis pela banalização da arte, pela linguagem considerada pouco literária e pela descrição minuciosa das cenas mais vulgares (VERÍSSIMO, 1998). Porém em Pompéia nos deparamos temos uma linguagem com brilho próprio, que apresenta a autonomia dos signos sonhada pelos escritores simbolistas, inclusive Pompéia julgava que “a prosa tem de ser eloquente, para ser artística, tal qual os versos”. Por isso, observa-se uma obra marcada pela profusão de símiles e metáforas, o vocabulário cheio de raridades, a abundância de ritmos e correspondência sonoras, que para alguns críticos como, Mário de Andrade e Lúcia Miguel Pereira, apontam como excessivo, barroco e maneirista. De certo, que a tal ornamentação contrasta com a discrição dos desenhos que o próprio autor traçou. Para tanto, José Paulo Paes

observou nelas, seu gosto pela análise dos caracteres, mas também traços opostos a linguagem verbal que parecia querer não competir com as palavras.

A obra é marcada pela mistura discursiva, é visto um livro de memórias, uma narrativa que incorpora recursos poéticos. Essa junção de desenvoltura formal com o subjetivismo e o espírito crítico aguçado que tornou *O Ateneu* um dos nossos primeiros romances modernos. Em *O Ateneu* a matéria oferecida ao leitor traz uma experiência particular, existindo a ampliação da voz narradora, que em sua presença emotiva sobressaísse em relação aos outros personagens. Desse jeito, a narração de Sérgio e seu ressentimento produz uma densidade reflexiva que em última instância, é responsável pela “superação do realismo”. Diante disso, a leitura do texto exige que se atravessem fronteiras do mundo narrado para penetrar na consciência do narrador. Esse terrível mundo encontrado na narrativa, reflete o microcosmo da sociedade que alude aos conflitos da espécie humana em toda parte, temas e problemas chamados de universais. Obviamente, que tais característica psicopatológicas são marcas aparentes do naturalismo.

Enfim, o Naturalismo foi um período de intensa produção literária. Destacam-se muitos romances pertencentes a esse modelo estético, vários romancistas adotaram e defenderam o movimento naturalista no Brasil. Diante de tais apontamentos, observa-se na escrita de *O Ateneu*, a presença marcante do Realismo-Naturalismo não idealizada, percebe-se nessas escolas os defeitos marcantes de personalidade: a hipocrisia, o egoísmo, a mediocridade, a mesquinharia. Nota-se o comportamento do indivíduo que é determinado por circunstâncias externas a ele, meio raça e momento, não existindo livre arbítrio, além das relações humanas que são pautadas pelo jogo de interesses, pela lei do mais forte em que os fins justificam os meios.

Na obra de Pompéia, percebe-se que existem alguns autores e críticos que acordam com essa percepção da obra dialogar entre as duas escola Realismo-Naturalismo. Na visão de, Schwarz, a obra *O Ateneu* não é de fácil classificação, mas consegue-se fazer uma análise de maneira objetiva e curta. Roberto Schwarz (1960), vai enumerando os predicados do romance, a inovação, o domínio de Raul Pompéia sobre o que é narrado. Após um estudo mais detalhado de *O Ateneu*, Schwarz fala que há uma superação do Realismo: “A presença simultânea, em *O Atheneu*, de visualização e consciência visualizadora, coloca o romance nos primórdios da linha reflexiva que iria ultrapassar os esquemas de Realismo e Naturalismo” (SCHWARZ, 1960, p. 26).

Diante da percepção de Schwarz (1960), o autor enumera as qualidades do romance, além da sua inovação, apresenta o domínio de Pompéia sobre o que é narrado (“a presença

emotiva de um narrador”), independente da semelhança biográfica com sua trajetória pessoal, e independente também do autor querer criar ou marcar um estilo próprio, evita-se classificar a obra nesta ou naquela corrente literária, trabalha com a ideia de “superação” do realismo e do naturalismo, evitando forçar a imposição de um modelo que o defina, pois para Schwarz é justamente esta característica que dá a dimensão moderna da obra. Em “O Ateneu” existe em o eu literário, independente do autor empírico”. (SCHWARZ, 1960). Entretanto, para o crítico Alfredo Bosi (2003), situar a obra em Realismo, Naturalismo ou Impressionismo, é limitá-la a uma escola.

Para Bosi ao contrário de Schwarz, existe a tentativa de se “ajustar” a obra, apontando traços e características que poderiam tornar a obra impressionista, expressionista ou qualquer outra coisa, assim admite uma superação, que chama de “superação precoce do naturalismo”. A partir dessa visão, através de exemplos demonstra trechos do texto que poderiam ser considerados naturalistas, realistas e expressionistas, entre outros, ou seja, o crítico não se liberta de um esquema, ele desmembra a obra na tentativa de segmentá-la aos esquemas pré-existentes, mas sempre inclinando-a para o naturalismo, fundamentando o contexto da época em que “*O Ateneu*” foi escrito, bem como as obras escritas pelos contemporâneos de Raul Pompéia. Apresentado a ciência Determinista como um marco de intercessão na escrita. Inclusive, apresentando o Naturalismo como:

Quanto à teoria de educação, se coerente com aquelas leis universais, deveria secundar os fortes e considerar como natural o esmagamento dos fracos e dos inaptos. Aquém e além dos muros da escola, “os deserdados abatem-se”. E pouco adiante: “Os débeis sacrificam-se; não prevalecem”. Até aqui, puro Darwin. É o princípio da seleção natural proposto na Origem das espécies havia tinta anos (BOSI, 2003, p. 73).

Bosi (2003), vai descrevendo os traços expressionistas que são marcantes na narrativa: “O seu destino era sucumbir escorraçado: a agonia do menino, na cafua habitada de ratos e animaizinhos lôbregos, deu uma página pré-expressionista”. E segue adiante, citando, ainda, partes realistas, impressionistas, em um misto de comparações. É observável, que a verdadeira divisão da obra *O Ateneu* deve-se obedecer ao critério de observação de sua evolução técnica e temática. Além de trazer um apanhado geral das muitas vertentes de estudiosos sobre seus aspectos na literatura. Uma obra que se achega ao Realismo e Naturalismo, mas também temos uma escrita que caminha por outras escolas do Brasil. Mediante tais preceitos, o crítico claramente considera “*O Ateneu*” uma obra de arte, apontando sua superação de escolas e manifestos, ele não perde de vista o naturalismo, ou seja, Bosi afirma que Pompéia inova dentro

dos limites naturalistas, a inovação está na sensibilidade ressentida do personagem/narrador e de seu tom memorialista/crítico, mas não no romance.

Em outras análises são apontados concepções e entendimentos acerca do lugar de *O Ateneu*, dentro da literatura. A obra quer pela sua elaboração intelectual, quer pelo caráter sincrético, é marcada por aspectos realistas, naturalistas, impressionistas e expressionistas, carregando consigo um romance marcante. Assim, Alfredo Bosi (2003), aponta na narrativa de Pompéia um traço determinista trazendo a obra para a escola do naturalismo. Desse modo, o autor aponta os traços expressionistas, afirma que Raul Pompéia cria um personagem com caráter memorialista e crítico, mas a crítica relevante seria possivelmente as representações sociais do próprio autor, das suas vivências e adaptações. Pois, como Alfredo Bosi afirma em sua literatura, a arte mostra-se livre perante as relações com a sociedade, destarte o artista é a parte dessa sociedade. Criando exibições sociais que interferem na narrativa elaborada e até mesmo nos personagens.

Aproveitando-se dessas divagações, a primeira crítica de *O Ateneu* considera o romance como uma obra naturalista. Nesse ponto são trazidos para firmar essas colocações, alguns autores como, Afrânio Coutinho, Eugênio Gomes, Lêdo Ivo, Xavier Placer, Sônia Brayner, José Guilherme Merquior, entre outros, acabam negando a ligação de Raul Pompéia com o naturalismo, relacionando esse livro com o impressionismo literário e outros estilos como o simbolismo e o expressionismo, contestando, com isso, o seu poder de influir na crítica anterior aos seus trabalhos. Outro ponto, são os aspectos da estilísticos apresentados por José Veríssimo, que está entre os primeiros críticos de Pompéia, para ele a obra é apontada como naturalista. Também é interessante apontar que Veríssimo destacará a superioridade de *O Ateneu*, em comparação com as obras escritas durante o mesmo período, mencionando, diretamente, o naturalismo, tal como é notado nessa citação:

Porém distinto, superiormente distinto, na produção literária do tempo. Certo é evidente nele a influência do naturalismo francês que os romances de Eça de Queiroz vulgarizaram na nossa língua, e que começava então a atuar na nossa literatura. Mas, ao invés do Sr. Aluizio Azevedo, e de outros seguidores aqui dessa corrente literária, Raul Pompeia apenas lhe recebeu a essência, o íntimo do pensamento filosófico ou estético que o determinou, sem lhe adotar, se não com grande independência, os processos e cacoetes (VERÍSSIMO, 1979, p. 135).

Aqui é destacado a forma como o elemento da originalidade assume um papel importantíssimo na valoração do romance de Pompéia, pois diante a percepção do crítico. A própria influência do naturalismo em *O Ateneu*, que em um dado momento, poderia ser

entendida como algo prejudicial a narrativa, acaba desaparecendo pela independência que o autor trabalha os preceitos da escola naturalista. Dessa forma, o autor foge da cópia e da repetição, de outras obras consideradas naturalista como, *O Cortiço*, Pompéia não seguirá apegará ao modelo francês de maneira fiel, mas o reinterpretará a partir da sua personalidade e de seus pensamentos, pois na escrita se faz presente a sua filosofia, o pensamento estético, permanecendo ali unicamente a essência desta escola, criando-se um naturalismo próprio e original.

É nesta autonomia de um espírito que sobrepuja as influências legítimas e ainda consentidas do seu momento e prevalece contra elas que se há de ver o maior testemunho da personalidade de um escritor. A personalidade de Raul Pompeia é intensa no *Ateneu*, que mais que um romance de escasso interesse dramático, é um compêndio de todas as inúmeras sensações e ideias que fervilhavam àquele tempo no cérebro em ebulição de um moço genial (VERÍSSIMO, 1979, p. 135).

O que se nota durante a leitura da narrativa de Pompéia é a presença desse naturalismo, onde é descrito a existência de conflitos dramáticos pequenos que se sucedem sem muitas ligações aparentes uns com os outros, mas que ao final vão dialogando em uma impressão geral da vida do personagem Sérgio dentro daquela instituição, marcada e corresponde as estruturas de pensamentos e lembranças. Veríssimo também tratará brevemente da sensualidade da obra, para o crítico não chega a manifesta-se de maneira a especificá-la, apenas a relaciona com a sensibilidade de Pompéia, classificando-a e destacando-a como um elemento precioso, “embora nem sempre refinada, exagerando-se mesmo às vezes”, que “completa a humanidade deste livro de crianças e ironias”.

Ao final, destaca-se as percepções psicológicas dos personagens da narrativa e como a literatura apresenta um objeto de estudo e diagnóstico para as neuroses humanas, marcados pelos traços da ciência e do cientificismo. Ainda dando ênfase ao estudo de *O Ateneu*, destaque-se tanto a questão da sensualidade quanto as dos discursos são atenuadas pela originalidade de Pompéia, *O Ateneu* é apontando como um produto de uma determinada época. Diante desse tipo de pensamento, é observável através das entrelinhas do romance de Pompéia características evidentes do naturalismo. Onde o ser social é visto sem livre arbítrio e influenciado pelo meio social e físico em que está inserido. Desse modo, o ponto de vista expresso na narrativa diz respeito apenas ao mundo em que o narrador vive, um mundo social, cultural e ideológico, porém um mundo emocional que é retratado através do seu ponto de vista e da sua subjetividade. Mas que apresenta muito bem o enredo do microcosmo de uma sociedade com princípios

morais duvidosos e pensamentos maliciosos, mostrando que o indivíduo é determinado pelo ambiente e por sua hereditariedade.

Por fim, a obra de Pompéia dialoga perfeitamente com as influências exercidas pelo naturalismo e por todo seu contexto social e político. Inclusive quando se estuda sobre a obra do autor, consegue-se perceber em sua literatura o caráter de denúncia, de meditação, além das narrativas envolvendo os aspectos políticos, da influência que foi exercida sobre o autor. A produção de Pompéia resgata as expressões, os cenários e os personagens criados e caracterizados por aprofundamentos subjetivos. Em uma perspectiva pessoal de expor em seu tempo e pela sua escrita para a posteridade a sua obra como produto social. Em *O Ateneu* podemos nos transportar para o interior da mente humana, sendo por essa via que descobrimos os pensamentos mais secretos ou, às vezes, os subentendidos que não podem ser ditos explicitamente. No entanto, as descobertas em questão, dizem respeito aos pensamentos do narrador sobre o espaço, as personagens, o tempo e a sociedade da época. Assim revitalizando-os e manipulando explicitamente a percepção do leitor sobre *O Ateneu*.

Pompéia faz uma descrição psicológica muito profunda dos personagens, caracterizando todos os seus sentimentos e conflitos internos. Nota-se que Pompeia, por meio do livro, vai exorcizar seus fantasmas e os traumas experimentados nesse rito de passagem da infância para adolescência, que foram vivenciados no internato, sob um regime rigoroso de disciplina e poder, sublimando pela arte as experiências traumáticas dessa fase, nestas irônicas “crônicas das saudades”. É importante destacar que, assim como a literatura, a psicanálise faz sua fundamentação na linguagem. Enquanto a primeira busca a expressão estética, a segunda busca a cura dos problemas que afetam o psiquismo humano. Além disso, ambas têm como fundamento a subjetividade. O encontro entre essas duas criações da cultura tem sido extremamente fecundo para ambas, pois ambas estão ligadas ao desejo do sujeito e à busca de uma verdade singular.

Mediante tais considerações, *O Ateneu*, traz um envolvimento psicológico que perpassa por toda a narrativa. Apontando para uma obra onde as personagens e a sociedade na qual estão inseridas estabelecem entre si uma relação dinâmica, próprias das representações construídas, especialmente quando o singular e o coletivo se encontram. É possível observar na obra também as transformações pelas quais os personagens vão passando ao longo da história, destacando assim, por meio das representações sociais os costumes e as regras que organizam a conduta social. Sendo representações que trazem em si elementos afetivos e sociais que contribuem para a construção de uma realidade comum. Segundo Adorno (2003), o discurso ficcional da

literatura é construído no âmbito social, já que o autor é um sujeito integrante da sociedade e pode transferir para a escrita ficcional parte de sua experiência vivida no meio. Esse pensamento de Adorno (2003), adapta-se com a produção que Pompéia apresenta em *O Ateneu*.

Ao construí-lo em primeira pessoa, o romance traz uma experiência mais realista da vivência do autor, isso justifica a escolha por apresentar o narrador em primeira pessoa. Dessa maneira, para compreender os aspectos sociais que são apresentados no romance é preciso observar os aspectos que aparecem no âmago da narrativa, já que a subjetividade do leitor será aguçada ao se iniciar a leitura, conseguindo relacionar o que lê com a contextualização apresentada, estimulando assim os atos que originam a compreensão do texto em sua amplitude. Nessa circunstância, fazendo com que as pessoas tivessem uma visão da realidade social e de si mesma, achando uma forma de refletir sobre o outro, as situações, as circunstâncias apontadas através do microcosmo do internato. Assim, apontando através da escrita as repressões interiores, psíquicas, religiosas e sociais, destacando a literatura realista-naturalista. Para Raul Pompéia o cenário literário brasileiro pode ser pensado como uma síntese das divergências conceituais, ideológicas, filosóficas, políticas e científicas e características fervilhantes do final do século XIX. Por isso, fez parte de um grupo de escritores que anunciaram a mudança estética e social iniciada no país em 1870. Assim, sua obra literária brasileira, *O Ateneu*, é uma síntese de várias tendências, inclusive modernas, ao invés de um único gênero literário a enquadrar. Apresentando tais razões pelas quais tantos críticos fazem suas colocações: “uma das expressões verdadeiramente singulares da ficção brasileira” (COUTINHO, 1999, p. 182).

É necessário ressaltar que, o caráter subjetivo da narrativa de *O Ateneu* permite uma semelhança entre as inferências e características psicológicas do narrador, também o contexto da escola e a natureza descrita no romance. Dessa forma, Pompéia estimulado por esses fatores defende cria uma obra de arte que valoriza a subjetividade, já que é ela quem suscitará a originalidade a partir da individualidade de cada personagem. Após estas reflexões feitas, nota-se que o passado transborda para o presente, voltando inconscientemente à consciência de Sérgio, pois é tecido pela memória, apoiando a afirmação de que nossa consciência é um todo que inclui presente, passado e futuro. Por isto, a literatura é um dos meios de manifestações do mundo com padrões gerais e específicos, produzidas assim por diferentes discursos e textos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após análise da obra *O Ateneu* de Raul Pompeia, no que diz respeito às representações literárias juntamente com a psicanálise, foi observada descrição do microcosmo da sociedade, através da visão intimista do personagem Sérgio. Dessa maneira, foram analisados os aspectos dos relacionamentos na narrativa, o entusiasmo de Sérgio por Ema, que foi descrito desde o começo da narração, quando Sérgio expressa quando a conheceu, e do encantamento profundo. Perante isso, foram vistas várias vertentes da psicanálise como, a pulsão, o amor, a transferência e os complexos.

Foram apontados vários questionamentos no campo da teoria literária e da psicanálise, análises e estudos necessários sobre o inconsciente do indivíduo. Sobre esse exemplo do texto literário *O Ateneu*, concebe a intenção de demonstrar os problemas psíquicos no contexto analítico e individual. Tenciona-se a desnudar o amor transferencial que executado através dos personagens, com intuito de ressaltar a notável influência da literatura no campo da psicanálise. Ao analisar as temáticas utilizadas por Pompeia na estruturação da narrativa que materializam as experiências viciadas pelos personagens, no ambiente do colégio interno, é perceptível que os modos de educação são marcados pela radicalidade e opressão, além das marcações significativas de sexualidade. Tais aspectos e práticas pedagógicas aplicadas no ambiente de *O Ateneu*, retratam características de violências física e psicológica que levaram a submissão do personagem Sérgio. Tais entraves permitiram estudar os aspectos do inconsciente, os rompimentos com seus anseios infantis em sua nova vivência na puberdade, com base em estudos psicanalíticos de Freud e Lacan.

Por meio desse estudo, foram mostradas as possíveis ligações entre os campos da literatura e da psicanálise, tendo como objeto de pesquisa *O Ateneu*, foi possível perceber os traços históricos, sociais e culturais que fazem parte dos contextos de produção desse texto literário. Ao considerarmos seus respectivos quadros históricos, podemos melhor compreender suas linhas interpretativas. Nesse contexto, Pompeia na escrita de *O Ateneu* conseguiu refletir as circunstâncias socioculturais de sua época, e utilizando-se delas manifestou seus estigmas que tal sociedade trazia em sua gênese

Com essa pesquisa foi possível estudar através de Freud, o processo da transferência e como ela pode emergir como uma exigência intensa de amor, de atenção, de reconhecimento, ou sob formas mais moderadas. Através dos estudos psicanalíticos na análise da obra de *O Ateneu*, foi possível entender o processo vivenciado por Sérgio e Ema, a manifestação do desejo do personagem de ser recebido como filho(a) predileto(a), de ser alvo de uma estreita amizade (necessidade libidinal sublimada), foram características que estabeleceram a compreensão da

obra através um olhar psicológico e de um estudo mais detalhado mediante a perspectiva da psicanálise. Incluindo também, as percepções Lacan e da transferência como automatismo de repetição, vista como algo que está inscrita no registro pulsional como uma necessidade de repetição e não-repetição da necessidade.

Quando estudamos *O Ateneu* e utilizamos a psicanálise como fonte de entendimento dos possíveis mecanismos do comportamento e da personalidade de Sérgio. Analisamos também o inconsciente do personagem, seus sentimentos, pensamentos, impulsos e memórias que subjazem à mente consciente. Desse jeito, quando analisamos *O Ateneu*, conseguimos entender os mecanismos de sua individualidade de Sérgio e das relações com seus pares, seus traumas e seus complexos. Desse modo, experimentamos com essa pesquisa a capacidade de entender as possíveis evidências das relações amorosas e desejáveis de Sérgio, tanto com seus pares como também como Ema, fruto de seu desejo e potencial de ideal, que é fato marcante desde o início do enredo. Observou-se com esse estudo também os espaços ficcionais em que se desenvolveu a obra e a precisão da estrutura social, política, cultural. Nessa vertente, conseguimos compreender a subjetividade, onde foram estudados e analisados os aspectos do desejo. Também foi compreendido e analisado o amor, a partir do aspecto psicanalítico da transferência de Sérgio por Ema. Entendendo dessa maneira, como o amor é abordado em suas muitas vertentes e formas, foi visto também as relações de paixão que foram observadas por meio das conexões de subjugação no internato. Por consequência, todo esse aparato foi explorado partir dos estudos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Com bases nas pesquisas de Freud diante do conceito de pulsão (*Trieb*).

Em *O Ateneu*, foi possível perceber como Sérgio mantinha uma relação de profunda adoração por Ema, a mulher do diretor Aristarco; como essa relação era um processo intimista com base em suas neuroses, com sua mudança de cenário. Uma criança que havia sido arrancada do seu ambiente familiar, do seio materno e colocada de forma brusca em um ambiente totalmente cheio de mazelas, o internato. Com isso, podemos estabelecer uma visão, de que o ambiente externo e de vivência de um indivíduo podem sequestrar o sujeito.

Desde já, foi compreendido que *O Ateneu* é representação paródica do mundo, onde ecoam as palavras do pai de Sérgio, à entrada do internato: “Vais encontrar o mundo”. Assim, ao leitor da narrativa é possível entrar não só no microcosmo da sociedade da época, mas também na subjetividade e nas memórias individuais do narrador Sérgio. Foi compreendido também através da análise da obra, a perseverança dos afetos nas relações de Sérgio com seus pares e com Ema. Descortina-se com essa investigação os valores sexuais que são descritos

através personagem em Ema, as referências amorosas são indicações do desejo errante do adolescente Sérgio. Que hora, nos é apresentado como uma pulsão, baseando-se nos apontamentos de Freud e Lacan, outrora, temos um amor maternal que reflete a transferência e o complexo edípiano.

Em *O Ateneu*, temos uma narrativa que traz a representação do real e do imaginário, que permite ao leitor a abstração da realidade dos personagens. Logo, Pompéia produziu em sua obra, os conflitos existenciais com os quais os personagens Sérgio confrontam-se em suas trajetórias. Sendo assim, compreendemos os mecanismos sociais da narrativa, onde as experiências vividas pelos personagens são assinaladas pelas relações de poder e lutas, que foram estabelecidas pelo sistema de dominação. Por via de tais apontamentos, conclui-se a narrativa de *O Ateneu*, reflete as circunstâncias socioculturais do seu tempo, e utilizam-se delas para manifestar através do discurso narrativo de Sérgio, onde foi notório visualizar através das entrelinhas do texto, os conceitos de pulsões sexuais, de amor, transferência entre outros. Dialogando perfeitamente, com a compreensão das implicações psicológicas do romance e dos conceitos de amor e neurose, evidenciados nas relações entre *Ema e Sérgio*.

## REFERÊNCIAS

- ARARIPE JR., T. A. O Ateneu e o romance psicológico. In: BOSI, A. (org.). Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 2003.
- BOSI, A. O Ateneu, opacidade e destruição. Céu, Inferno. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 33. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Cultrix, 2015.
- BOSI, A. Os estudos literários na Era dos Extremos. In: AUTOR, A. Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENELLI, S. J. O internato escolar como instituição total: Violência e subjetividade. *Psicologia em Estudo*, 7(2), 19-29, 2002
- BENELLI, S. J. O internato escolar “O Ateneu”: produção de subjetividade na instituição total. *Psicologia USP*, 14(3), 133-170, 2003.
- BLOS, Peter. O ego na adolescência. In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica/Peter Blos*; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. v.5, São Paulo: Global, 1999.
- FERREIRA, Nadiá P. (Nadiá Paulo) A teoria do amor na psicanálise / Nadiá P. Ferreira. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FRANCO, Pedreira. Raul Pompeia e Olavo Bilac. *Revista Treze de Maio*, Rio de Janeiro, p. 21-25, 13 nov. 1888
- FREUD, SIGMUND: “Observações sobre o amor transferencial”, Vol XII, Obras Completas, Imago. Edição eletrônica de Freud.
- FREUD, S. (1980). A dinâmica da transferência (J. O. A. Abreu, Trad.). Em J. Salomão (Org.), Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud (Vol. XII, pp. 131-143). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1912)
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: AUTOR, A. (org) Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira (vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996
- GOFFMAN, E. Manicômios, Prisões e Conventos. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

CALVINO, Ítalo Por que ler os clássicos, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

LACAN, J. O Seminário. Livro 4: A relação de objeto. São Paulo: Jorge Zahar, 1995

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. (1985). Vocabulário de psicanálise (6ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.

Maurano, Denise A transferência: uma viagem rumo ao continente negro / Denise Maurano. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

MINAYO, M. C. de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

NASCIMENTO, D. de O. Dossiê Sergio: O Ateneu como romance de formação. Dissertação (Teoria Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, p.119. 2000.

PAES, J. P. Sobre as ilustrações d'O Ateneu. In: POMPEIA, Raul. O Ateneu. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Para trás da Serra do Mím”. Em SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n.10, 2002, p. 211.

PERRON, R. Édipo, Complexo de. In: MIJOLLA, A. de. Dicionário de psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

POMPEIA, Raul. O Ateneu: crônica de saudades. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944 — R765d Dicionário de psicanálise/Elisabeth Roudinesco, Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAMPAIO, C. P. Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos. Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 38, n.4, 2004.

SANTOS, A. M. dos. Uma convergência entre naturalismo e psicanálise, mediante análise de um personagem de Aluísio Azevedo. Dissertação (Literatura e Interculturalidade) - Centro de Educação, UEPB. Campina Grande, p.108. 2012.

SELIGMANN-SILVA, M. Apresentação da questão da literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, M. (org.). História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. \_\_\_\_\_, M. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Projeto História*. 2005. nº 30, p.31-78.

SOUZA, A. O. Crítica Psicanalítica. In: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Orgs). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 285-299.

SOUZA, M. R. de. A psicanálise e o Complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. *Psicologia USP*, 17 (2), 135-155, 2006.

STEGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VERÍSSIMO, J. *Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série*. Belo horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, 20 (2), p.2-7, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932000000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932000000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21/01/2022.

YOUNG, R. M. *Complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.



*Emitido em 30/01/2024*

**DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 308/2024 - DPARQ (11.14.68.07.05)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 30/01/2024 16:52)*

**CRISTIANE DE JESUS PEREIRA GASPAR**

*SECRETARIO III*

*866500*

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sis.sig.uema.br/documentos/> informando seu número:  
**308**, ano: **2024**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **30/01/2024** e o código de  
verificação: **aec4efa77b**

